



Maria Paula Guimarães de Barros

**Experiências de intérpretes de Libras e Português na
interpretação em direção direta: aspectos formativos,
vocais e prosódicos**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de
Doutor em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da
Linguagem, do Departamento de Letras da PUC-Rio.

Orientadora: Prof^{fa} Dr^a Maria das Graças Dias Pereira

Rio de Janeiro,
Dezembro de 2024



Maria Paula Guimarães de Barros

**Experiências de intérpretes de Libras e Português na interpretação
em direção direta: aspectos formativos, vocais e prosódicos**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de
Doutor em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da
Linguagem, do Departamento de Letras da PUC-Rio.

Maria das Graças Dias Pereira
Orientadora

Felipe Venâncio Barbosa
Departamento de Linguística - USP

Marcus Vinícius Batista Nascimento
Departamento de Psicologia - UFSCar

Teresa Dias Carneiro
Departamento de Letras - PUC-Rio

Luiza Novaes
Departamento de Artes e Design - PUC-Rio

Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 2024

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Maria Paula Guimarães de Barros

Fonoaudióloga graduada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, tendo defendido sua dissertação no ano de 2019, com apoio da CAPES. Para o desenvolvimento desta pesquisa, obteve fomento da CAPES até o fim de 2023, e do CNPq dessa data em diante. Atua desde 2018 junto a Tradutores e Intérpretes de Libras e Português para o aperfeiçoamento da Versão Voz.

Ficha Catalográfica

Barros, Maria Paula Guimarães de

Experiências de intérpretes de Libras e Português na interpretação em direção direta: aspectos formativos, vocais e prosódicos / Maria Paula Guimarães de Barros; orientadora: Maria das Graças Dias Pereira. – 2024.

200 f.; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2024.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Interpretação simultânea. 3. Interpretação direta. 4. Voz. 5. Libras. 6. Intérpretes de Libras. I. Pereira, Maria das Graças Dias. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

Agradecimentos

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Maria das Graças Dias Pereira, por aceitar a mudança do tema inicial da minha pesquisa, para que pudéssemos alinhá-la aos meus propósitos profissional e acadêmico: unir fonoaudiologia e interpretação. Obrigada, Graça!

À banca examinadora, pelas contribuições feitas a este estudo, que me é tão caro. Agradeço especialmente à Prof^a Dr^a Teresa Dias Carneiro, pelos apontamentos tão minuciosos e necessários.

À Prof^a Dr^a Carolina Magalhães de Pinho Ferreira, por insistir que o que eu faço pode, sim, ser denominado *Fonoaudiologia Bilíngue*. Por sempre buscar me mostrar a importância do coletivo e tentar me incluir nele. Obrigada, Carol!

À Prof^a Dr^a Priscila Starosky, pelas contribuições assertivas, empáticas e generosas.

À minha querida colega de pesquisa, amiga e grande incentivadora, Prof^a Dr^a Talita Rosetti, pelas risadas, compartilhamentos, opiniões, “co-orientações”. Por ser firme, por ser alegre, empática e por ser “gente como a gente”. Muitíssimo obrigada!

Aos meus pais, por serem sempre incansáveis na tarefa de lutar pela minha educação e pela de meus irmãos. Sei que não foi nada fácil encarar essa missão, mas hoje percebo que estamos colhendo os frutos do nosso esforço em família, tendo a vocês como guias. Obrigada!

A toda a minha família, por serem quem são. Proativos, generosos, comunicativos e amorosos. Pessoas tão necessárias em minha jornada!

Às minhas amigas-irmãs de toda uma vida, Yara, Gabi, Kim, obrigada demais por permanecerem ao meu lado depois de tanto tempo e apesar disso! Eu amo vocês.

Aos demais amigos que fiz pelo caminho: a vida só é possível de ser enfrentada quando se tem companhias gentis. E vocês são essas pessoas. Obrigada!

À Vivian Mary Barral Dodd Rumjanek, minha primeira orientadora, lá na graduação, por ter aberto as portas do Laboratório Didático de

Ciências para Surdos - LaDiCS (literal e metaforicamente) e da pesquisa para mim, um dia. Seus gestos são inesquecíveis. Gosto da forma como sabes ser assertiva sem ferir, e dócil sem fazer enjoar. A Academia Brasileira de Ciências tem a honra de tê-la ocupando uma de suas cadeiras e eu, de poder dizer que fui sua orientanda e bolsista.

A todos os participantes do Projeto Surdos-UFRJ, que estão sempre no meu coração. Tenho muita saudade da convivência semanal, mas trago comigo os aprendizados e o carinho.

Aos colegas do LingCult, nosso Grupo de Pesquisa CNPq-PUC-Rio, obrigada pelas trocas e pelas contribuições.

À PUC-Rio, pela Bolsa de Pesquisa CAPES/CnPq, e por abraçar minha pesquisa, mesmo diante dos percalços que enfrentei pelo caminho.

Aos meus amigos-intérpretes e intérpretes amigos: um enormíssimo “obrigada” pela partilha na jornada. Obrigada por me mostrarem o verdadeiro sentido de “parceria”. Vocês são incríveis!! Intérpretes, pesquisadores e pessoas da melhor qualidade. Agradeço especialmente à Fabiana Ferreira, ao Victor Hugo Lima Nazário e à Flávia Constantini.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro, minha primeira casa acadêmica, e à qual sinto-me eternamente unida, por um cordão umbilical irrompível. Tenho essa casa como mãe. E como a boa mãe que é, ela nunca me fechou as portas, senão antes, abriu-me janelas para vislumbrar outros horizontes. Nessa casa fui aluna, bolsista e, anos depois, colaboradora. Sou muito grata pela forma amigável e amorosa com que sou sempre recebida em meu lar. Obrigada!

À FEBRAPILS e à AGITE-RJ, por confiarem em meu trabalho. Agradeço especialmente ao Presidente da Federação, Lenildo Soares, amigo querido e colega de trabalho responsável e também ao Alex Sandro Lins, outro amigo muito especial e excelente Intérprete de Libras. Meninos, vocês são e sempre foram muito generosos comigo! Desde o início, vocês acreditaram e apostaram em mim. Obrigada!!

Aos intérpretes participantes deste estudo, pela colaboração e paciência, pelas trocas e aprendizados que construímos juntos. Por

deixarem um pouco de vocês comigo e levarem um pouco de mim com vocês. Ao ouvir as contribuições de vocês, pude entender melhor a história de cada um, sentir-me um pouco parte também de cada trajetória. Sou imensamente grata por me permitirem caminhar junto. Vocês me ensinaram demais. Obrigada e obrigada!

À minha querida amiga da vida, Clara Pontes. Revisora detalhista e participativa de todo este trabalho final. Graduada em Letras e Biblioteconomia é, além de tudo, minha irmã do coração. Obrigada por ter abraçado essa missão de corrigir e reconstruir a tese comigo de uma forma tão abnegada, generosa e cheia de cumplicidade.

Por fim, aos queridos intérpretes que passaram por mim, através de meus Cursos de Voz. Eu busquei trabalhar para contribuir para a interpretação de vocês. E vocês retribuíram me ensinando a aprender, a ensinar, a interpretar, a trocar, a corrigir-me, a perdoar-me e a respeitar a todos. Esse trabalho, com toda certeza do mundo, JAMAIS seria possível SEM vocês. Ele existe para/com/por vocês. Obrigada, time!

Dedico a Fernando de Mendes Guimarães, meu querido avô materno [*in memoriam* (1934-2024)], um amante das imensidões - das palavras ao vasto mar.

Resumo

Barros, Maria Paula Guimarães de; Pereira, Maria das Graças Dias. Experiências de intérpretes de Libras e Português na interpretação em direção direta: aspectos formativos, vocais e prosódicos. Rio de Janeiro, 2024, 200 p. Tese de Doutorado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente pesquisa tem por foco analisar a compreensão dos Tradutores e Intérpretes de Libras e Português (TILSP) sobre a prática de interpretação simultânea da Libras para o Português Oral, considerando os aspectos formativos, vocais e prosódicos desse processo. As perguntas norteadoras da pesquisa são: (i) Quais são as principais dificuldades que emergem nas narrativas dos TILSPs com relação à versão voz? (ii) Quais os recursos utilizados pelos TILSPs para enfrentar essa dificuldade? (iii) Há lacunas na formação do TILSPs? Quais são? (iv) Qual é a relevância da versão voz para os intérpretes? (v) Os participantes acreditam que a Fonoaudiologia Bilíngue para Surdos poderia contribuir para a área? Os fundamentos teóricos e analíticos são da perspectiva interacional mediante postulados da Prosódia (Hewings, 1992; Coulthard, 1992), da Multimodalidade (Goodwin, 2010; Mondada, 2018), das Pequenas Narrativas (Bamberg, 2005) e dos Estudos da Tradução e Interpretação em Línguas de Sinais (Rodrigues, 2013). A pesquisa foi aprovada pela Câmara de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Os 6 participantes do estudo eram vinculados ao Curso de Extensão denominado *Aprimoramento da Direção Direta para G-TILS - Técnicas Vocais*, ofertado em modalidade remota pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Os dados foram gerados em encontros online com grupo focal e gravados em áudio, com procedimento de pesquisa baseado nos postulados da análise da conversa, com as convenções de transcrição. A análise indica que os participantes manifestam receio de interpretar em Versão Voz devido às poucas oportunidades de experiência na direcionalidade; ao possível julgamento alheio; e à escassez de formações voltadas para tal prática. Para enfrentar esta dificuldade, os intérpretes se utilizam de estratégias de oratória aprendidas no Curso de Extensão; também de colaboração junto ao intérprete de apoio; recursos visuais, como slides; e estratégias próprias da área de tradução e interpretação. Em relação à contribuição do fonoaudiólogo bilíngue, os participantes ponderaram que este pode acrescer à prática dos TILSPs. Para os intérpretes, um profissional da saúde da comunicação que saiba libras poderia oferecer suporte tanto na Versão Voz como em direção à libras, com ênfase para a transposição dos elementos prosódicos, vocais e multimodais de uma língua para a outra.

Palavras-chave

1. Letras – Teses. 2. Interpretação simultânea. 3. Interpretação direta. 4. Voz. 5. Libras. 6. Intérpretes de Libras.

Abstract

Barros, Maria Paula Guimarães de; Pereira, Maria das Graças Dias. Experiences of Libras and Portuguese interpreters in direct interpretation: formative, vocal and prosodic aspects. Rio de Janeiro, 2024, 200 p. Tese de Doutorado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research aims to analyze the understanding of Libras and Portuguese Translators and Interpreters (TILSP) regarding the practice of simultaneous interpretation from Libras to Oral Portuguese, considering the formative, vocal and prosodic aspects of this process. The guiding questions of the research are: (i) What are the main difficulties that emerge in the narratives of TILSPs regarding the voice version? (ii) What resources do TILSPs use to overcome this difficulty? (iii) Are there gaps in the training of TILSPs? What are they? (iv) What is the relevance of the voice version for interpreters? (v) Do participants believe that Bilingual Speech Therapy for the Deaf could contribute to the area? The theoretical and analytical foundations are from the interactional perspective through postulates of Prosody (Hewings, 1992; Coulthard, 1992), Multimodality (Goodwin, 2010; Mondada, 2018), Short Narratives (Bamberg, 2005) and Studies of Translation and Interpretation in Sign Languages (Rodrigues, 2013). The research was approved by the Research Ethics Committee of the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro. The six study participants were linked to the Extension Course called Improvement of Direct Direction for G-TILS - Vocal Techniques, offered remotely by the Federal University of Rio de Janeiro. The data were generated in online meetings with a focus group and recorded in audio, with a research procedure based on the postulates of conversation analysis, with transcription conventions. The analysis indicates that the participants express fear of interpreting in Voice Version due to the few opportunities for experience in directionality; to the possible judgment of others; and to the lack of training focused on such practice. To face this difficulty, the interpreters use oratory strategies learned in the Extension Course; also collaboration with the support interpreter; visual resources, such as slides; and strategies specific to the area of translation and interpretation. Regarding the contribution of the bilingual speech therapist, the participants considered that this can add to the practice of TILSPs. For the interpreters, a communication health professional who knows libras could offer support both in the Voice Version and towards libras, with an emphasis on the transposition of prosodic, vocal and multimodal elements from one language to another.

Keywords

1. Letters – Theses. 2. Simultaneous interpretation. 3. Direct interpretation. 4. Voice. 5. Brazilian Sign Language. 6. Libras Interpreters.

SUMÁRIO

1 Introdução.....	12
1.1 A pesquisadora e fonoaudióloga.....	14
1.2 As motivações teóricas e as perguntas da pesquisa.....	17
1.3 Percurso metodológico.....	18
1.4 Posicionamento teórico e analítico da pesquisa.....	20
1.5 A Fonoaudiologia Bilíngue e a Versão Voz.....	21
1.6 Organização dos capítulos da tese.....	24
2 Contextualizando a Fonoaudiologia Bilíngue hoje no Brasil.....	26
3 Intérpretes de Libras hoje: contexto, história e formação.....	32
4 Fundamentos teórico-metodológicos e analíticos.....	38
4.1 Breves conceituações e reflexões relacionadas à Interpretação de/para Língua de Sinais.....	39
4.2 Da libras para o português: impasses da tradução e da interpretação inter(multi)modais.....	46
4.2.1 Prosódia, entonação e emoção na interpretação inter(multi)modal.....	46
4.2.2 O ritmo (ou velocidade) da interpretação no contexto libras-português.....	48
4.2.3 Preferência de direcionalidade na interpretação e na tradução de libras e português.....	51
4.2.4 - Outras problemáticas quanto à questão da interpretação da libras para o português (Versão Voz).....	53
4.3 Pequenas narrativas.....	57
4.4 Multimodalidade - entendimentos, olhares e relação com o campo da tradução e da interpretação.....	59
4.4.1 Introdução aos olhares sobre a multimodalidade.....	59
4.4.2 A multimodalidade pela perspectiva interacional.....	61
4.4.3 A Multimodalidade e o campo da Tradução e da Interpretação entre Libras e Português.....	64
4.5 Prosódia na perspectiva interacional.....	67
5 Metodologia da pesquisa.....	72
5.1 Natureza da pesquisa.....	72
5.2 Grupo Focal.....	73
5.2.1 Amélie - identidade e percurso.....	76
5.2.2 Ana - identidade e percurso.....	76
5.2.3 Arthur - identidade e percurso.....	77
5.2.4 Aslan - identidade e percurso.....	78
5.2.5 Tiana - identidade e percurso.....	79
5.2.6 Violeta - identidade e percurso.....	81

5.4 O Curso.....	83
5.5 Geração dos dados para a pesquisa, transcrição e interpretação dos dados.....	88
5.6 Aspectos éticos.....	90
5.7 Custos e fontes de financiamento.....	92
6 Perspectivas e experiências dos intérpretes sobre “fazer voz”.....	92
6.1 Tiana, Aslan, Amélie, Violeta e Arthur - diferentes justificativas narradas sobre o medo da Versão Voz.....	93
6.2 Amélie, Ana, Arthur e Aslan - lidando com a dificuldade de interpretar em voz.....	101
6.3 Ana, Tiana e Violeta - lacunas na formação para a interpretação em voz.....	111
6.4 A relevância da Versão Voz para os intérpretes.....	118
6.5 Como os intérpretes acreditam que o Fonoaudiólogo Bilíngue poderia contribuir para a área.....	123
7 Reflexões.....	137
7.1 Possíveis caminhos frente às perguntas iniciais.....	137
7.2 Possíveis contribuições científicas deste estudo.....	140
7.3 Sugestões para a ampliação dos entendimentos iniciais.....	143
8 Referências.....	144
Anexo I - Convenções de transcrição.....	159
Anexo II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	160
Anexo II - Anuência da Universidade Federal do Rio de Janeiro.....	162
Anexo III - Parecer Final da Câmara de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.....	164
Anexo IV - Transcrição das entrevistas.....	165

1 Introdução

A atriz francesa e surda Emanuelle Laborit narra, em seu livro autobiográfico *O Grito da Gaivota*, experiências de sua infância, sendo uma menina surda em uma família ouvinte.

Olho do mesmo modo com que poderia escutar. Meus olhos são meus ouvidos. Escrevo do mesmo modo que me exprimo por sinais. Minhas mãos são bilingues. Ofereço-lhes minha diferença (...). Meu coração não é surdo a nada neste duplo mundo(...). O voo da Gaivota, p. 148, Emanuelle Laborit.

Transitar entre dois mundos desde o nascimento deve ser desafiador e, por vezes, na longa jornada de construir uma identidade própria, dilacerante. Encontrar, nesse trajeto, uma língua para chamar de sua, através da qual a pessoa surda possa se expressar, sem barreiras ou uso de tecnologias, é uma ideia reconfortante. As línguas de sinais devem ser, para o surdo, como um lar. Uma mistura de idioma e moradia, onde ele pode residir confortavelmente.

Apesar do conforto que a língua de sinais pode oferecer à pessoa surda, as barreiras linguísticas continuam existindo. Vivemos em uma sociedade oralizada e sonora. Transformar as barreiras linguísticas, mas sobretudo sociais que se interpõem diante dos dois mundos - um sonoro e o outro, visual - é o grande desafio dos tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais e português.

Quando o intérprete de Libras e Português faz a mensagem da pessoa surda sinalizante chegar até a sociedade ouvinte, ele faz valer o direito dessa pessoa de se comunicar, de se posicionar. Ao transformar os sinais visíveis em palavras sonoras, o intérprete oferece, junto com a pessoa surda, essa diferença (tão bem colocada por Laborit em seu livro), à sociedade ouvinte e, então, a impacta.

Quando a voz do intérprete de Libras é ouvida, não é a mensagem dele que chega para o público, mas sim a fala de uma pessoa surda. Nesse processo, as palavras escolhidas pelo intérprete para traduzir

mãos que falam são mais do que um conjunto de sons organizados, como coloca Glorinha Beuttenmüller (1925-2024), importante fonoaudióloga para a área de voz profissional e artística.

Faço coro à nobre contribuição que Glorinha deixou. As palavras têm forma, cheiro e cor. E a isso a fonoaudióloga chamou *Gestalt*, uma escultura sonora. Nesse sentido, pode-se entender que, na voz do intérprete, para que a mensagem da pessoa surda chegue ao público ouvinte com a mesma emoção com a qual foi sinalizada é preciso que essas palavras apresentem todos os traços definidos por Glorinha. Forma, cheiro e cor: sentimento, expressão e entonação.

Ser agente viabilizador do direito do outro de comunicar-se é uma enorme responsabilidade. Diante da grandiosidade dessa tarefa, faz-se necessário ater-se às pequenas nuances da interpretação para o português oral. Qualquer palavra, se pronunciada de maneira incoerente, pode mudar significativamente o teor da mensagem e o rumo da interação.

A voz do intérprete de Libras e Português, para valorizar a mensagem de “mãos bilíngues” (como as de Emanuelle Laborit - pois transitam entre dois mundos linguisticamente divididos), precisa expressar-se com as cores, formas, texturas e sabores presentes na sinalização de quem, efetivamente, está produzindo a mensagem. É muito mais do que mera “performance artística”. É um compromisso ético com o significado da mensagem.

Diante disso, a presente pesquisa tem por foco analisar a compreensão dos Tradutores e Intérpretes de Libras e Português (doravante TILSPs) sobre a prática de interpretação simultânea da Libras para o Português oral, considerando os aspectos prosódicos, vocais e formativos dos intérpretes. Esses aspectos possibilitam que a participação social das pessoas surdas, através da Libras, seja assegurada e valorizada mediante a interpretação em voz. Além disso, este estudo busca dar visibilidade às questões de multimodalidade presentes neste tipo de processo interpretativo e, ainda, propõe abrir caminhos para maneiras através das quais a Fonoaudiologia Bilíngue possivelmente

venha a sugerir contribuições futuras para a saúde do intérprete de Libras e Português.

1.1 A pesquisadora e fonoaudióloga

Neste espaço, busco delinear ao leitor retalhos que compõem a minha identidade e que me parecem relevantes para a construção do olhar que aqui proponho ao tema, bem como o interesse, tão latente que esta temática me desperta. As escolhas dos pontos a serem abordados são, naturalmente, subjetivas e perpassam também os meus desejos como pesquisadora. Portanto, esta é, por natureza, uma definição inacabada, que se constrói com o próprio olhar desenvolvido antes, durante e após este estudo. Entendo que a maneira como pude vivenciar as barreiras linguísticas que se interpuseram em minha vida desde a infância, mediante uma “prima/irmã” surda, são contribuições de extrema relevância para este estudo e para a minha constituição como profissional e pessoa.

Semelhantemente à trajetória profissional de muitos Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais e Português, Professores de Libras e alguns Fonoaudiólogos Bilíngues, o meu caminho também é motivado pela presença marcante de um familiar surdo. E, assim como cada história de vida resguarda as suas particularidades, tenho também as minhas, as quais escolho repartir nas páginas que se sucedem.

Foi no vasto quintal de meus avós, na tão saudosa e querida cidade de minha infância, nas imediações da Grande Natal, que as primeiras barreiras linguísticas começaram a se erguer diante dos meus olhos. Em Parnamirim-RN, em meio a um grande cajueiro, um rico galinheiro e muito chão de terra para correr na parte externa da casa mais marcante da minha tenra idade, corríamos, sinalizávamos e misturávamos as línguas. Éramos primas, porém quase irmãs, inseparavelmente bi(trans)língues e agitávamos a rotina familiar com tanta mistura de códigos.

Em pouco tempo, tendo conhecido alguns poucos sinais em Libras, mas desenvolvido uma boa capacidade de comunicação, passei a mediar

os diálogos entre minha prima, Luna, e alguns familiares. Aprendi a interpretar da mistura de códigos de Libras, gestos caseiros e português para um português oral que pudesse ser mais inteligível àqueles que não conseguiam se abrigar nesse grande guarda-chuva linguístico.

Traduzir as falas de minha prima para a minha avó eram um desafio e também uma grande enrascada. Sentia-me como uma espécie de tradutora, advogada e ré quando precisava mediar no “tribunal do júri” familiar organizado por minha avó para sentenciar quem havia libertado as galinhas do galinheiro. Nesse contexto, era eu a semi-intérprete, co-partícipe do “crime” e advogada de minha prima - responsável pela soltura.

Esse cenário sempre me fez pensar que o libertar às galinhas era também um libertar às nossas linguagens. Um libertar às muitas formas possíveis de nos comunicar, ao desejo de que as barreiras linguísticas não mais existissem. Era um protótipo da auto-libertação de Luna e, tangencialmente minha, que ecoou fortemente em minha memória e desencadeou o desenvolvimento de uma trajetória profissional e investigativa militante em favor da liberdade e dos direitos linguísticos.

A partir do impacto de tais vivências e, tendo em vista o privilégio social do qual pude desfrutar, me foi possível escolher uma carreira a ser seguida que dialogasse com o meu lugar no mundo e as minhas perspectivas mediante essas experiências. Entendi, então, que ser fonoaudióloga, me permitiria transitar entre as duas línguas e ainda contribuir para o desenvolvimento linguístico de pessoas surdas.

Minha escolha, todavia, não foi infundada. Além das experiências no quintal, eu bem sabia que os sinais em Libras ensinados por minha mãe foram aprendidos em aulas de Libras oferecidas na Clínica de Fonoaudiologia de abordagem bilíngue em que minha prima era acompanhada. Em minha compreensão leiga e inexperiente, a Fonoaudiologia poderia proporcionar diálogos saudáveis entre duas realidades, línguas e culturas.

Já no vestibular, no Rio de Janeiro, apesar de ter algumas dúvidas, tomei minha decisão. Eu queria ser fonoaudióloga, “aquela profissional

que sabe Libras e Português”, pensava eu. Contudo, ao iniciar a graduação, dei-me conta de que esta ciência abarcava muitos outros tópicos para além da Língua Brasileira de Sinais, que, em contraponto, só era oferecida em um único semestre da graduação. Àquela altura, porém, eu já havia conhecido outras pessoas surdas e desenvolvido um domínio maior da Libras.

A fim de saciar este anseio por um contato mais expressivo com a Comunidade Surda, ingressei para o Laboratório Didático de Ciências para Surdos, através do Projeto Surdos - UFRJ, Coordenado pela Prof^a Dr^a Vivian Rumjanek, de quem fui Bolsista de Extensão até o fim da graduação. No laboratório, onde os surdos eram atores do próprio fazer científico, pude observar, de maneira mais próxima, a prática de Tradutores e Intérpretes de Libras e Português em direção direta (Versão Voz¹). Enquanto pesquisadores surdos desenvolviam seus estudos, meus olhos e ouvidos investigativos acompanhavam minuciosamente a forma como os intérpretes eram capazes de captar cada entonação sinalizada e transferi-las para a sua voz.

Paralelamente, cursava as disciplinas da graduação e me interessava mais por voz e oratória. Com o desejo de resolver essa curiosidade, pude realizar um estágio externo na área de oratória jurídica. Nesse contexto, compreendi mais profundamente a importância da Prosódia e da Multimodalidade na transmissão da mensagem, na manutenção de seu significado e na configuração da interação.

Iniciando o Mestrado em Estudos da Linguagem na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, paralelamente comecei a construção de um projeto pessoal dedicado à oratória da interpretação no par linguístico Libras e Português. Desde então, a temática tem provocado em mim questionamentos e reflexões que permitiram e motivaram a elaboração do estudo aqui apresentado. Após um expressivo contato com diferentes TILSPs, de diversos lugares do país, a relevância do ponto abordado nesta investigação científica me pareceu evidente.

¹ Sobre o uso do termo Versão Voz, ver tópico 4.1 - especialmente, a partir da página 42.

É diante desse retrospecto relativo à minha vida profissional e pessoal que o presente estudo se delinea.

1.2 As motivações teóricas e as perguntas da pesquisa

Teóricos dos Estudos da Interpretação em Línguas de Sinais como Weininger (2014) e Nascimento (2012) enfatizam a importância da prosódia do intérprete de libras e português ao atuar em direção ao português oral. Penteado e Menechini (2017) concordam quanto à importância do cuidado vocal do intérprete. Embora sejam escassos os trabalhos que abordem esta temática específica, os estudos encontrados apontam para a relevância do cuidado vocal, tanto no que concerne à estética e à questão da prosódia, como também da saúde propriamente dita.

Soma-se a isso, as constantes queixas dos intérpretes sobre a dificuldade em executar a interpretação simultânea em direção ao português (VIANA, 2022), apontando não só para as poucas oportunidades de praticar esta modalidade de interpretação, dentro e fora do processo formativo, como também para a escassez de cursos, em contextos acadêmicos ou não, voltados especificamente para a execução da interpretação em voz (ALBRES, 2010).

Apesar da enorme relevância da interpretação em direção ao português oral, com destaque para as nuances vocais, a Fonoaudiologia Bilíngue², hoje, não se ocupa da voz do intérprete e são também escassos os trabalhos na sub-área Voz, dentro da fonoaudiologia, voltados à interpretação simultânea da Libras para o Português oral (ALBRES, 2010; PENTEADO E MENECHINI, 2017; CABRAL, 2023).

Se olharmos para o desafio com uma grande lupa, capaz de nos mostrar todos os minuciosos detalhes dessa riqueza linguística e bi(multi)modal e cultural que envolve as relações entre pessoas surdas e pessoas ouvintes, perceberemos que o trabalho do intérprete, nesse contexto, requer um enorme esforço. Traduzir não é só encontrar termos

² Sobre a conceituação da Fonoaudiologia Bilíngue, ver tópico 1.5

equivalentes entre idiomas distintos. É também (re)vestir-se um pouco da cultura do outro e (quase) ser, também, um com ele. Envolve algo de pertencimento, incorporação e, claro, voz.

Uma das grandes motivações para dar seguimento a este estudo consiste em compreender, pelo ponto de vista dos intérpretes, o que o eu-fonoaudióloga, em diálogo direto com a Libras, poderia ter em comum com a interpretação para o português oral e como isso poderia promover alguma forma de suporte às dificuldades encontradas por eles ao executarem esta tarefa. Isso resultou em uma mudança drástica no rumo da pesquisa acadêmica que inicialmente eu propunha ao adentrar o doutorado, ainda que este processo tenha se dado tardiamente frente aos prazos inevitáveis do fazer científico.

A partir dessas considerações, debruço-me sobre as seguintes perguntas na pesquisa:

1. Quais são as principais dificuldades que emergem nas narrativas dos TILSPs com relação à versão voz?
2. Quais os recursos utilizados pelos TILSPs para enfrentar essa dificuldade?
3. Há lacunas na formação do TILSPs? Quais são?
4. Qual é a relevância da versão voz para os intérpretes?
5. Os participantes acreditam que a Fonoaudiologia Bilíngue para Surdos poderia contribuir para a área?

1.3 Percurso metodológico

Os participantes-intérpretes da pesquisa compartilharam comigo muito mais do que apenas as trocas gravadas em grupo focal. Por terem sido participantes também do curso de 60 horas em que eu ministrei parte considerável das aulas, isso permitiu o estreitamento dos laços por meio de atividades práticas de interpretação, acompanhamento e *feedbacks* constantes. Afinal, a interpretação em direção direta toca os intérpretes de diferentes maneiras, inclusive emocionalmente. Os dados, nesse contexto, emergem de duas gravações geradas após o significativo

percurso pedagógico da extensão, com 6 dos participantes, mediante a plataforma de encontros virtuais Meet.

Além dos participantes-intérpretes, alunos egressos do curso, houve também a contribuição do coordenador no estudo. Ao total, foram 6 integrantes e a pesquisadora/fonoaudióloga/professora. Seus nomes fictícios são: Aslan, Amélie, Arthur, Tiana, Ana e Violeta. Todos são atuantes profissionalmente. Os critérios para a seleção dos integrantes eram: ter participado do Curso de Extensão *Aprimoramento da Direção Direta para G-TILS - Técnicas Vocais* ministrado através da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); ser um profissional atuante; e ter disponibilidade e interesse em participar. A metodologia da pesquisa tem caráter qualitativo e interpretativista, mediante a geração de dados através do Grupo Focal e com procedimento investigativo da Análise da Conversa Etnometodológica.

Para a pesquisa, houve também um diálogo informal, por aplicativo de celular, com cada um dos participantes a fim de convidá-los para o estudo e proporcionar uma aproximação com o contexto de cada um. Os dados das gravações devidamente autorizadas foram transcritos com as convenções de transcrição embasadas na Análise da Conversa Etnometodológica. A análise deu-se a partir do arcabouço teórico delineado ao longo do presente trabalho.

A proposta foi submetida e aprovada pela Câmara de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e, mediante as considerações necessárias, foram feitos os reparos apontados, para que os participantes pudessem assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com a garantia de que haviam compreendido os propósitos do estudo e desejavam deliberadamente contribuir para o mesmo. O TCLE encontra-se anexo a esta pesquisa. A Universidade Federal do Rio de Janeiro também emitiu um documento, em concordância à geração de dados deste estudo, vinculado à PUC-Rio.

1.4 Posicionamento teórico e analítico da pesquisa

O posicionamento teórico e analítico, diante das perguntas desta pesquisa, é tecido mediante saberes que se interrelacionam e, assim, coconstroem a base investigativa deste estudo. Isso se dá sob um olhar interacional, humano e em convergência com as trajetórias dos intérpretes e da pesquisadora-fonoaudióloga.

Nesse sentido, inicialmente, considero os postulados teóricos dos Estudos da Tradução e da Interpretação em Línguas de Sinais, uma vez que os saberes obtidos permitem um olhar para o contexto da interpretação da Libras para o Português oral mais cuidadoso, técnico e melhor embasado. Busco compreender, nessa seara, conceitos importantes para a compreensão da realidade dos intérpretes e do tema investigado.

Na sequência, em diálogo com a linha interacional que rege este estudo, considero as Pequenas Narrativas, enquanto eventos interacionais fundamentais para a construção dos eventos narrados pelos intérpretes, enfatizando seu caráter não-canônico, interacional e construtivista, mediante os quais os intérpretes interagem e constroem suas perspectivas.

Somam-se a este estudo também, sequencialmente, considerações sobre a Multimodalidade, a fim de buscar compreensões sobre a forma como a Versão Voz (interpretação da Libras para o Português oral) ocorre e quais são os elementos, de acordo com este referencial, que podem oferecer subsídio para o exercício de tal direcionalidade.

Como terceiro pilar teórico, está também a Prosódia. Mediante este tópico, busco traçar uma relação direta entre os elementos linguísticos que compõem a interpretação e os elementos prosódicos, sob um ponto de vista interacional, uma vez que entende-se que a Prosódia é constituinte fundamental da interação e, por isso, essencial à interpretação.

1.5 A Fonoaudiologia Bilíngue e a Versão Voz

A investigação que esta pesquisa propõe está inserida no âmbito da Prosódia, Multimodalidade, Estudos da Tradução e Interpretação em Línguas de Sinais e também das Pequenas Narrativas. Mediante tal arcabouço, a tese também sugere a discussão da possível atuação de profissionais da Fonoaudiologia Bilíngue junto à interpretação simultânea da Libras para o Português oral.

Teóricos dos Estudos da Interpretação em Língua de Sinais concordam quanto à importância do cuidado vocal do intérprete. Nesse sentido, Penteado e Menechini (2017) destacam a importância da saúde do profissional intérprete, que muitas vezes negligencia o cuidado vocal em sua formação, atuação e em sua vida, de modo geral. De igual maneira, Moura (2012) também enfatiza a importância do aparelho fonatório do intérprete e de mantê-lo saudável.

Outros autores, como Weininger (2014) e Nascimento (2012) enfatizam a importância da prosódia do intérprete de Libras e Português ao atuar em direção ao português oral. Para Weininger (2014), os elementos prosódicos são recursos-chave no discurso intermediado por intérpretes que atuam da Libras para o Português. Nascimento (2012) concorda ao afirmar que a voz e a prosódia são elementos constitutivos da produção do discurso oral e, portanto, de extrema importância no processo de interpretação da Libras para o Português oral.

A prosódia da fala, enfatizada pelos teóricos ao se debruçarem sobre a questão da interpretação em direção a uma língua oral, é entendida, na literatura, como o conjunto de fenômenos fônicos, o que envolve parâmetros de “altura, intensidade, duração, pausa, velocidade de fala, bem como o estudo dos sistemas de tom, entoação, acento e ritmo das línguas naturais” (SCARPA, 1999, p. 8 ap. BOLLELA, 2011, p.114).

Tais aspectos prosódicos são referidos por Albres (2010), como altura da voz, articulação e velocidade da fala enquanto elementos aos quais o intérprete deve ater-se durante o ato interpretativo.

Andrade (2005) pontua que tanto os cuidados vocais quanto a preocupação com a prosódia podem proporcionar uma boa expressividade oral. Nascimento (2012) complementa que tais questões devem ser objeto de relevância para os intérpretes de Libras e Português, quando atuam na Versão Voz.

Nascimento (2012) também explica que o contexto que traz a necessidade de atuação do intérprete em direção ao português oral refere-se ao “deslocamento sócio-histórico do lugar do surdo na sociedade”, que vem, cada vez mais, ocupando patamares mais altos. Nesse sentido, Nascimento destaca a importância de realizar a interpretação direta adequadamente, evitando assim o reforço do estigma de “deficiente” da pessoa surda, em caso de uma interpretação incoerente, empobrecida, sem a prosódia equivalente a que está sendo sinalizada.

Dessa forma, Nascimento (2012) destaca:

No caso desse tipo de mobilização do discurso, o enunciador/mediador, isto é, o TILSP, deve estar atento às variações prosódicas do discurso do surdo. A intensificação do articulador no momento da produção lexical (mão), o posicionamento do corpo no momento da sinalização (movimentos rotatórios, frontais, posteriores e laterais), o uso das expressões não manuais (tanto faciais como corporais: arqueamento de sobrancelhas, movimento dos lábios, abertura e fechamento dos olhos, posicionamento da cabeça, etc.) são elementos prosódicos da língua de sinais que marcam a variação da entonação do discurso, a marcação do tipo do discurso utilizado (o gênero discursivo) pelo surdo e, inclusive, o estilo individual do falante. Esses movimentos prosódicos devem ser mobilizados para a língua portuguesa na modalidade oral com a flexibilidade constitutiva da oralidade.

Assim, no que se refere ao aperfeiçoamento dos padrões da fala e da voz, respeitando os elementos prosódicos sinalizados e transferindo-os, “traduzindo-os” por meio da voz, entendo que seria de fundamental importância a presença de um profissional fonoaudiólogo que pudesse auxiliar especificamente tradutores e intérpretes de Libras e Português, pois, de acordo com a Lei Nº 6.965, de 9 de dezembro de 1981, Parágrafo Único:

Fonoaudiólogo é o profissional, com graduação plena em Fonoaudiologia, que atua em pesquisa, prevenção, avaliação e terapia fonoaudiológicas na área da comunicação oral e escrita, voz e

audição, bem como em aperfeiçoamento dos padrões da fala e da voz.

Diante desse cenário, o profissional fonoaudiólogo bilíngue seria de grande contribuição à interpretação. A Fonoaudiologia Bilíngue, como comenta Moura et al (2021) é, atualmente, uma área específica dentro do Departamento de Linguagem da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia (doravante SBFa), uma instituição internacional, com o objetivo de divulgar e discutir a produção científica na área.

Todavia, as três dimensões de atuação referidas por Moura et al (2021) para o fonoaudiólogo bilíngue não incluem o aprimoramento vocal de intérpretes de Libras, sendo elas: aquisição típica da Língua de Sinais (LS); bilinguismo educacional para aprendizes surdos e, por último, atipias em Língua de Sinais. Entretanto, no mesmo artigo, as autoras mencionam a possibilidade de se alcançar outros públicos através da Fonoaudiologia Bilíngue - dentre eles, tradutores e intérpretes de língua de sinais - mas não destrincha sobre como se daria esse trabalho, sem ênfase para a questão da voz do intérprete.

Apesar de a atuação de fonoaudiólogos bilíngues remontar aos idos dos anos 90, foi somente em 2021 que essa perspectiva de atuação pode ser oficializada e reconhecida pela SBFa, com o estabelecimento do Comitê de Língua de Sinais e Fonoaudiologia Bilíngue para Surdos (MOURA ET AL, 2021). As práticas de poucos profissionais de perspectiva linguística contra-hegemônica, contudo, desde o século passado, buscam promover o desenvolvimento linguístico da pessoa surda através da Libras dentro da clínica fonoaudiológica.

A oficialização do Comitê configura, certamente, um grande avanço no sentido de buscar promover alguma aproximação, de um lado, dos ativistas da Educação Bilíngue para Surdos (dentre eles, intérpretes de Libras), ferrenhos defensores da Língua Brasileira de Sinais e oponentes convictos à prática de oralização de surdos e, de outro lado, dos profissionais fonoaudiólogos - historicamente conhecidos por sua prática opressora, do ponto de vista linguístico, de oralização de surdos³.

³ Ver Políticas Públicas e Atuação do Fonoaudiólogo, 2010

Paralelamente, considera-se também o histórico da constituição profissional de Tradutores e Intérpretes de Libras e Português no cenário nacional. Tendo sua historicidade marcada, inevitavelmente, por um fazer voluntário, amador e de forte influência dos âmbitos comunitários e religiosos, os profissionais ainda lutam pelo reconhecimento da categoria, quanto aos seus aspectos técnicos em diálogo com a oferta de formações que contemplem a complexidade cognitiva, cultural e linguística de sua atuação.

O tardio reconhecimento do estatuto linguístico da própria Língua Brasileira de Sinais pela legislação brasileira, certamente, impacta diretamente o consequente atraso na regulamentação profissional do intérprete de Libras⁴. Ademais, o desprestígio social de uma língua viso-espacial, em comparação a línguas orais de privilégio também contribui para a desvalorização desta mão-de-obra especializada e necessária à garantia da acessibilidade linguística de pessoas surdas e sua efetiva inclusão social.

A fim de traçar diálogos possíveis entre as duas categorias profissionais acima apontadas, fonoaudiólogos e intérpretes, trago, nas páginas que sucedem este capítulo introdutório, um arcabouço teórico e analítico que me permite, enquanto pesquisadora, propor um olhar investigativo, crítico e reflexivo para os dados gerados e a tese proposta mediante tais dados, sua análise e teorização.

1.6 Organização dos capítulos da tese

A tese está organizada de forma a orientar o leitor, no capítulo introdutório, para a jornada investigativa da pesquisadora, o tema da pesquisa, as perguntas, e todo o arcabouço teórico-metodológico que compõe o presente estudo. Na sequência, busco contextualizar o leitor acerca do histórico da profissão do fonoaudiólogo, de forma a culminar no que hoje entende-se como Fonoaudiologia Bilíngue para Surdos. Complementando esta jornada de contextualização, em seguida,

⁴ Ver capítulo 3.

apresento brevemente um histórico da profissão do Tradutor e Intérprete de Libras e Português em território nacional. Após estes capítulos de revisão, apresento ao leitor o arcabouço teórico da pesquisa, considerando os Estudos da Tradução e da Interpretação em Línguas de Sinais, as Pequenas Narrativas, a Multimodalidade e a Prosódia.

Dando continuidade à apresentação do estudo, seguem-se os detalhes metodológicos que o compõem e precedem a análise dos dados propriamente dita, dividida em quatro momentos analíticos: 6.1 Tiana, Aslan, Amélie, Violeta e Arthur - diferentes justificativas narradas sobre o medo da Versão Voz; 6.2 Amélie, Ana, Arthur e Aslan - lidando com a dificuldade de interpretar em voz; 6.3 Ana, Tiana e Violeta - lacunas na formação para a interpretação em voz; 6.4 A relevância da Versão Voz para os intérpretes; 6.5 Como os intérpretes acreditam que o fonoaudiólogo bilíngue poderia contribuir para a área.

Encerrando o estudo, deixo algumas reflexões que poderão principiar novos entendimentos acerca do aprimoramento da Versão Voz no par linguístico Libras-Português.

Nesse sentido, espera-se que a pesquisa proposta possa viabilizar diferentes olhares e reflexões sobre a prática do Tradutor e Intérprete de Libras e Português (TILSP), quanto às formações ofertadas, com destaque para os aspectos prosódicos, vocais e multimodais. De maneira adjacente, o estudo busca também permitir novos questionamentos acerca do exercício profissional do Fonoaudiólogo Bilíngue para Surdos, a fim de buscar possíveis diálogos com os TILSPs. Espera-se ainda, mesmo que de modo inicial, ofertar possíveis caminhos científicos, por meio de aproximações não apenas práticas, mas também intelectuais.

As referências, os anexos e a própria transcrição na íntegra das entrevistas de pesquisa encontram-se ao fim da tese.

2 Contextualizando a Fonoaudiologia Bilíngue hoje no Brasil

Para se entender a constituição e o posicionamento ideológico, de práxis e identitário, da clínica fonoaudiológica geral hoje no Brasil, é preciso olhar cuidadosamente para o seu surgimento, refletir sobre o contexto histórico que a circundava e as referências norteadoras para esta profissão até os dias atuais. Quando consideramos, especificamente, a atuação do fonoaudiólogo frente a questões da surdez, é necessário, ainda, nos debruçarmos sobre a História da Educação de Surdos e buscar entender de que forma ela se entrelaça à construção histórica da clínica fonoaudiológica nacional.

Ao final do século XIX, o Brasil vivenciava uma série de movimentos migratórios dentro de seu território federativo. Entre os anos de 1920 e 1940, o país passou a perceber algumas necessidades políticas e sociais evidenciadas a partir do fenômeno da migração interna. As diversidades regionais foram entendidas, nesse contexto, como um problema a ser erradicado e, junto ao movimento higienista brasileiro, deu-se início à busca de uma padronização na fala, nos costumes e no comportamento social. Surgiu, então, um processo de tentativa de uniformização da língua⁵.

Nessa época, a profissão do fonoaudiólogo ainda não existia de maneira formalizada. Inicialmente, as demandas relacionadas a problemas ou a queixas da fala eram percebidas no ambiente escolar. Os professores eram os responsáveis por tentar restaurar a “funcionalidade” da fala, sempre em busca da manutenção de um padrão hegemônico que valorizasse a variante linguística de classes sociais mais favorecidas e o sotaque da região de maior desenvolvimento econômico no país no momento – a saber, a região sudeste. Por falta de uma mão de obra especializada e de um instrumental teórico-metodológico que auxiliasse os professores na tarefa de “corrigir” a fala, o médico passou também a ser requisitado para esse objetivo.

⁵ Ver Políticas Públicas e Atuação do Fonoaudiólogo, 2010

Médicos e professores lançaram-se à jornada de higienização da fala. Mais tarde, entre os anos de 1940 e 1950, foi inaugurada uma formação mais específica para professores na área de desvios da linguagem. Assim, o professor que desejasse atuar em questões voltadas à fala, deveria cursar, além do magistério, mais três meses de Ortofonia – também chamada de Logopedia ou Terapia da Fala. Portanto, o tratamento das até então entendidas como “patologias da fala” ainda estava centrado no ambiente escolar. Porém, agora, começou a ser entendido como uma questão educacional que requeria alguma formação especializada.

Com o início dessa mudança de cenário para as “patologias da fala” a partir da exigência de uma habilitação específica, a demanda passou a ser compreendida como um aspecto a ser abordado clinicamente. Tal compreensão evidenciou-se com a inauguração, em 1947, do Laboratório de Fonética Acústica. Porém, é importante enfatizar que o foco das questões da linguagem falada ainda estava no paradigma da doença x saúde e o sujeito falante ao apresentar manifestações dialetais diferentes da hegemonicamente imposta como padrão, era visto como aquele que apresentava um desvio, uma patologia. Era, portanto, um ser doente que necessitava de tratamento clínico para que sua diferença linguística fosse apagada. A instauração de um modelo de fala neutro, “limpo”, homogêneo é uma ideologia presente ainda nessa época, fundamentada no Movimento Higienista Brasileiro (Aarão et al, 2011).

O Laboratório de Fonética Acústica trouxe uma formação específica baseada principalmente em estudos estrangeiros – à época, os mais avançados na área. O foco era a investigação de manifestações dialetais e características psicoacústicas da fala e audição dos escolares. Inaugurou-se, assim, na Universidade de São Paulo, o Setor de Ortofonia, com atendimentos individuais para crianças em idade escolar.

Com a saída do tratamento de questões da fala do cenário escolar para o cenário clínico, em 1956, o Hospital das Clínicas de São Paulo implantou o Setor de Foniatria, que oferece uma formação para os médicos tratarem as questões da fala de seus pacientes. Dessa maneira,

a fonoaudiologia iniciou sua história como uma área paramédica em entrelaçamento com a Educação.

A partir do avanço da área de estudos da linguagem falada, com início no âmbito escolar e, agora, adentrando o cenário médico, notou-se a necessidade da elaboração de uma graduação que pudesse formar profissionais capacitados a atender essas demandas, unindo pedagogia e medicina em um único arcabouço teórico-metodológico.

Portanto, em 1960, foi estabelecido o primeiro curso de graduação em Fonoaudiologia do Brasil. É importante ressaltar que a perspectiva adotada, dado o contexto, propõe uma abordagem mecanicista da linguagem.

O ano de estabelecimento da primeira graduação de Fonoaudiologia no Brasil não pode ser historicamente ignorado. Trata-se da instauração da Ditadura Militar no Brasil, que, além de oprimir política e socialmente os cidadãos brasileiros, também sufocou a ciência nacional por meio da censura e da promoção da alienação, com um fazer científico descontextualizado e vazio de crítica social. O positivismo foi a perspectiva que norteou o fazer científico nessa época. Portanto, a efetivação do curso superior em Fonoaudiologia no Brasil perpetuou, de certa maneira, a ideologia iniciada no Movimento Higienista Brasileiro, de uma práxis organicista, mecânica e, agora principalmente, com um modelo teórico-metodológico clínico-médico.

A mudança de paradigma na Fonoaudiologia somente se iniciou em 1980, quando da regulamentação da profissão e sua inserção na Saúde Pública Brasileira. As práticas de prevenção e promoção da saúde, aplicadas à Fonoaudiologia, contribuíram para a desconstrução de uma abordagem mecanicista e descontextualizada. Se, antes, a ideia era buscar uma homogeneização da fala dos alunos em ambiente escolar, agora, a perspectiva adotada trazia a concepção de que a escola precisava se adequar para receber a todos, com suas diferenças e capacidades. Houve, portanto, uma compreensão maior da pluralidade e sua importância no cenário social, sobretudo escolar.

Em 1990, a mudança de paradigma na atuação do fonoaudiólogo se evidenciou ainda mais. A concepção das alterações da fala ou desvios de linguagem enquanto doença perdeu seu lugar de destaque e as diferenças passaram a ser vistas como possibilidade de plano de trabalho na Educação. A Fonoaudiologia Educacional, portanto, ganhou maior visibilidade e se intensificou com o aumento do número de publicações em 2000.

Com relação ao delineamento da Fonoaudiologia Bilíngue para Surdos, além do acompanhamento da trajetória da Fonoaudiologia enquanto profissão e ciência, ela também se entrelaça à História da Educação de Surdos. Nesse sentido, é necessário pontuar o surgimento da proposta da educação bilíngue para surdos em 1980. Foi a partir desse momento que a Fonoaudiologia voltou seu olhar ao Surdo de uma maneira diferenciada. Porém, não podemos negar o predomínio de práticas oralistas junto ao Surdo desde o início do surgimento da profissão do fonoaudiólogo até os dias atuais.

A Clínica Fonoaudiológica Bilíngue para Surdos é hoje, no Brasil, uma prática contramajoritária, um movimento de resistência que, apesar de relativamente pequeno, vem ganhando forças com o aumento do número de publicações na área e, principalmente, pelo nascimento do Comitê de Língua de Sinais e Bilinguismo para Surdos, aprovado pela Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia (SBFa) em 2019 e referendado em 2020, com o objetivo de divulgar e discutir a produção científica na área.

A formação do Comitê propiciou também o estreitamento da relação entre fonoaudiólogos bilíngues em todo o país. Nesse sentido, é relevante mencionar que, um estudo realizado na Universidade Federal da Bahia (Vianna, 2018), sob a orientação da professora Dra. Desireé Berglow, localizou referências sobre serviços em Fonoaudiologia Bilíngue para Surdos: um na região Nordeste, um na região Sudeste e dois na região Sul; outras três referências encontradas não apresentavam a informação do local.

No estudo, Vianna (2018) também analisa a forma como funcionam os serviços de Fonoaudiologia Bilíngue para Surdos mencionados. Em sua maioria, os espaços são clínicas-escolas, vinculadas a universidades e oferecem o atendimento uma vez por semana e com sessões terapêuticas relativamente curtas, dada a demanda local. Nesse contexto, é necessário pontuar que me alinho à perspectiva de Vianna quando declara que o atendimento fonoaudiológico bilíngue só é possível quando o profissional fonoaudiólogo tem domínio da Língua de Sinais. Assim, ainda que clínicas-escolas apresentem a proposta bilíngue, sabe-se que os terapeutas-estagiários atuantes nos serviços, em sua grande maioria, não dominam a Língua Brasileira de Sinais e apenas têm contato com a língua ao cumprirem a disciplina obrigatória de Libras em algum período inicial da graduação em fonoaudiologia.

Todavia, o movimento de Bilinguismo Surdo na Clínica Fonoaudiológica vem apresentando conquistas nos últimos anos. Como exemplo, além da efetivação do Comitê de Língua de Sinais e Bilinguismo para Surdos, temos também a publicação do Manifesto da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia contra a implementação da proposta do Método Fônico para a Alfabetização de Surdos, pelo Ministério da Educação, em 26 de Setembro de 2019. É uma data significativa para a Comunidade Surda brasileira, que remonta à fundação do Instituto Nacional de Educação de Surdos na cidade do Rio de Janeiro⁶.

Em resposta a essa retrógrada arbitrariedade, a Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia posicionou-se, lembrando e enfatizando a possibilidade de alfabetização pela rota lexical, mecanismo que exclui a necessidade da associação grafema-fonema para o aprendizado da leitura. Portanto, uma vez que o surdo não tem acesso ao som naturalmente, teria mais dificuldade em aprender a ler com a metodologia proposta. A SBFa lembra, em seu manifesto, a cientificidade da eficácia do aprendizado da leitura sem necessidade do uso da rota fonológica,

⁶ O Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) foi criado pela Lei n.º 939, de 26 de setembro de 1857, com denominação dada pela Lei n.º 3.198, de 6 de julho de 1957.

além de ressaltar o quanto o Oralismo foi prejudicial para o desenvolvimento da Educação de Surdos ao longo da História.

Ao lembrarmos a história do nascimento da clínica fonoaudiológica no Brasil e seu tradicionalismo organicista, biomédico e desconectado de questões sociais e sociolinguísticas, podemos compreender a dimensão do avanço que o posicionamento da SBFa frente à proposta do Método Fônico significa. A Fonoaudiologia Bilíngue para Surdos existe, resiste e tem, sim, conquistado espaço ao longo dos anos.

Não podemos ignorar, é claro, que as práticas em reabilitação auditiva, o monolinguismo oral e implementação de tecnologias que visam ao apagamento da diferença ainda ocupam um espaço muito maior na clínica fonoaudiológica. Porém, é possível observar que a Clínica Fonoaudiológica Bilíngue tem avançado, mesmo que a passos não tão rápidos como gostaríamos, mas trilhando seu caminho de maneira muito significativa, racional e sensível.

Gonçalves et al. (2019) chamaram a atenção para a percepção dos alunos de fonoaudiologia sobre o atendimento fonoaudiológico em Surdez. Nessa direção, alunos e familiares mencionaram que a disciplina de Libras foi fundamental para o estabelecimento de comunicação com os pacientes atendidos na referida clínica. Todavia, mencionaram também que a disciplina apresenta poucos créditos, fazendo com que o trabalho com a pessoa surda se apresente com um déficit, devido ao prejuízo na prática comunicacional.

Moura e Nascimento (2018) realizaram uma pesquisa com indivíduos surdos acerca do atendimento fonoaudiológico. Os autores destacam o número reduzido de surdos que aceitaram participar do estudo. Esse é um dado relevante, se considerarmos a História da Educação de Surdos e a maneira arbitrária como a língua oral foi, e muitas vezes ainda é, imposta ao surdo. Como consequência, é plausível que os surdos não se sintam estimulados a falarem sobre o assunto. Quanto aos participantes do estudo, eles reconhecem a importância da fonoaudiologia para o desenvolvimento da língua oral e ampliação do contato com a comunidade ouvinte não-sinalizante. Além disso, os

autores também pontuam a “fala” (por mim entendida como *oralização*) na clínica fonoaudiológica com surdos na contemporaneidade como ocupando um entre-lugar. Ou seja, é um elemento que não descaracteriza a surdez, mas que também não é essencial para o trabalho clínico.

Costa (2014) também enfatiza essa mudança de perspectiva na agenda da fonoaudiologia educacional voltada à Surdez. O autor destaca o papel do fonoaudiólogo como o profissional que deve buscar uma abordagem terapêutica que contemple a realidade dos sujeitos surdos. Nesse sentido, como muitos surdos chegam ao ambiente escolar sem terem adquirido a Libras como primeira língua, o fonoaudiólogo estaria incumbido de ofertar a Libras como primeira língua ao sujeito surdo.

Mais recentemente, a Clínica Fonoaudiológica Bilíngue também foi apontada por Cavalcanti e Pinto (2020), com desafios a serem vencidos, porém com otimismo frente os ganhos que o Bilinguismo na clínica pode oferecer ao indivíduo surdo, como apropriação cultural, compreensão do abstrato a partir da habilidade linguística e, ainda, o desenvolvimento linguístico propriamente dito.

Notamos, no entanto, que, nos estudos realizados acerca da Fonoaudiologia Bilíngue no contexto da Surdez, não foi mencionado o aprimoramento vocal de intérpretes de Libras como uma possibilidade de atuação, embora Barbosa e Magalhães (2023) entendam a valorização da diferença e a visibilidade à diversidade linguística como um dos objetivos da Clínica Fonoaudiológica Bilíngue.

3 Intérpretes de Libras hoje: contexto, história e formação

A profissão do tradutor e intérprete de Libras-Português, apesar de carecer de documentações que confirmem e formalizem o seu início, conta também, no seu percurso, com alguns marcos relevantes, sobretudo em diálogo direto com a História da Educação de Surdos, que nos permite traçar um fio condutor de como essa profissão foi sendo

constituída no decorrer do tempo. Apesar de tal dificuldade, há alguns marcadores temporais na história dos intérpretes de Libras e Português que são significativos para a construção desta identidade profissional coletiva. Um deles é a presença do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), a primeira instituição de educação de surdos no país, criada em 1857 e, a partir de onde, tem-se as primeiras notícias da atuação de intérpretes de línguas de sinais no Brasil, de acordo com Laguna (2015).

O intérprete, pesquisador e linguista Glauber Lemos (2022) realizou uma importante pesquisa documental nesse sentido, mediante acesso aos acervos históricos do Instituto Nacional de Educação de Surdos, com enfoque nos registros de atuação dos tradutores e intérpretes de Libras no Instituto, nos séculos XIX, XX e XXI.

Em sua minuciosa busca, Lemos (2022) encontrou documentos e também pesquisas que apontam para fatos importantes na história desses profissionais, em período bastante anterior à regularização da profissão. No século XIX, por exemplo, o atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), então Imperial Instituto de Surdos Mudos (IISM), contava com o exercício laboral oficial de Repetidores Surdos. Esses profissionais, de acordo com o pesquisador, tinham muitas funções definidas, entretanto destaco aqui as funções de (i) assistir às aulas e (ii) repetir simultânea e oralmente as falas e orientações dos professores aos alunos.

Apesar de o ofício do repetidor não se tratar especificamente de um trabalho de tradutor e intérprete, Lemos (2022) levanta o questionamento da possibilidade de traçarmos uma comparação à atual profissão do intérprete educacional no contexto da Surdez. Anteriormente, a pesquisadora Laguna (2015) também já havia formulado tal questão. Afinal, de acordo com ambos os estudiosos, o labor inicial dos repetidores surdos no século XIX assemelha-se à prática profissional de um professor de surdos. No início da constituição do trabalho do tradutor e intérprete educacional, nos séculos XX e XXI, os intérpretes atuavam como professores de surdos. Hoje já há o entendimento de que se tratam de

profissões distintas, com demandas específicas e diferenciadas, apesar do diálogo entre ambas.

No século XX (1907 a 1999), há registros nos acervos documentais do INES de solicitações de intérpretes (à época denominados *Tradutores Intérpretes de Linguagem de Sinais*) para atuarem no contexto jurídico na cidade do Rio de Janeiro. Tais solicitações foram realizadas por entidades públicas externas ao INES e a alcunha dada ao profissional solicitado é de “professor”. Em um dos registros, especificamente, o delegado explica que necessita de um “professor” para “atuar como intérprete”, o que aponta para a falta de reconhecimento da prática de interpretação como uma profissão específica (ver Lemos, 2020).

Ainda no século XX, há outro importante fato na historicidade da atuação dos intérpretes através do Instituto Nacional de Educação de Surdos, trata-se da presença de um funcionário público da instituição, denominado Francisco Esteves Gomes, que recebeu, em seus registros laborais, 90 solicitações para atuar como intérprete, embora seus cargos na instituição, que foram mudando de nome no decorrer do tempo, não tivessem recebido a denominação de “intérprete”. Porém em sua ficha individual de 1962, conforme encontrada pelo pesquisador Glauber Lemos (2022), consta o exercício da ocupação de intérprete como uma de suas funções na instituição.

Posteriormente, mas ainda no mesmo século, o INES tem registros de outros dois tradutores e intérpretes de língua de sinais atuando dentro da instituição. Todavia, sabe-se, de acordo com os Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais, que, nesse mesmo período, em todo o Brasil, muitos familiares e/ou simpatizantes da língua de sinais ou de pessoas surdas atuavam voluntariamente, sem registros formais e nenhum tipo de formação. Por isso, a pesquisa conduzida por Glauber Lemos levanta dois importantes questionamentos. O primeiro é se estes que atuavam no INES eram remunerados por exercerem a interpretação além das outras funções para as quais eram designados e se, possivelmente, tratam-se dos primeiros Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais e Português formalmente reconhecidos.

Afora os marcos da instituição, outros também são relevantes nesse período, como a atuação de Denise Coutinho, em 1987, interpretando o Hino Nacional Brasileiro, durante a Assembleia Nacional Constituinte. De acordo com Leite (2008), Denise recebeu severas críticas da própria classe por tê-lo feito voluntariamente, sem remuneração.

Paralelamente, Ricardo Sander, no Sul do país, também começa a se destacar por interpretar o Hino Nacional Brasileiro em eventos oficiais da FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos). O intérprete chama a atenção da classe, à época, por ser o primeiro sem nenhum vínculo familiar com pessoas surdas atuando de maneira sistemática, conforme registrou Rocha (2013).

Em entrevista à Maria Cristina Pires Pereira, em 2023, Sander relata que quando iniciou sua imersão na comunidade surda, nos anos 80, ainda não se falava sobre a profissão de intérprete neste contexto, e ele nem mesmo imaginava que em outros países essa atuação, de forma profissional, já existia.

Sander destaca, em entrevista, o ano de 1997 como outro marco importante para a história profissional dos intérpretes de Libras e Português em território nacional. Nesse ano, inaugurou-se o primeiro curso para intérpretes de língua de sinais no país. Na ocasião, as circunstâncias mostraram-se bastante favoráveis para o surgimento da formação, uma vez que o Professor Carlos Skliar, importante pesquisador dos Estudos Surdos, atuava como professor convidado na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Skliar, junto ao seu grupo de pesquisa fundado em 1990, denominado *Núcleo de Pesquisa em Educação de Surdos* (NUPPES), promoveram importantes movimentações de forma a contribuir para a organização deste primeiro curso no país.

Em 1988, houve o primeiro Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais, organizado pela FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos). O evento possibilitou a interação por parte de intérpretes de todo o Brasil e, de acordo com Goulart e Bonin (2021), propiciou também uma avaliação sobre aspectos ligados à

interpretação. É, portanto, um marco na história dos Tradutores e Intérpretes de Libras e Português em território nacional.

Em 1992, há o registro de outro evento significativo na construção identitária dessa classe profissional. Trata-se da segunda edição do Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais. Para além da aproximação entre os profissionais, o encontro merece destaque por ter sido palco para a aprovação do Código de Ética dos Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais no Brasil, ainda em vigor (ver mais em Goulart e Benin, 2021).

Em termos legais, o século XXI foi um importante período para a história dos TILSPs. A profissão, para além dos muros do Instituto Nacional de Educação de Surdos, começa a ter maior visibilidade, distanciando-se de seu caráter inicialmente apenas voluntário e humanístico. A primeira lei a ser destacada aqui é a de nº 10.098, do ano 2000, que estabelece normas e critérios para a promoção da acessibilidade e reconhece a Libras como forma de comunicação de pessoas surdas.

Posteriormente, houve também o reconhecimento do estatuto linguístico da Libras, por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Três anos depois, o decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005 é estabelecido, com o intuito de regulamentar a Lei 10.436. Em 2010, a Lei 12.319 regulamentou a profissão do Tradutor e Intérprete de Libras e Português. Mais tarde, em 2023, a Lei 14.704/2023 alterou a Lei 12.319 de 2010.

Nesse sentido, Carneiro (2017) ressalta que o aspecto da profissionalização dos intérpretes de línguas de sinais é um fator marcante e significativamente distintivo com relação aos intérpretes de línguas orais. Carneiro relembra que, ao passo que a interpretação entre línguas orais conquistou seu espaço e notoriedade em ambientes de conferências, a interpretação entre línguas de sinais e línguas orais tem sua trajetória inicial marcada, principalmente, pelo contexto comunitário.

A partir de sua caracterização, a constituição profissional dos intérpretes de libras é bastante marcada pela presença de iniciativas civis,

não públicas, como destaca Lima (2018). A pesquisadora aponta que poucas eram as instituições de caráter público que se ocupavam de oferecer formação para intérpretes, neste contexto. Somente tempos depois é que a universidade se torna também um lugar de formação para tradutores e intérpretes de libras e português e, inicialmente, em cursos de extensão/livres, em parceria com instituições civis.

Lima (2018) destaca, nesse sentido, a presença da FENEIS, cuja nomenclatura, 1987 era, inicialmente FENEIDA (Federação Nacional de Educação e Integração de Deficientes Auditivos) e ainda era gerida por pessoas ouvintes. Contudo, em 1989, a federação mudou sua forma de gestão e também seu nome.

A FENEIS foi a instituição que agregou intérpretes e promoveu os primeiros eventos na área, conforme aponta Quadros (2004), além de criar um departamento específico para intérpretes em suas unidades regionais, proporcionando maior possibilidade de articulação política para a categoria.

Somente em 2008 fundou-se uma instituição encarregada especificamente dos tradutores e intérpretes de Libras e Português. Denominada Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia intérpretes de Língua de Sinais (Febrapils), a instituição se encarrega, até os dias atuais, de orientar, apoiar e consolidar as Associações de Tradutores, Intérpretes e Guia intérpretes de Língua de Sinais e busca também defender os interesses da categoria e atuar sob os pilares da formação, profissionalização e engajamento político da categoria.

De acordo com Perse (2020), após uma robusta investigação, até o final do ano de 2019, o Brasil contava com 69 universidades federais, das quais 33 ofereciam Cursos de Graduação em Letras/Libras. Destes, 31 estavam ativos e apenas 7 ofertavam a formação de Bacharelado em Letras/Libras. Esta última habilita o egresso a atuar enquanto tradutor e intérprete de Libras e Português em diferentes contextos e cenários.

De 2002 a 2013, o Instituto Nacional de Educação de Surdos contou com a atuação de intérpretes remunerados por meio de três empresas

terceirizadas diferentes, cada qual em momentos distintos. As duas últimas registraram na Carteira de Trabalho dos profissionais a ocupação de “intérprete de libras”.

Com o reconhecimento e a regulamentação da profissão em 2010, por meio da Lei nº 12.319/10, o Instituto Nacional de Educação de Surdos pôde organizar-se para que, em 2013, ocorresse o primeiro Concurso Público para o cargo de Tradutor e Intérprete de Libras e Português, nível médio. Foram aprovados 36 intérpretes e todos foram convocados no mesmo ano. Desde então, os profissionais já promoveram a organização de eventos diversos na instituição, grupos de estudos, e tiveram também uma importante atuação remota no período pandêmico.

Considerando a historicidade da formação dos intérpretes de Libras e também do processo de reconhecimento do estatuto linguístico da Língua de Sinais em território nacional (abordados no tópico anterior), é compreensível que a formação dos intérpretes de Libras em nível superior apresente uma ênfase maior na Libras, no sentido de buscar valorizar e reconhecer esta língua. Todavia, é importante que o intérprete esteja habilitado a atuar em ambas as direções e que, portanto, possa e saiba fazer um uso adequado da língua portuguesa em sua modalidade oral, considerando as nuances próprias à oralidade, tais como entonação, expressividade vocal e uso adequado da voz, além do que, a habilitação com respaldo teórico e prático para atuar em direção ao português oral, situa o profissional efetivamente como intérprete e o diferencia de um profissional exclusivamente da área educacional.

4 Fundamentos teórico-metodológicos e analíticos

Para a análise e o embasamento deste estudo, considero os estudos da interpretação, da narrativa, da multimodalidade e da prosódia. Entendo que estes quatro pilares teóricos são de grande contribuição

para a perspectiva adotada - a saber interacional - e possibilitarão um olhar crítico e robusto para os dados gerados em grupo focal.

4.1 Breves conceituações e reflexões relacionadas à Interpretação de/para Língua de Sinais

Cabe realizar algumas conceituações básicas no âmbito dos Estudos da Interpretação, com foco principal nas relações entre Libras e o Português Oral. Inicialmente, é importante explicar que os Estudos da interpretação distinguem-se dos Estudos da Tradução, embora ambos estejam em constante diálogo. De acordo com Carneiro (2021), a interpretação é mais antiga do que a tradução. Porém, enquanto campo de pesquisa, a interpretação data apenas de 100 anos.

A denominação “Estudos da Interpretação” surgiu em 1992 em uma plenária constituída por Gile, Hans Vermeer e José Lambert no Congresso de Estudos da Tradução em Viena, como relata Carneiro (2021). Na atualidade, os Estudos da Interpretação são um campo independente aos Estudos da Tradução. Os principais tópicos abordados nos Estudos da Interpretação hoje são o processo cognitivo; preocupações profissionais e a formação de intérpretes.

Os Estudos da Interpretação ganharam também notoriedade com as percepções de Pöchhacker e Shlesinger. Os autores contestaram o conceito trazido por Holmes (1972) de que “a interpretação era meramente mais um dos objetos de estudo da tradução, sem a necessidade de designá-la como uma existência (sub)disciplinar distinta”.

Nesse sentido, Pöchhacker (2009, p.128) define que “[...] os Estudos da Interpretação distinguem-se claramente por seu objeto de estudo específico, ou seja, a tradução humana em ‘tempo real’, que ocorre em um contexto comunicativo essencialmente compartilhado”. A autora traz portanto dois aspectos relevantes para a distinção da tradução e da interpretação: a temporalidade e a interação.

Por sua vez, Rodrigues (2018, p.120) propõe outra definição de interpretação, destacando a ausência ou escassez da possibilidade do

uso de apoio externo. Para o pesquisador, a interpretação é, então, uma forma de tradução oral humana que se realiza em contexto comunicativo compartilhado em que não se consegue ou tem-se pouco apoio externo.

Após esta breve conceituação de Estudos da Interpretação, no contraponto com Estudos da Tradução, considero importante destacar, como bem pontua Silva (2021), que há, ainda, uma outra subdivisão específica para os Estudos relacionados à área de Interpretação nas Línguas de Sinais.

Nesse sentido, destaca-se a importante influência da interpretação em línguas de sinais nos últimos quinze anos, como reflexo das conquistas das comunidades surdas ao redor do mundo, como pontua Carneiro (2021). Diante disso, a autora questiona sobre possíveis trocas a serem realizadas entre os pesquisadores de interpretação e os intérpretes de línguas orais por um lado e pesquisadores e intérpretes de línguas de sinais, de outro.

Ainda no âmbito da interpretação em línguas de sinais, Carneiro (2021) destaca que as principais pesquisas hoje relacionadas à temática envolvem as modalidades de interpretação; a preferência por direcionalidade; as especificidades dos intérpretes filhos de pais surdos (CODA); formação e regulamentação; normas de tradução; ética e código de ética, entre outros.

Com relação aos conceitos importantes para os Estudos da Interpretação, pontuo abaixo três deles, a saber: temporalidade, modalidade e direcionalidade.

As diferenças quanto à temporalidade podem configurar o processo como simultâneo ou consecutivo. A interpretação tem a temporalidade como fator central para sua diferenciação quanto a uma tradução. Cabral (2015) explica que, na interpretação simultânea, o intérprete traduz o discurso do orador em tempo real. E, no caso de uma interpretação de uma língua de sinais para uma língua oral, o profissional precisa ser capaz de processar as informações em dois idiomas, simultaneamente, tanto a visual, em Libras, como a auditiva, em Português.

Há ainda a interpretação consecutiva. Gile (1995) pontua que, já no caso da interpretação consecutiva, é importante que o intérprete consiga reter as informações em sua memória de curto prazo enquanto a interpretação é produzida.

Há também diferenciações na Interpretação da Libras para o Português oral quanto à modalidade. O conceito de *modalidade* é definido por McBurnney (2004) como o conjunto dos sistemas físico-biológicos utilizados para a transmissão da mensagem. Para a autora, é através desses sistemas que a fonética da língua se manifesta.

Assim sendo, ao pensar no contexto da interpretação de uma língua de sinais para uma língua oral, tem-se, então, duas modalidades linguísticas em questão. Para Nascimento (2016) essa especificidade acarreta uma série de efeitos para o ato interpretativo, da compreensão dos enunciados à produção das mensagens, proferidas pelo intérprete durante seu ato interpretativo.

Rodrigues (2013), por sua vez, revela como tratar dessas especificidades. O pesquisador destaca a importância da memória e explica que o intérprete precisa ater-se cuidadosamente à mensagem que está sendo passada, usando recursos linguísticos de processamento da mensagem ao traduzir e deve manter sua atenção nas próximas sentenças proferidas pelo orador. Ou seja, trata-se de um árduo trabalho de atenção e memória, além dos recursos linguísticos propriamente ditos.

Outro aspecto com relação à modalidade linguística é que não se resume apenas à diferenciação oral x visual. Ambas as línguas (português e libras, neste caso) apresentam também forma de registro escrito. Por isso, diz-se *português escrito* ou *português oral*, por exemplo. Em libras, há algumas formas de registro escrito, embora pouco difundidas. Dentre elas, está o *SignWriting*.

Havendo outras modalidades de expressão e recepção de uma mesma língua, é possível referir-se, como aponta Quadros (2012), a falantes monolíngues bimodais - fluentes na língua tanto falada, como escrita. Ou, ainda, há falantes que sejam bilíngues bimodais - termo

utilizado para pessoas fluentes tanto em uma língua oral como em uma língua de sinais.

Assim, quando se fala em intérpretes que atuam com línguas de modalidades diferentes, diz-se tratar-se de “intermodalidade”. Para Rodrigues (2013), a intermodalidade requer do intérprete a mobilização de recursos específicos, uma vez que a língua visual permite outras manifestações linguísticas, como a questão da performance corporal-visual e, ainda, da sobreposição de línguas.

Silva (2021) também explica que outro fator complexo na interpretação intermodal é a questão do tempo, uma vez que, para produzir a voz leva-se, em geral, a metade do tempo necessário para realizar a produção de um sinal. Assim, o tempo de que o intérprete dispõe para a interpretação, pode variar a depender da direcionalidade da interpretação.

Rodrigues (2013) indica que a linearidade preponderante na produção das línguas orais em oposição à simultaneidade característica da produção linguística em sinais impacta, dentre outros fatores, diretamente a direcionalidade da interpretação, sobretudo, para o teórico, quando a interpretação ocorre de forma simultânea.

A interpretação, seja intramodal (entre duas línguas da mesma modalidade - inglês e português, por exemplo) ou intermodal (entre línguas de modalidades diferentes, uma visual e outra de sinais), envolve duas direcionalidades, a inversa e a direta.

A direcionalidade inversa, seguindo esta nomenclatura, ocorre quando o profissional interpreta a partir da sua língua materna (ou língua de preferência) em direção a sua segunda língua (ver Silva, 2021). A direção direta, portanto, ocorre quando o intérprete atua em direção a sua L1 - no caso de libras e português, isso aconteceria, de forma geral, na interpretação da libras para o português.

Contudo, no que tange à nomenclatura designada para a direção do ato interpretativo, é necessário entender que esta foi inicialmente pautada na interpretação entre línguas orais e, por isso, entendo que aponta para a questão da facilidade como um fator importante à escolha de tal

algunha. Sendo assim, nas línguas orais, a interpretação em direção direta seria aquela que se desenvolveria com maior facilidade para o intérprete, de forma “direta”, no sentido de apresentar menos interposições e ser mais “natural”, ou seja, é aquela que se dá em direção à língua de conforto ou “primeira língua” (L1) do intérprete.

Todavia, a interpretação entre libras e português resguarda algumas particularidades, dados o contexto sócio-histórico de pouca participação surda na sociedade; o tardio reconhecimento legal do estatuto linguístico da libras; a consequente (também tardia) regularização da profissão do tradutor e intérprete de libras e português em território nacional e, evidentemente, a diferença de modalidade entre as duas línguas - sendo uma oral e a outra de sinais.

Nesse sentido, se considerarmos que a nomenclatura da direcionalidade foi inspirada em línguas orais (e, em destaque, línguas orais de grande prestígio social), logicamente haveria a necessidade de uma nomenclatura diferenciada para uma interpretação que não ocorre de maneira unimodal, mas sim intermodal.

Na interpretação intermodal, a questão da modalidade (conceito distinto de “direcionalidade”) parece mais evidente e destacada do que a própria direcionalidade. Entretanto, ater-se ao tópico da direcionalidade permite reflexões de cunho social de extrema relevância que, isoladamente, a questão da modalidade não proporcionaria.

É através do entendimento de que a sociedade designa ao público surdo insistente e constantemente o lugar de plateia (receptor) e não de palco (orador), que podemos afirmar que o trabalho do tradutor e intérprete de libras e português hoje ocorre, majoritariamente, em direção à libras. Nesse contexto, utilizando a denominação tradicional, esta seria uma interpretação em “direção inversa”, pois estaria ocorrendo na direção contrária à primeira língua de um profissional ouvinte falante nativo de português.

Nessa lógica, a conceituação da interpretação da libras para o português oral é que seria uma execução em “direção direta”. Porém, diante do exposto, entendo que esta denominação iria na contramão da

realidade objetiva - ainda que esta não seja a ideal, quando se luta por um mundo menos desigual, mais justo e de maiores participações periféricas.

De maneira prática, em minhas experiências junto aos tradutores e intérpretes de Libras e português, percebo haver certo estranhamento com relação à nomenclatura “direção direta” para referir-se ao que, popularmente, a classe nomeia como “fazer voz”. É comum também notar os profissionais utilizando o termo “fazer o contrário”, quando em alusão à interpretação da libras para o português oral.

A forma natural, instintiva e pautada na realidade objetiva como os próprios profissionais referem-se à direcionalidade de sua interpretação me parece bastante relevante para a consideração da nomenclatura, reforçando a necessidade de refletir-se sobre um possível afastamento do termo alcunhado com inspiração em línguas orais - ainda que, talvez, esta reflexão não surja do âmbito puramente academicista. Há de se considerar, aqui, o relevante papel dos próprios profissionais ao construir sua prática e, nesse sentido, validar os seus saberes como contribuição ao meio acadêmico.

É a partir de tais considerações que opto, neste estudo, pelo uso do termo “Versão Voz” - em meu entendimento, já consagrado pelo uso. O termo, ao destacar a modalidade oral em que a interpretação estaria ocorrendo, aludia também inevitavelmente a questão da direcionalidade, uma vez que a libras é uma língua visual. Tratando-se de línguas de modalidades distintas, torna-se óbvio que ao utilizar o termo “Versão Voz”, a referência seria à interpretação em direção ao português oral⁷.

Soma-se à elucubração acima a questão do uso do termo “intermodal”. A palavra refere-se à interpretação entre línguas cujas modalidades são distintas, o que ocorre no par linguístico libras e português - conforme explicado no início deste tópico. Todavia, ao considerar a importância das manifestações multimodais de uma língua, mesmo as de modalidade oral (ou predominantemente oral), é preciso

⁷ Ver GIRAUD, Felipe. **Versão Voz**: desafios, técnicas e estratégias para uma interpretação criativa e de excelência. Rio de Janeiro: Editora CRV, 2024.

destacar que os falantes constantemente fazem uso de outros recursos de expressão para além da oralidade.

Nesse sentido, entendo que o termo “intermodal” pode levar ao apagamento da tão relevante multimodalidade na interpretação da libras para o português oral (Versão Voz). Ao realizar a Versão Voz, o intérprete também recruta artefatos outros para além da oralidade – como o uso do gestual, da expressão facial e corporal como um todo.

Dadas as questões sociais que, inevitavelmente, atravessam o ato interpretativo no par linguístico libras e português, compreende-se o compromisso dos intérpretes para a valorização da língua de sinais e de seu estatuto linguístico e a ênfase na visualidade da língua - já que este aspecto a diferencia notoriamente da língua oral. Porém, o uso da linguagem corporal ao realizar também a Versão Voz, não diminui a importância da língua de sinais, tampouco seu estatuto linguístico.

A multimodalidade, como melhor descrita no capítulo 4.4, está presente tanto em línguas orais como em línguas de sinais. Sendo assim, é natural que, ao fazer a Versão Voz, o intérprete também use tais recursos. Todavia, em minhas práticas junto aos intérpretes, observo uma tendência a um receio em se utilizar recursos corporais para a Versão Voz, como se, de alguma forma, ou esta prática atrapalhasse o orador surdo, que poderia pensar que o intérprete, sentado na primeira fileira, estaria sinalizando alguma informação para ele ou, então, diminuísse a importância da libras enquanto língua, já que, neste caso, admitiria-se que ao usar o português oral o corpo também está em jogo.

Tal receio, apesar de compreensível, faz-se dispensável quando se entende que ao realizar a Versão Voz utilizando recursos multimodais, o intérprete pode transmitir a mensagem de maneira mais eficaz, valorizando o discurso do orador surdo sinalizante e, assim, evidenciando ainda mais, o estatuto linguístico da libras.

Diante do exposto, escolho o termo “inter(multi)modal” para referir-me à riqueza linguística envolvida no processo de interpretação entre libras e português, destacando a diferença das modalidades, mas

também dos outros aspectos modais de que ambas as formas de expressão podem utilizar-se.

4.2 Da libras para o português: impasses da tradução e da interpretação inter(multi)modais

A interpretação da libras para o português revela-se como uma atividade complexa, atravessada por questões cognitivas, sociais e de acessibilidade e inclusão. No que tange às suas especificidades, há a diferença de modalidade entre as línguas. Enquanto a libras é uma língua que se configura principalmente no espaço, de forma visual, o português assume a oralidade como uma das suas formas de expressão.

Diversos estudiosos se dedicam a compreender os efeitos das questões que envolvem as modalidades atravessadas no processo tradutório e interpretativo entre línguas de sinais e línguas orais. Desde ritmo e expressividade a preferências individuais, as diferenças e características dessa atividade são muitas. Neste capítulo, elenco alguns aspectos contemplados por pesquisadores da área acerca da temática.

4.2.1 Prosódia, entonação e emoção na interpretação inter(multi)modal

A comunicação, em sua forma mais sofisticada, acontece entre os interagentes através de uma língua. Mas não são apenas as palavras ou sinais, elementos constituintes desse idioma, que asseguram a transmissão da informação. A forma como se diz também carrega parte considerável do significado da mensagem. Na interpretação inter(multi)modal, este aspecto da interação mostra-se relevante. É o que refletem Barbosa, Marques e Sampaio (2019), em seu estudo denominado “Reflexões sobre a atuação do intérprete de língua de sinais na mediação da avaliação clínica em serviço de saúde mental”.

O artigo discute a importância do intérprete de língua de sinais na comunicação entre médicos psiquiatras e pacientes surdos, especialmente em contextos de saúde mental. O texto ressalta que a

interpretação deve considerar aspectos linguísticos e pragmáticos, o que envolve a prosódia da língua de sinais, tecida na interação por meio do ritmo, das expressões faciais e da movimentação corporal. Na interpretação em contexto de saúde mental, saber transpor tais aspectos prosódicos da libras para a oralidade, é fundamental para a compreensão de especificidades nos quadros clínicos manifestados.

Para os autores, a prosódia tem ainda relação direta com as informações emocionais. E também por isso é fundamental para a interpretação, contribuindo para a apresentação de informações relevantes para o diagnóstico.

A modulação vocal ou prosódia da voz também é levantada por Albres (2010) como um ponto relevante na interpretação simultânea da língua de sinais (libras) para o português oral. Sua pesquisa analisa a fala de uma acadêmica surda durante uma mesa redonda, com foco na inflexão da voz do intérprete e também a sua adequação discursiva ao contexto.

O conceito de entonação vocal considerado pela estudiosa para interpretar seus dados é o de Reinaldo Polito. Professor de oratória, palestrante, escritor e especialista em expressão verbal, o renomado mestre declara que “a entonação é crucial para transmitir emoções e credibilidade, enquanto a articulação e a clareza na fala são essenciais para a compreensão” (POLITO, 2005).

Após criteriosa análise, Albres (2010) conclui, dentre outros aspectos, que a formação de intérpretes deve incluir discussões sobre mesclagem de voz e tipos de discurso para melhorar a qualidade da interpretação. A professora defende, ainda, que a interpretação de libras para português requer habilidades práticas, mas também um profundo conhecimento teórico - que contemple questões de inflexão, entonação e mesclagem de voz.

Nicodemus e Emmorey (2013) em sua pesquisa, com o objetivo de investigar a preferência de direcionalidade na interpretação (se para a língua de sinais ou para a língua oral), realizaram uma pesquisa experimental. Em análise, os pesquisadores consideraram dois pontos:

precisão e qualidade articulatória. Quanto ao primeiro, este tange ao conteúdo semântico. Já o segundo envolve o ritmo, a velocidade e também a prosódia na interpretação.

O intérprete e pesquisador Ricardo Ferreira Santos (2018) também realizou um estudo de enorme contribuição aos aspectos prosódicos da interpretação da libras para o português oral. Em sua análise de dados, o pesquisador notou que, em um contexto dialogicamente agitado, intérpretes de conferência no par linguístico libras-português, materializaram dificuldades nas escolhas prosódicas na interpretação para a Versão Voz, com impacto no significado da mensagem.

É interessante notar como os elementos prosódicos são considerados na interpretação intermodal em diferentes estudos. Pode-se perceber, assim, sua relevância para a interpretação tanto para a língua de sinais, como para a língua oral, contribuindo para o significado e a qualidade da mensagem passada.

4.2.2 O ritmo (ou velocidade) da interpretação no contexto libras-português

A atividade interpretativa, especialmente a simultânea, exige a hábil tarefa de transpor informações de uma língua para outra sem que o intérprete perca o ritmo. O tempo, para o intérprete é, ao mesmo tempo, seu amigo e seu inimigo. É preciso enfrentar os desafios de entregar um trabalho de qualidade, na velocidade exata almejada pelo público, sem perder informações importantes, sem titubear, sem deixar ninguém à espera.

Quando essa atividade se dá entre línguas de modalidades diferentes, a complexidade parece ser ainda maior. Uma vez que o tempo de execução dos sinais é diferente do tempo de execução da oralidade (ver Silva, 2021). Alguns teóricos fazem importantes considerações a respeito deste aspecto, dada a sua relevância.

Em sua dissertação denominada “Os desafios da interpretação simultânea da língua brasileira de sinais para o português brasileiro na

educação superior: o que diz a literatura científica?”, Moura (2024) trata da complexidade da interpretação simultânea da libras para o português, com foco na análise de desafios enfrentados pelos intérpretes, principalmente em contextos educacionais e acadêmicos.

Nessa toada, a pesquisadora destaca, entre outros fatores que constituem a complexidade da direcionalidade dessa interpretação, o ritmo. A dificuldade de acompanhar o ritmo do orador e realizar adaptações durante a interpretação simultânea intermodal é um aspecto relevante elencado nos resultados do estudo.

O impasse quanto ao tempo na interpretação intermodal é uma questão trabalhada também por Rodrigues (2013). O autor destaca que o controle do tempo, bem como a adequação do ritmo e o uso de estratégias como adições explicativas ou pausas silenciosas em situações de incompreensão são habilidades específicas demandadas por essa atividade.

Pois, como explica Padden (2020), um único sinal pode demandar muitas palavras em português e vice-versa. Os desafios quanto à temporalidade, urgência, compasso, ritmo e, ainda, uso de termos técnicos são questões enfatizadas por pesquisadores como Rodrigues (2013), Lourenço (2018) e Chaibue, Aguiar (2016).

Chaibue e Aguiar (2016) destacam, especialmente, a dificuldade do tempo de produção da mensagem por meio da articulação do aparelho fonador e, ainda, o uso de algumas expressões em línguas de sinais que ainda estão em processo de pesquisa e aceitação pela comunidade (ver Barros, 2008).

Em certos momentos, a interpretação para o português oral pode demandar estratégias de adição explicativa, devido a questões contextuais que possam envolver o biculturalismo com ênfase para as diferenças nas comunidades surdas e ouvintes. Tais estratégias também refletem-se diretamente no tempo de execução da interpretação, como explica Pavan (2018). Ademais, as pausas silenciosas são outro recurso para lidar com tais impasses tradutórios e demandam, de igual maneira,

um lapso temporal, com efeito na simultaneidade do processo interpretativo.

O desafio da entrega do produto final do processo tradutório em interpretação simultânea, transpondo a barreira do relógio cujos ponteiros giram no ritmo da urgência, pode acarretar na manifestação também de algumas disfluências durante a execução do trabalho. Ocorrências estas, que afetam diretamente o tempo da interpretação. É o que aponta Ribeiro (2024), ao utilizar análises temáticas para a identificação de disfluências comuns no discurso dos intérpretes.

A dissertação intitulada “3,2,1 Ao Vivo! Disfluências e refazimentos em interpretação de conferência remota de libras para português” foi baseada no modelo de análise de Braun e Clarke (2006), com a aplicação de categorias de disfluências pré-estabelecidas na literatura de interpretação simultânea. Em sua análise, Ribeiro (2024) notou uma presença significativa de disfluências na interpretação simultânea entre Libras e Português. Dentre os principais tipos de disfluência encontrados estavam as pausas preenchidas, repetições, hesitações e o uso excessivo de anáforas.

O mapeamento de disfluências no estudo indicado acima identificou um total de dezessete tipos distintos, com destaque para as pausas preenchidas, que foram as mais recorrentes. A pesquisadora explica que, embora as disfluências sejam uma parte natural do processo de interpretação, sua redução pode ser alcançada com uma melhor preparação e treinamento dos intérpretes. A dissertação conclui que os intérpretes precisam buscar um equilíbrio entre velocidade e precisão, a fim de diminuir as disfluências. Além disso, o estudo recomenda que mais pesquisas sejam realizadas com o objetivo de abordar o impacto das condições de trabalho no resultado final da interpretação.

Compreende-se, assim, que a velocidade é um fator importante na expressão da interpretação. Especialmente quando se trata de uma tarefa executada entre línguas de modalidades e, portanto, tempos distintos. Tal desafio pode acarretar na manifestação de pequenas disfluências durante a tradução, que podem ou não prejudicar a qualidade da entrega.

4.2.3 Preferência de direcionalidade na interpretação e na tradução de libras e português

A direcionalidade na interpretação é o termo utilizado para designar as línguas envolvidas no processo tradutório, a língua fonte e a língua alvo. Quando a língua alvo é a L1 do intérprete, ou seja, sua “primeira língua” (em sentido de preferência comunicativa), então diz-se que a interpretação está ocorrendo em direção direta. Quando o ato interpretativo ocorre em direção à L2 do intérprete, usa-se o termo interpretação em direção inversa.

A questão da direcionalidade é referida na literatura de diferentes formas quando se trata de línguas de modalidades diferentes ou línguas da mesma modalidade. Com relação à interpretação intramodal, Nicodemus e Emmorey (2013) observaram, em uma amostra com 540 intérpretes de línguas orais, que apenas 28% declararam preferência pela interpretação em direção inversa, ou seja, para a sua L2, pois se sentiam mais confortáveis em interpretar para a sua língua nativa, L1 - direção direta.

Embora a preferência pela direcionalidade direta possa parecer, intuitivamente, óbvia, já que se trata de traduzir para a sua língua de conforto, os estudos quanto à interpretação intermodal apresentam dados distintos. As razões, segundo os estudiosos, são diversas. A reflexão sobre a temática, portanto, faz-se importante e necessária.

Neste mesmo estudo, Nicodemus e Emmorey (2013), a fim de apresentar uma amostra comparativa, entrevistaram também 633 intérpretes de American Sign Language e Inglês. Em contraste ao resultado encontrado com relação aos intérpretes de línguas orais, 82% afirmaram se sentir mais proficientes em interpretar da sua L1 (inglês) para a sua L2 (ASL), ou seja, em realizar a interpretação em direção inversa.

No que tange à preferência por direcionalidade na interpretação e na tradução no contexto brasileiro e intermodal, estudos recentes realizados pelas pesquisadoras Moura (2024), Bessa (2024) e Silva (2021) trazem

contribuições de extrema relevância para o processo reflexivo no âmbito das línguas de sinais.

O estudo realizado por Silva (2021), nas imediações da Grande Florianópolis, intitulado “Direcionalidade na pesquisa empírico-experimental em interpretação intermodal entre Libras e português” revelou que 56 respondentes (46,3% da amostra) afirmaram preferir a sinalização intermodal (do português para Libras ou outra LS), enquanto 49 (40,5% dos respondentes) afirmaram não ter preferência entre sinalizar ou vocalizar. A preferência por vocalização (interpretação em direção direta), todavia, apareceu em apenas 13 respostas (10,7% dos participantes), perdendo apenas, quanto à preferência, para a sinalização intramodal (entre duas línguas de sinais diferentes, neste caso), declarada em 3 respostas (2,5%). Nesse sentido, a estudiosa reflete que a tendência levantada na amostra é a de que TILS intermodais prefiram trabalhar na direção inversa, PT→Libras (de L1 para L2).

Mais recentemente, Bessa (2024) constatou a mesma predileção em sua pesquisa realizada pela Universidade Federal de Minas Gerais, de natureza descritiva e empírico-experimental, com foco processual na influência da direcionalidade na tradução intermodal. O estudo envolveu oito tradutores intérpretes de língua de sinais (TILS), divididos em dois grupos: um com experiência de 4 a 6 anos e outro com mais de 12 anos. A seleção foi feita com base em um questionário prospectivo de perfil.

Os participantes realizaram traduções de dois textos: um do português escrito para Libras (PT→Libras) e outro de Libras para português escrito (Libras→PT). As traduções foram realizadas por meio de videochamada no Google Meet, com gravação do processo utilizando o software OBS Studio.

A análise dos dados com enfoque na direcionalidade e no esforço temporal e técnico de tradutores e intérpretes de Libras e Português apontou para uma preferência direcional. A maioria dos TILS (52,8%) declarou preferência por traduzir de português para Libras (PT→Libras).

Nota-se assim, de acordo com os estudos encontrados, que há uma predileção por parte dos Tradutores e Intérpretes de Libras e

Português em atuar em direção à libras, tanto na tradução como na interpretação.

4.2.4 - Outras problemáticas quanto à questão da interpretação da libras para o português (Versão Voz)

De acordo com Moura (2024), nos últimos seis anos (2018 - 2024), foram realizadas significativas pesquisas em âmbito nacional com a temática da interpretação intermodal em direção direta (Libras para português). A estudiosa notou que tais estudos tratam-se, principalmente, de produções de concluintes a nível de bacharelado de cursos de Letras Libras de universidades federais, com destaque para as seguintes instituições, no período de 2022 a 2018: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Os principais temas encontrados nas pesquisas que abordam a temática da interpretação direta, nesse contexto, foram, de acordo com Moura (2024), os seguintes: sujeitos e discursos (REICHERT, 2018), estratégias interpretativas (QUADROS, 2018; COIMBRA, 2019), experiências pessoais (LUCHI, 2020; AMPESSAN, 2020), e efeitos de modalidade (AMPESSAN, 2020; MARTINS, 2022).

Moura (2024) analisa, diante dos dados obtidos, que a interpretação na direção direta (de libras para português - aqui denominada Versão Voz) é um assunto que tem despertado o interesse de intérpretes ainda no início de seu processo formativo, nos últimos anos. A pesquisadora concluiu que a maioria das pesquisas aborda as dificuldades da interpretação na Versão Voz.

No que tange à carência de formação com enfoque em interpretação oral, a pesquisadora Moura (2024) elencou alguns aspectos relevantes quanto ao currículo de Letras/Libras de algumas das principais universidades referentes aos trabalhos de conclusão de curso produzidos nos últimos anos na temática da interpretação em voz. O resultado apontou para disciplinas ou Práticas Como Componente Curricular (PCC)

cujos currículos apresentavam alguma abordagem voltada à interpretação em direção direta nas seguintes universidades: UFSC, UFSCar e UFRGS.

Nota-se, no entanto, que dentre as disciplinas relatadas, apenas uma - a saber "Linguagem e aspectos segmentais e suprasegmentais da fala", UFSCar - apontava para aspectos da oralidade propriamente dita, em sua abordagem. As demais disciplinas que contemplavam a questão da interpretação direta (Versão Voz), nesta e nas outras universidades, não mencionavam, no escopo destacado por Moura (2024), nenhum ponto específico quanto à oralidade.

Corroborando com o estudo acima, Lourenço (2018) afirma que, a partir de sua própria trajetória, pôde observar que grande parte dos intérpretes de Libras apresentava dificuldades em realizar a "interpretação-voz". Trata-se de outra nomenclatura popular entre os intérpretes de Libras para referir-se à interpretação na Versão Voz.

Nessa toada, Nascimento (2012) nos relembra que, a despeito de as circunstâncias em que os surdos ocupam o lugar de espectadores ainda sejam mais comuns do que aquelas em que são os protagonistas da mensagem passada, esse grupo social de surdos vem ocupando patamares outrora tidos como impossíveis de serem alcançados, por meio da língua de sinais.

O pesquisador acrescenta, ainda, que pessoas surdas têm adentrado em diferentes instâncias sociais se comunicando por meio de sua própria língua e atuando em diferentes campos do conhecimento, sendo agentes ativos de uma mensagem e também sujeitos socialmente ativos.

Contudo, sabe-se que tal inserção e protagonismo surdos ainda são recentes e graduais, embora seja possível olhar para o futuro com otimismo, diante das conquistas que a Comunidade Surda vêm alcançando nos últimos tempos.

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Rita de Cássia Borges Cabral, orientado pela Professora Doutora Neiva de Aquino Albres e intitulado "Produção científica brasileira sobre interpretação simultânea na direção Libras-português: um estudo cienciométrico de artigos

acadêmicos", teve como objetivo realizar um estudo cienciométrico das publicações sobre interpretação simultânea de Libras para o português oral, abrangendo um período de 26 anos (1997 a 2023) e analisando 408 publicações, das quais 14 foram selecionadas para uma análise mais aprofundada.

A acadêmica observou, em sua análise, um baixo número de publicação dentro da temática. Apenas 14 artigos abordavam especificamente a interpretação simultânea na direção Libras-português. Além disso, observou-se também uma falta de padronização nas palavras-chave utilizadas pelos autores, o que dificulta a busca e categorização dos artigos. Com relação à formação dos autores, Cabral (2023) notou que a maioria dos autores era do gênero feminino, com formação em Letras ou Pedagogia, e atuava como professores, principalmente em instituições públicas do Sudeste e Sul do Brasil.

Apesar de não encontrar expressividade no número de trabalhos realizados por profissionais fonoaudiólogos nessa área, os artigos analisados pela estudiosa apontavam também para a importância da saúde vocal dos intérpretes. Ademais, Cabral (2023) observou as seguintes temáticas em seus resultados: reflexões sobre as estratégias de interpretação; a importância da compreensão cultural na interpretação e, ainda, a atuação dos intérpretes em diferentes contextos.

Seu estudo concluiu que, apesar de ter sido realizada uma análise quantitativa e qualitativa das publicações, é preocupante a escassez de artigos específicos sobre interpretação simultânea na direção Libras-português. Com isso, destacou a necessidade de mais estudos e publicações na área. Ao fim, Cabral (2023) também enfatiza a importância de uma formação sólida para intérpretes, incluindo tanto aspectos teóricos quanto práticos, com o objetivo do aprimoramento da qualidade da interpretação.

De forma complementar, Rodrigues e Christmann (2023) destacam, em seu estudo, o aumento do número de publicações no campo dos ETILS (Estudos da Tradução e Interpretação em Línguas de Sinais), sendo a questão da formação dos tradutores e intérpretes de Libras uma

das principais encontradas nos artigos selecionados. Além disso, os autores observaram o aumento da presença de pesquisadores surdos como orientadores, um indicador importante de avanços na área.

O aumento de tal presença em âmbito acadêmico apontada pelos pesquisadores, certamente, reflete-se na necessidade de aprimoramento da formação dos intérpretes para a atuação em contexto acadêmico, com habilidades de prática em ambas as direcionalidades. Apesar de este tema não ter sido abordado no estudo, nota-se um diálogo possível com os demais estudos acima.

Nesse sentido, Gomes (2023) apresenta um estudo sobre a evolução dos serviços de interpretação e tradução de Libras para o português na Universidade Federal de Viçosa (UFV) entre agosto de 2013 e março de 2023. De acordo com o autor, a mobilização institucional em torno da interpretação e tradução de Libras para português na UFV foi impulsionada pela contratação de um docente surdo e pela crescente inclusão de estudantes surdos no contexto acadêmico.

Nota-se, assim, que a presença de pessoas surdas nesse contexto, em lugar de protagonismo, aumenta a necessidade do aprimoramento da voz do intérprete. Dessa forma, o artigo sugere que futuras pesquisas devem incluir as experiências dos intérpretes para enriquecer a compreensão das práticas de interpretação e tradução.

Neste capítulo, observamos diferentes aspectos que atravessam a voz do intérprete de libras e que contribuem para o entendimento da complexidade presente na interpretação inter(multi)modal, que não se limita apenas às diferenças intrínsecas na diferença de modalidades, mas também na escassez de produções na área, nas questões de formação que contemplem aspectos da oralidade do TILSP e também a importância do protagonismo surdo para o aprimoramento da interpretação em direção direta.

4.3 Pequenas narrativas

As “Pequenas Narrativas” (“small stories”) foram introduzidas pela pesquisadora Georgakopoulou e também discutidas por Bamberg (2005,2006). O foco dos pesquisadores era, justamente, buscar compreender as narrativas não-canônicas, que fugiam dos moldes definidos por Labov (1967), ao inaugurar os Estudos da Narrativa a partir de entrevistas de pesquisa. Neste momento pós-laboviano, reconhecido por pesquisadores e linguistas como a “Nova Virada Narrativa”, Georgakopoulou e Bamberg se despertam para a interação e para como as narrativas são construídas nesse contexto interacional.

As narrativas no curso da interação, de acordo com os estudiosos supracitados, tendem a ser menores e abarcam histórias episódicas, hipotéticas, explicações e até as suspensões da contação, dado o curso da conversa.

Porém, a partir da primeira década do século XXI, com a Nova Virada Narrativa, os estudiosos passaram a apreciar também as “pequenas histórias”. De acordo com Georgakopoulou, importante pesquisadora do tema, as “narrativas em interação” ou “*small stories*” antes, costumavam ser descartadas, mas merecem especial atenção por parte dos estudiosos do campo das narrativas.

Para a pesquisadora Georgakopoulou (2006), a importância das pequenas histórias se dá, justamente, por elas ocorrerem em eventos do dia a dia, de caráter espontâneo e onde há mais intimidade entre os participantes da interação - diferentemente do que ocorre normalmente em uma entrevista de pesquisa como os estudos Labovianos propõem. As narrativas que surgem no curso da interação podem ser entendidas como “atípicas” e são construídas coletivamente entre os participantes. Geralmente, estas narrativas têm relação com as interações prévias à sua elocução e com as futuras.

Outra diferenciação importante entre as narrativas canônicas e as narrativas atípicas ou “pequenas histórias” é que estas segundas, de acordo com Bamberg (2006), nos convidam a um olhar mais atento para a

interação propriamente dita, não necessariamente especificamente para o conteúdo da história, mas para a forma como ela é co-construída no curso da interação. Afinal, elas também podem ser utilizadas como forma de sustentar um ponto argumentativo na conversa.

Tanto para o estudioso Bamberg (2006), como também para a pesquisadora Georgakopoulou (2006), as “pequenas histórias” podem representar alguns tipos de atividades narrativas que não envolvam necessariamente uma progressão temporal da ocorrência dos eventos e, por isso, não podem ser analisadas à luz das narrativas canônicas.

A fim de descrever as pequenas histórias, a autora Georgakopoulou (2006) define três níveis presentes neste tipo de atividade narrativa. São eles: modos de contar; lugares; narradores. Com relação aos modos de contar, a estudiosa elenca alguns elementos, como as formas socioculturais, as convenções semióticas, escolhas verbais, gêneros, entre outros. No que tange ao nível “lugares”, ela aponta para os espaços sociais, os fatores contextuais e a situação propriamente dita. No terceiro nível, o dos narradores, os elementos considerados são o sujeito narrador, as personagens, o indivíduo singular e o membro de grupos sociais e culturais.

Dessa maneira, podemos entender que Georgakopoulou (2015) se debruça sobre a função e compreende que a questão da estrutura não se sobrepõe à funcionalidade da co-construção narrativa, no que se refere ao seu aspecto interacional.

Bamberg (2004) propõe também a definição das “pequenas histórias” (small stories), como “as verdadeiras histórias da vida vivida”, aquelas contadas nas interações cotidianas. O que envolve a construção de histórias episódicas e também de narrativas de eventos futuros, hipotéticos, compartilhados, explicações, com destaque para nuances interacionais, como suspensões ou recusas à própria narrativa.

Em sua elucidação, Bamberg (2004) também considera as pequenas narrativas cotidianas como o território principal onde os interagentes buscam maneiras de abrandar os impasses interativos e moldar uma representação de si mesmos, da ordem identitária. Para ele,

é importante pontuar que as narrativas não necessariamente estejam orientadas para a coerência e para autenticidade, todavia são as inconsistências e os equívocos que permitem uma análise mais interessante. O gerenciamento do sentido dos próprios interagentes é um ponto fundamental para a análise, sob a ótica das pequenas narrativas, segundo o autor.

O olhar para as pequenas narrativas é também seguido por Dias (2011) que, inspirada nos estudos da área, compreende que as pequenas narrativas constituem uma prática social que permite analisar tanto o contexto interacional, como também o próprio falante e sua relação com o outro presente nessa interação. Portanto, em convergência com Bamberg e Georgakoupoulou (2008), a pesquisadora compreende que as narrativas devem ser analisadas com base nas ações que exercem socialmente na vida dos participantes e como os sentidos criados a partir dessas experiências narradas e narrativas, podem ser utilizadas na vida cotidiana de cada um dos interagentes.

4.4 Multimodalidade - entendimentos, olhares e relação com o campo da tradução e da interpretação

A Multimodalidade é objeto de estudo de diferentes abordagens e correntes linguísticas. Optei aqui por destacar as perspectivas de Goodwin (2010) e de Mondada (2018), que contemplam com maior convergência o escopo deste trabalho, de viés interacional. A presente pesquisa busca correlacionar conceitos que dialogam com a compreensão da interação social e também da interpretação em língua de sinais.

4.4.1 Introdução aos olhares sobre a multimodalidade

A temática da Multimodalidade é introduzida aos Estudos da Linguagem, inicialmente, por Kress e van Leeuwen (2001) e estudada também por Kress (2010). Em suas considerações, os autores apontam

para as muitas modalidades presentes nas interações cotidianas e ressaltam sua relevância para os estudos linguísticos.

A multimodalidade é observada por Kress (2010) a partir de uma perspectiva discursiva. Kress (2010), ao considerar a análise multimodal do discurso, traz à tona a metáfora do texto enquanto produto do tecer. Para o autor, os “fios textuais” incluem também aspectos multimodais, tais quais: gestos, fala e imagem. Os textos, na perspectiva de Kress, são resultado de um trabalho semiótico de design e outros processos de composição e produção.

Jewitt (2011) apontou uma série de artefatos que dão suporte à língua e/ou à linguagem englobados pela Multimodalidade e dividiu-os didaticamente da seguinte forma: modo; recursos modais/semióticos; meios potenciais ou metafunções; materialidade; e relações intersemióticas ou intermodais.

Ao conceituar a categoria multimodal “modo”, Jewitt (2011), por sua vez, elenca alguns aspectos que são comuns à área da fonoaudiologia e recorrentes na prática clínica, como por exemplo: postura corporal, som, voz, aspectos prosódicos, ritmo, entonação, sotaque e pausas. Também na categoria definida pelo autor como “recursos modais/semióticos”, é possível encontrar outros pontos que são também temas conhecidos na clínica fonoaudiológica, como: “artefatos usados na comunicação, podendo ser produzido pelo aparelho fonador-vocal”, pelas expressões faciais e gestualidades (JEWITT, 2011, p. 21-26).

É interessante notar que, apesar de não mencionar a fonoaudiologia como uma ciência que muito teria a contribuir aos estudos da linguagem, no que se refere a explorar os potenciais de multimodalidade na comunicação, Jewitt (2011) traz algumas elucidações interessantes, que podem ser entrelaçadas à fonoaudiologia, como por exemplo a ideia de que a multimodalidade interpreta a representação, a comunicação e a interação para além da linguagem (JEWITT, 2011, p. 1).

4.4.2 A multimodalidade pela perspectiva interacional

Levando em conta o viés interacional, lanço mão da definição bem articulada e robusta proposta por Mondada (2018). Para a pesquisadora, a multimodalidade inclui todos os recursos relevantes mobilizados pelos interagentes para construir sua fala e também para interpretar a contribuição alheia. Isso envolve, como destacado pela estudiosa, a gramática, o léxico, a prosódia, o gesto, o olhar, as posturas corporais, os movimentos, manipulações de objetos, entre outros recursos que sejam evocados pelo participante a fim de comunicar uma ideia ou demonstrar a compreensão e participação em uma interação.

Os movimentos e as ações dos interagentes também são interpretados por Goodwin (2010) como parte significativa da comunicação, capaz de mudar o rumo da conversa ou complementar uma informação. O estudioso ilustra como a interação humana é uma prática rica e complexa, que vai além da simples produção de enunciados, envolvendo uma rede de significados e ações compartilhadas.

Mondada (2018) e Goodwin (2010), portanto, parecem concordar que as produções orais não são resultado apenas da oralidade, mas de movimentos corporais, faciais e, ainda, prosódicos, como destaca Mondada (2018). Ambos os pesquisadores chamam a atenção para um detalhe importante na interação para além da fala: os movimentos e expressões complementam ou modificam o sentido das palavras.

Dois estudos principais marcam o trabalho de Goodwin quanto à questão da Multimodalidade. Um caso com um paciente afásico, que só era capaz de produzir três palavras, “sim”, “não” e “e” e outro com arqueólogos. Com relação ao primeiro caso, Goodwin argumenta que a ação humana é construída através da combinação de diferentes materiais e recursos em contextos situados. Ao estudar a afasia de Chil (nome fictício dado ao paciente em questão acometido pela dificuldade na fala), o pesquisador aponta que ele ainda conseguia ser um falante eficaz através de gestos para expressar significados. Para o linguista, isso demonstra que a competência linguística não se limita apenas à produção

de frases complexas, mas também tem a ver com a capacidade interacional e colaborativa frente ao outro.

Mondada (2018), por sua vez, dedica-se a questões de transcrição relacionadas à multimodalidade, destacando a riqueza linguística contida em informações não verbalizadas. Ela conclui que a análise multimodal e suas transcrições são fundamentais para entender a complexidade das interações humanas e não humanas, destacando a importância da temporalidade e da sequencialidade na organização da ação.

O estudo de Mondada (2018) utiliza gravações em vídeo de interações em francês e suíço-alemão, além de contar também com interações entre primatas. Essas gravações propiciam uma análise minuciosa das práticas multimodais, que englobam linguagem, gestos, olhares e movimentos corporais. Mondada fundamenta a análise em princípios da Análise da Conversa. Ela enfatiza que a interação não se restringe à fala, mas envolve diversos recursos corporais. A pesquisa examina como esses recursos são recrutados em diferentes contextos, como ambientes de trabalho e interações sociais.

Ademais, a autora propõe um sistema de convenções de transcrição capaz de representar a complexidade das ações corporais e correlacioná-las com a fala. O sistema desenvolvido pela pesquisadora apresenta-se com flexibilidade e adaptabilidade, pois permite a inclusão de detalhes sobre a temporalidade e a sequência das ações.

O estudo oferece uma abordagem inovadora para a análise de interações multimodais, com destaque para a importância da transcrição detalhada e da consideração das múltiplas temporalidades na organização da ação.

Nessa mesma vertente, Perobelli e Lemos (2022) destacam como a multimodalidade é central para a análise proposta e, baseados em Mondada (2018), explicam que gestos, movimentos e expressões faciais são indissociáveis da fala na compreensão da interação humana. A sequência de interação em contexto institucional analisada pelos autores se dá entre um professor e a mãe de uma estudante. Através do estudo, destaca-se como a multimodalidade e a análise etnográfica podem

contribuir para o entendimento das interações humanas em ambientes institucionais, como escolas.

Para Perobelli e Lemos (2022), à multimodalidade soma-se, ainda, a análise da conversa e a etnografia, possibilitando uma perspectiva rica e detalhada sobre a organização das interações humanas e a utilização de recursos semióticos pelos participantes para se comunicarem. Os autores entendem que a multimodalidade é crucial para capturar a totalidade da ação comunicativa, incluindo aspectos não-verbais que enriquecem e complementam a fala. Nesse sentido, além de gestos e ações, os autores destacam também o volume de voz adotado, como um fator a ser considerado através da multimodalidade para a compreensão da interação.

A multimodalidade enquanto um conceito pertinente à perspectiva interacional da linguagem também é contemplada por Lima (2017). A pesquisadora destaca a interdependência da fala e da gestualidade, propondo uma abordagem integrada para entender a comunicação humana em interações face a face. Destacando a importância dos gestos, Lima (2017) define e detalha as ações gestuais na interação, apontando que elas não apenas complementam a fala, mas participam ativamente da interação e, por isso, merecem especial atenção. Para Lima, as ações gestuais são divididas entre ações corporais, gestos manuais e ações faciais. Quanto às ações faciais, a pesquisadora destaca sua função comunicativa no que diz respeito a demonstrar emoções e reações.

Unindo-se à vertente interacional, Andrade (2021) também investiga as expressões faciais em interações médico-paciente durante a comunicação de diagnósticos, especialmente em contextos de cardiologia. A autora utiliza a Análise da Conversa Multimodal (ACM) como sua fundamentação teórica, e explora como a compreensão de diagnósticos por pacientes com doenças cardíacas é afetada pelo arqueamento de sobrelhas e o deslocamento da mandíbula para baixo (ASDMAN).

4.4.3 A Multimodalidade e o campo da Tradução e da Interpretação entre Libras e Português

Já concernente aos estudos da tradução, Jakobson (1959) traz importante contribuição inicial ao inaugurar o entendimento de que a tradução não é uma equivalência completa entre as unidades de código

Se a tradução não é um processo frio de equivalência de códigos, então é preciso dar vida à tradução por meio da multimodalidade, que conferirá sentido contextualizado através de seus recursos paralinguísticos junto ao texto-fim. No que tange à tradução multimodal entre línguas de sinais e línguas orais, os estudos parecem concentrar-se na direção das línguas orais para as de sinais, abordando aspectos multimodais que podem ser incluídos e explorados na sinalização (LE MOS E CARNEIRO, 2021).

Albres (2016), por exemplo, se dedica à tradução multimodal de materiais didáticos, em que a sinalização sem o uso de recursos multimodais não daria conta de explorar outros aspectos visuais do material escrito, como tabelas, imagens e outros. A autora menciona que já há traduções multimodais em direção à Língua de Sinais, mas aponta para a necessidade de se explorar mais essa forma de tradução e interpretação.

Também Albres e Santos (2020) observaram elementos importantes constituintes dos efeitos da multimodalidade na interpretação, que devem ser contemplados com a finalidade de qualificar e enriquecer a prática interpretativa. As pesquisadoras analisaram a inclusão do TILSP em peças teatrais, com foco na demanda da compreensão das interações multimodais, destacando a relevância de gestos, expressões faciais e a movimentação no palco. As estudiosas enfatizaram a necessidade de uma atuação que considere não apenas a tradução, mas também a performance e a interação com o público. Para tanto, Albres e Santos (2020) definiram categorias que ajudam a entender como a multimodalidade é aplicada na prática de tradução e interpretação em contextos artísticos, promovendo uma comunicação mais inclusiva e

eficaz. É relevante destacar, contudo, que a direcionalidade da interpretação investigada se dá de forma inversa, do português para a libras, quando o intérprete vai ao palco e compõe a cena.

Já com relação à tradução, que se distingue da interpretação, os estudiosos Ferreira, Araújo e Porto (2024) observaram o processo tradutório de provas do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), do português escrito para a libras, em vídeo. Nesse sentido, os autores compreendem que se trata de um processo de retextualização multimodal, pois demanda procedimentos diferentes, como a tradução, a adaptação, o uso da visualidade por meio dos vídeos e, por isso, requer uma análise minuciosa. A multimodalidade faz-se presente enquanto parte do procedimento de retextualização, quando se compreende os aspectos da visualidade como multimodais na composição da tradução.

Nessa toada, é válido destacar que, além dos elementos visuais, em consonância com o arcabouço teórico viabilizado pelos estudos de Jewitt (2011), Albres e Santos (2020) também consideram os elementos prosódicos que envolvem a voz, como parte constituinte da multimodalidade. Eles destacam, ainda, sua relevância para a interpretação.

Nesse sentido, Lemos e Carneiro (2021) realizaram uma robusta revisão de literatura, a fim de relacionar as pesquisas em multimodalidade, estudos da tradução e da linguagem. Os tradutores discutem a atuação de TILSPs em contextos artísticos, destacando a importância da multimodalidade na comunicação. Em suas conclusões, os estudiosos observaram a necessidade de mais etnografias do trabalho dentro do referido contexto.

Faz-se necessário enfatizar que as pesquisas no âmbito da tradução e interpretação com enfoque em multimodalidade no contexto da Libras elencadas por Lemos e Carneiro (2021) apontam para a direcionalidade inversa, do português para a libras, sem destaque para a importância da voz do intérprete de libras atuando em direção ao português oral.

Como exemplo de pesquisas contemplando a multimodalidade no contexto da Língua Brasileira de Sinais, temos também o estudo de

Soares (2024), que investiga a multimodalidade da linguagem por meio de um estudo de caso realizado a partir da interação entre mãe e filha surdas, em cenas de atenção conjunta (A.C.). A pesquisadora seleciona apenas dois elementos da multimodalidade para a sua investigação, a saber, gesto e olhar. Mediante sua análise, a pesquisadora propõe uma compreensão mais ampla sobre como outros modos de linguagem, adjacentes à própria língua de sinais, podem fornecer pistas para a construção de sentido com enfoque na interação.

As práticas multimodais no contexto da língua de sinais são também correlacionadas à translanguagem. Sousa (2024), ao analisar um vídeo em português oral com janela de interpretação para a Libras, disponível no *YouTube*, aponta para o uso de elementos multimodais para a composição do processo tradutório na janela interpretativa, mediante a expressão translinguística na relação da libras com o português. Sob essa ótica, a pesquisadora entende que a multimodalidade é um fator presente e necessário ao processo interpretativo.

Nessa seara, tem-se também o estudo de Gomes (2019), intitulado “Vídeo-aula em Libras: contribuições da multimodalidade para a construção do discurso verbo-visual”. O pesquisador destaca o aumento do número de estudantes surdos no contexto escolar. Com isso, aponta para a importância dos Estudos de Multimodalidade no âmbito das línguas de sinais, com ênfase nos recursos multimodais da sinalização.

Compreende-se, portanto, a necessidade de contemplar a multimodalidade nos estudos que envolvem tradução e interpretação, além também da ênfase para questões interacionais. A interação, bem como a tradução e a interpretação, são práticas que demandam recursos multimodais constantemente.

Ademais, nota-se que a interpretação atravessa um processo interativo, do intérprete para com o emissor do texto original e, ainda, para com o público. Tais processos são propiciados, inevitavelmente, por meio da multimodalidade, uma vez que o corpo se comunica em conjunto. Mãos, expressões faciais e entonação vocal, indissociavelmente, se movem na construção de uma fala, seja ela uma interpretação ou um

texto primário; seja sinalizada ou vocalizada; não se trata apenas de palavras. A forma como todos os elementos envolvidos se costuram para entregar o produto final ao seu público ou interagente pode modificar o sentido do que está sendo dito ou dar ênfases específicas.

Todavia, destaca-se que, no que tange à tradução e/ou interpretação no par linguístico libras-português, os elementos de Multimodalidade nos estudos encontrados estão relacionados à língua viso-espacial. Porém, de acordo com o arcabouço teórico estudado, observa-se que os elementos multimodais estão também presentes nas línguas orais e compõem o sentido das interlocuções. Por essa razão, faz-se necessária a consideração deste elemento também na Versão Voz, como parte constituinte da língua-alvo.

4.5 Prosódia na perspectiva interacional

O conceito de prosódia está relacionado à inflexão, à musicalidade da fala, com a função de expressar a emoção e a função comunicativa das locuções. Na perspectiva interacional, encontramos diferentes autores que se dedicam ao estudo da entonação ou prosódia na interação e como elas cumprem papel crucial para a interpretação da fala-em-interação, quanto aos seus elementos pragmáticos e contextuais.

Tamanha é a relevância da prosódia para a interação que as convenções principais do modelo Jefferson, em *Análise da Conversa Etnometodológica*, de acordo com Loder (2008), apresentam códigos de transcrição específicos para aspectos de produção da fala, como a entonação e a prosódia. Pode-se usar a marca do ponto final quando a fala é produzida com entonação descendente ou pelo ponto de interrogação quando a elocução apresenta entonação ascendente, por exemplo. É possível ainda demarcar a entonação de continuidade por meio da vírgula. Se, por alguma razão, os falantes prolongam algum som ou sílaba, usa-se os dois-pontos para demarcar tal aspecto prosódico. Destaca-se que tais parâmetros não aludem à forma escrita, evidenciando os aspectos sintáticos da língua, mas sim às características sonoras e

entoacionais presentes na interação, enfatizando a sua relevância para esta linha de estudo.

Nessa mesma linha, Hewings (1987) realizou um importante estudo a fim de ressaltar a importância da entonação ou prosódia na sala de aula de língua estrangeira para a realização de feedbacks aos alunos. Sua pesquisa é embasada na tríade interacional avaliativa em contexto de sala de aula consagrada por Sinclair e Coulthard (1975), em que os autores definiram a sequência canônica “iniciação-resposta-feedback”.

Todavia, Hewings (1987) tece sua crítica aos estudos baseados no modelo canônico acima por se dedicarem, em sua maioria, segundo o estudioso, apenas aos dois primeiros terços da tríade e pouco destaque para os feedbacks. Na visão do autor, o terceiro elemento mereceria igual atenção, por ser parte constituinte e relevante das interações em sala de aula, com foco em promover o aprendizado do aluno.

De acordo com o pesquisador, os feedbacks configuram-se no contexto escolar quando uma parte da resposta fornecida pelo aluno a determinado questionamento (ou como forma de participação espontânea) é devolvida ao estudante pelo professor com alterações (“correções”). Isso faz com que o aluno altere instantaneamente a resposta ou fala formulada anteriormente.

Assim sendo, Hewings (1987) chama a atenção para o fato de que este feedback nem sempre é ofertado de forma sintaticamente completa, porém é através da entonação que sua função na interação é compreendida. O autor destaca, ainda, a importância da prosódia especialmente em turmas de nível elementar de inglês como segunda língua no Brasil, em que oferecer uma explicação complexa no idioma a fim de orientar o aluno quanto à resposta por ele ofertada (se adequada, incompleta ou completamente inadequada), não faria sentido, uma vez que os estudantes ainda não apresentam um domínio sofisticado do idioma. Nesses casos, a prosódia cumpre um papel ainda mais relevante na interação em sala de aula, em que o professor pode apenas repetir a sentença proferida pelo aluno, enfatizando a palavra que estava inadequada na frase ou pode ainda oferecer alguma forma de avaliação

positiva simplesmente repetindo a sentença que o aluno proferiu em tom de elogio.

Em todos esses casos, teria sido a prosódia a grande estrela da fala-em-interação, permitindo a compreensão do sentido da fala do professor e proporcionando, assim, um entendimento mais completo do conteúdo em tópico no ambiente educacional.

Ademais, Hewings (1987) destaca que o feedback não é transmitido pela prosódia isoladamente, mas que sua ocorrência se dá em conjunto a canais não-verbais, contemplando a linguagem corporal (cinésica), movimentos faciais ou gestuais. Entende-se, assim, a linguagem como um conjunto de fatores indissociáveis, que contempla desde o conteúdo semântico da fala, até o som; a inflexão através da qual tais segmentos da fala se manifestam, gestual e expressão facial.

Com isso, o pesquisador busca demonstrar que as entonações adotadas pelo professor na sala de aula podem manifestar sua aprovação ou desaprovação a determinada resposta e ainda atrair a atenção do aluno a conteúdos específicos de sua própria resposta. Ou seja, para o pesquisador, a capacidade de interpretar a função pragmática dos enunciados do discurso ignorando as características entoacionais (em se tratando de línguas orais especificamente nesse estudo), é bastante limitada.

Ainda em contexto de sala de aula no Brasil, Silva (1999) também analisa aspectos prosódicos da fala de uma professora de inglês como segunda língua em interação com um grupo de alunos. A pesquisadora destaca, a partir de seu estudo, a relevância interacional da prosódia adotada pela docente a fim de alcançar uma troca bem sucedida para com os estudantes. A partir daí, Silva destaca que a prosódia é importante em qualquer situação de comunicação oral. No contexto da sala de aula, especialmente, a maneira de falar pode transmitir muitas informações ao interlocutor, contribuindo para a construção de um cenário cooperativo na sala de aula e assegurando a aprendizagem.

Apesar de sua enorme importância para a interação, como visto em Hewings (1987) e Silva (1999), a prosódia e a entonação de forma geral

recebem pouca atenção dos linguistas interacionais e acabam situando-se mais ao lado da fonética e da fonologia, conforme aponta Coulthard (1992). De acordo com o analista do discurso, a alocação dos estudos de prosódia no âmbito da gramática ou da fonologia foi contestada pioneiramente por O'Connor e Arnold (1973), que se dedicaram a descrever as escolhas prosódicas ou entoacionais como decisões significativas à interação. Eles ressaltam que a entonação tem a importante função de demonstrar “a atitude do falante em relação à situação em que ele está colocado”.

De forma semelhante, Madureira (1996) tece também sua crítica à escassez de estudos no âmbito do discurso e da interação que enfatizem a relevância de entonação para a construção do sentido e do próprio discurso. Segundo a pesquisadora, os aspectos fônicos (prosódicos, por assim dizer) são extremamente pertinentes à comunicação oral, pois traçam um diálogo direto com a funcionalidade do discurso, até mesmo em uma fala espontânea.

Nesse sentido, destaca-se o estudo realizado por Brazil (1992) a respeito da função interacional exercida pela entonação, ou seja, pelos fenômenos prosódicos. Nessa direção, Brazil (1992) explica a importância do contexto no curso da interação, para além das elocuções propriamente ditas. O autor acrescenta que a entonação adotada pelos interagentes ao proferirem determinadas elocuções fazem alusão a conhecimentos compartilhados por eles que não decorrem daquela interação propriamente dita, mas de um “terreno comum” aos participantes.

No estudo, Brazil (1992) traz um exemplo interacional em que os falantes conversam sobre o aniversário de uma das participantes da situação. No contexto, é dito que ela fará seu vigésimo aniversário. Pelo tom da fala do locutor, compreende-se que todos já estão cientes sobre o aniversário e é a data a informação nova, pois foi destacada pela entonação do participante. Em outra situação, o destaque prosódico é para a idade da aniversariante. Então compreende-se que os outros tópicos do conteúdo da fala já eram previamente compartilhados pelos participantes, mas que a informação acerca da idade a ser cumprida é

que ainda era desconhecida. Assim, Brazil (1992) conclui que o tom adotado na fala permite que um falante acione os conhecimentos compartilhados por aquele grupo e que não tenham sido explicitados na conversa.

Em consonância à pesquisa construída por Brazil, Coulthard enfatiza a função da tonalidade na interação. O pesquisador traça uma importante diferença para o significado interacional dos tons médio, alto e baixo. Para Coulthard (1992), a tonalidade alta pode indicar contraste, contradição, enquanto a tonalidade média pode aludir a alguma relação de adição entre as informações destacadas com esta entonação e a entonação baixa, por sua vez, pode indicar equivalência. Ou seja, para o pesquisador, há um significado interativo emitido por meio da entonação vocal que é compartilhado pelos falantes nativos de determinado idioma.

Coulthard (1992) afirma que, embora a maioria dos analistas, na condição de falantes nativos, tenha se dado conta das características de entonação e prosódia presentes na fala, especialmente marcando e diferenciando orações declarativas de orações interrogativas, eles não foram capazes de descrever tal aspecto da língua e, por isso, o refutaram. O pesquisador relembra ainda que Jefferson (1978), ao propor seu sistema de transcrição da fala, pretende que este seja 'aquele que parecerá aos olhos como soa aos ouvidos' (p. 11). Trata-se de uma clara alusão a aspectos sonoro-entoacionais da língua com função interativa, uma vez que a perspectiva adotada pela linguista versa sobre a interação.

Ainda na perspectiva interacional, Cohen et al (1990) afirmam que, durante a interação, os falantes utilizam-se da melodia a fim de construir sentidos distintos e extrapolar o que é dito apenas de maneira denotativa. Portanto, para Cohen et al (1990), a prosódia é a responsável por agregar uma dimensão expressiva ao conteúdo lexical. Segundo o linguista, o falante pode, através da prosódia, incluir em seu discurso pontos fundamentais para a construção de sentidos. Como exemplo, tem-se as diferentes maneiras de interpretação da leitura de um mesmo texto, a depender da inflexão adotada. Ou seja, aquilo condicionado pela leitura para além do que está dito no texto escrito.

Também em diálogo com a perspectiva sociointeracional, Madureira (1996), propõe a análise de uma palestra a partir de Goffman, contemplando, contudo, além do conteúdo e da organização do discurso, aspectos entoacionais da fala do palestrante. Dessa forma, a pesquisadora considera os papéis exercidos pelo palestrante e como sua voz varia de acordo com o papel assumido em cada momento de sua fala. Os papéis em questão são: papel social, papel funcional e papel de agente. Para a analista, o papel funcional é entendido, em seus dados, como o papel de animador e, portanto, está relacionado a uma maior vivacidade vocal, com mais ênfase nos recursos fônicos utilizados pelo palestrante, por exemplo. Madureira também destaca a mudança do uso de tais recursos entoacionais de acordo com o papel exercido pelo palestrante a cada momento da construção do seu discurso.

A partir de todo o exposto, fica evidente, como o estudo da prosódia de acordo com a perspectiva interacional traz luz de maneira relevante para uma robusta sustentação à abordagem levantada nesta pesquisa.

5 Metodologia da pesquisa

Este é um estudo realizado a partir de um grupo focal formado por participantes de um Curso de Extensão Esse grupo teve por objetivo entender como os intérpretes de Libras e Português lidam com a interpretação em direção ao português oral e também a possível influência da Fonoaudiologia Bilíngue nessa tarefa.

5.1 Natureza da pesquisa

O método escolhido para a realização deste estudo está situado no âmbito da pesquisa qualitativa e interpretativista (DENZIN E LINCOLN, 2006).

Nesse sentido, Denzin e Lincoln (2006), ao se debruçarem sobre a pesquisa de natureza qualitativa, afirmam que a pesquisa qualitativa, atualmente, carrega em si a luta de manter relação com as esperanças,

as necessidades, os objetivos e as promessas de uma sociedade democrática livre (p.18). Para os autores, a pesquisa de abordagem qualitativa utiliza-se de um conjunto de práticas materiais e interpretativistas que buscam cumprir objetivos epistemológicos e práticos.

No âmbito da Saúde - contexto em que me insiro como fonoaudióloga -, o estudo qualitativo, de acordo com Minayo (2007), revela-se enquanto uma atividade emergente das indagações teóricas, sociais e aplicadas. Seu objetivo deve ser o de contribuir para o empoderamento dos sujeitos participantes.

5.2 Grupo Focal

De acordo com Minayo (2007), a técnica do grupo focal consiste em uma entrevista de grupo, em que estão presentes um animador e um relator - além dos entrevistados/participantes. Para a autora, são funções do animador: promover a focalização do tema e a participação de todos, bem como o aprofundamento da temática em questão. Além do animador, Minayo destaca a importância da presença de um relator, que seria responsável por registrar a interação em curso. Assim, a pesquisadora coloca que o grupo focal pode ser entendido como um tipo de entrevista/conversa que ocorre em grupos pequenos e homogêneos.

No que tange à homogeneidade do grupo, Gaskell (2007) aponta para a importância de que os participantes do grupo tenham um meio social em comum. Além disso, outros autores fazem recomendações também com relação ao número de participantes - que variam entre 6 a 10 ou 6 a 12 (GONÇALVES, 2012; MINAYO, 2007) - e à duração dos encontros, de no máximo uma hora e meia.

Ao utilizar o Grupo Focal, Ferreira (2013) aponta que é possível produzir sentidos e coconstruir entendimentos e identidades, bem como criar e fortalecer redes de apoio e fornecer informações e aprendizados. Por isso, é importante que o mediador busque desenvolver um tópico-guia para a discussão dos temas, conforme aponta Gaskell (2007). Desse

modo, os participantes seriam convidados a falar sobre determinado tema e o mediador faria perguntas buscando o aprofundamento e a reflexão (MINAYO, 2007).

Assim, com base nos postulados do Grupo Focal, localizado como uma técnica da pesquisa qualitativa, foram selecionados 6 participantes egressos do curso de extensão em questão e, mediante encontros online, suscitei a eles questões acerca da formação do intérprete, no que diz respeito à Interpretação Direta. Posteriormente, tais dados foram analisados com base na Análise da Conversa.

As perguntas de pesquisa apresentadas foram as seguintes:

1. Quais são as principais dificuldades que emergem nas narrativas dos TILSPs com relação à “versão voz”?
2. Quais os recursos utilizados pelos TILSPs para enfrentar essa dificuldade?
3. Há lacunas na formação do TILSPs? Quais são?
4. Qual é a relevância da “versão voz” para os intérpretes?
5. Os participantes acreditam que a Fonoaudiologia Bilíngue para Surdos poderia contribuir para a área?

Buscando articular as perguntas de pesquisa às discussões que foram construídas durante os encontros do Grupo Focal, estava o seguinte roteiro flexível:

- a) A formação de cada um dos intérpretes com relação à interpretação em voz;
- b) A experiência de atuação interpretando da libras para o português oral;
- c) As reflexões em relação a questões da multimodalidade, considerando aspectos corporais, do som, da voz, prosódicos e rítmicos, além de expressões faciais e gestualidade;
- d) A compreensão de cada um sobre o que se trata a fonoaudiologia bilíngue;

- e) De que forma entendem que o profissional fonoaudiólogo bilíngue pode contribuir para a prática dos intérpretes de Libras e Português.
- f) Que noções sobre cuidados vocais tinham antes do curso e têm agora.

Os encontros para a realização de tais discussões se deram de maneira virtual via Plataforma Meet. Os participantes eram egressos da 1ª Edição do Curso de Extensão “Aprimoramento da Direção Direta para G-TILS - Técnicas Vocais”, selecionados de acordo com a disponibilidade e interesse em participar da pesquisa. O curso ocorreu de maio a setembro de 2023. As gravações para a presente pesquisa foram realizadas de acordo com o cronograma estabelecido para a pesquisa, depois da aprovação da Câmara de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (número 105-2023, protocolo 121-2023. Proposta SGOC 496818).

Dentre os participantes do Curso de 2023, estavam:

1. Pessoas afiliadas à Associação de Tradutores Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais do Estado do Rio de Janeiro (AGITE-RJ)
2. Pessoas afiliadas à Associação Catarinense de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (ACATILS)
3. Estudantes do curso de bacharelado de Letras-Libras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
4. Estudantes do curso de licenciatura de Letras-Libras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A fim de entender melhor o perfil dos participantes, mostrou-se essencial uma breve exposição de informações importantes de suas trajetórias pessoal e profissional, que os constituem como sujeitos participantes ativos neste estudo e intérpretes atuantes e comprometidos com a Comunidade Surda, bem como todos os seus atravessamentos implicados. Para tanto, pude, como parte constituinte da metodologia de

inspiração etnográfica que constitui o presente estudo, dialogar e ouvir os participantes acerca de suas histórias e, então, tomar nota de aspectos importantes para a construção desta pesquisa. Assim, dedico as próximas páginas à apresentação individual dos participantes por seus nomes fictícios: Amélie, Ana, Arthur, Aslan, Tiana e Violeta.

5.2.1 Amélie - identidade e percurso

Amélie considera que ainda está no início de sua trajetória. Encontrou na Língua Brasileira de Sinais um caminho possível para sua profissionalização. A intérprete é aluna a nível de graduação em curso de Letras/Libras e participa ativamente das atividades acadêmicas e extracurriculares. Além disso, Amélie já atua como intérprete em outra instituição. Por isso, a dupla jornada entre trabalho e estudo atravessada por ela nem sempre a permite oferecer dedicação total à área acadêmica. Apesar disso, Amélie ainda consegue participar de cursos, oficinas e práticas diversas, mediante seu interesse em aprimorar o serviço por ela oferecido.

Inicialmente, seu interesse pela língua se deu por meio de um canal de televisão religioso que ofertava janela de interpretação. A partir dessa motivação, a intérprete buscou um Curso Livre de Língua Brasileira de Sinais. O curso era pago e isso mostrou-se um desafio para a sua conclusão, porém a profissional persistiu e, ainda durante o curso, prestou vestibular para graduação em Letras/Libras.

A graduação teve início em 2020 e ela espera concluí-la em 2025. Apesar da longa jornada a ser percorrida, ela já demonstra grande interesse em contribuir para a categoria e aperfeiçoar-se gradualmente.

5.2.2 Ana - identidade e percurso

Para Ana, foi o contexto educacional que a aproximou da Língua Brasileira de Sinais e, conseqüentemente, da Comunidade Surda. Ela fez o Ensino Médio optando pela formação em Magistério. Apesar de não se identificar com a profissão, foi durante o Magistério que a intérprete soube da existência de um Curso de Libras e, por curiosidade, se inscreveu. Seu

intuito, a princípio, era apenas conhecer uma nova língua, como uma atividade extracurricular.

As aulas de Libras a fizeram conhecer a Associação de Surdos de sua cidade, onde tomou ciência da escassez de profissionais de interpretação para mediar diversas situações na vida das pessoas surdas. Sensibilizada por essa situação, sentiu-se motivada a aceitar um convite para atuar profissionalmente como intérprete no contexto educacional. Ana certificou-se de que todas as partes envolvidas estivessem cientes de que ela ainda não tinha um domínio robusto da língua necessário para a prática profissional. Porém, diante da necessidade, a instituição e a pessoa surda aceitaram seu trabalho.

Ana então deu início a um curso profissionalizante para atuar como intérprete no par linguístico libras-português e começou a sua trajetória rumo a uma profissionalização efetiva. Além disso, se pôs a participar de oficinas e palestras que pudessem auxiliá-la a obter mais conhecimentos e consciência sobre a atuação do intérprete de libras.

Em seguida, Ana pôde inscrever-se na Graduação em Letras/Libras, contexto que ampliou sua rede de contatos e, conseqüentemente, alavancou a sua carreira. Com isso, a intérprete começou a atuar no nível superior em uma instituição privada em sua cidade. Posteriormente, houve também a abertura de um edital de concurso para atuar como intérprete em uma instituição pública de ensino superior, no qual Ana foi aprovada e logo assumiu o cargo.

Atualmente, a profissional ainda atua nessa mesma instituição pública. Além disso, pôde concluir uma especialização na área, sempre interessada em aprimorar a sua prática e oferecer um trabalho qualificado e sério.

5.2.3 Arthur - identidade e percurso

Arthur trabalha como intérprete há 15 anos e começou a sua trajetória profissional na Educação, atuando inicialmente no primeiro e no segundo segmento. Ele permaneceu atuando nesse contexto por um

período relevante. Posteriormente, o intérprete atuou também em âmbito estadual, mais uma vez como intérprete em sala de aula.

Seu interesse pela área emerge do contexto religioso, mediante o contato com fiéis surdos e colegas já atuantes na interpretação. Arthur enfatiza seu comprometimento com a ética profissional e com a autoconsciência de sua trajetória.

O intérprete é atuante na coletividade e já realizou outros cursos oferecidos pelas instituições responsáveis pela classe. É participativo na sua comunidade local e está sempre junto à realidade surda, buscando se integrar, aperfeiçoar sua prática e compreender as diferenças culturais.

5.2.4 Aslan - identidade e percurso

Foi no contexto acadêmico que Aslan teve sua aproximação com a Língua Brasileira de Sinais e com a pessoa surda. Mediante um colega de classe surdo, quando cursava a Graduação em Pedagogia, Aslan passou a desenvolver suas habilidades linguísticas com a Libras e, já nesse contexto, mediava também, ainda que somente com um conhecimento basal da língua, as interações entre este colega surdo e os demais colegas ouvintes.

Inicialmente, o intérprete não tinha interesse na carreira de Tradutor e Intérprete de Libras e Português, mas desenvolveu uma afinidade com a Cultura Surda e passou a se aproximar mais da comunidade. Essa aproximação também foi permeada pela Instituição Religiosa, contexto em que Aslan passou a atuar voluntariamente e, então, a desenvolver suas habilidades em interpretação.

Graduou-se em Pedagogia e também atuou em sala de aula, como Professor da Educação Especial, Professor e, posteriormente, intérprete. No contexto da tradução e da interpretação, Aslan envolveu-se não apenas de forma individual, mas também coletiva e associativa.

Atualmente, o intérprete coordena diversos projetos e participa ativamente da Comunidade Surda, de forma profissional e pessoal. Aslan entende a importância da coletividade na trajetória profissional de um intérprete de libras e busca dar apoio a outros colegas de profissão,

incentivando-os para que possam se desenvolver cada vez mais. Além disso, o intérprete tem o apreço e o carinho da Comunidade Surda, sendo sempre muito respeitado por onde passa.

5.2.5 Tiana - identidade e percurso

Ao ser convidada para participar da pesquisa, Tiana prontamente aceitou e, desde o início, demonstrou grande interesse em contribuir. Sempre se mostrou bastante participativa nos encontros e nas trocas de mensagem por aplicativo de conversas que precederam e sucederam os encontros, a fim de realizar ajustes e esclarecimentos com relação à geração de dados.

Sua trajetória profissional se dá despretensiosamente, a partir de sua vivência em um contexto religioso - como visto, uma ocorrência comum a muitos intérpretes atuantes hoje no cenário brasileiro. Tiana realizou seu primeiro curso de Libras em uma igreja evangélica, de forma gratuita e com duração de cerca de 6 meses. Ali, ela aprendeu os primeiros sinais, a datilologia e vocabulários voltados à homilética. A abrangência limitada do uso da língua se deu por se tratar de um contexto cristão que tinha por objetivo formar pessoas para auxiliar de maneira voluntária nos serviços eclesiais, promovendo mais inclusão e acessibilidade linguística para fiéis surdos.

O percurso para estudar os seus primeiros sinais era longo e exaustivo. Tiana se deslocava para uma outra cidade a fim de obter as aulas ofertadas por uma professora surda membro da comunidade religiosa em questão. Todavia, apesar das dificuldades, ela foi persistente; entre os quase 100 alunos que se matricularam e frequentaram o curso, ela foi a única a seguir uma carreira profissional na área, impulsionada por essa experiência inicial.

Antes mesmo de concluir o curso, frequentando os encontros da comunidade cristã que a havia proporcionado os conhecimentos em Libras, Tiana já passou a auxiliar na interpretação de pequenos cânticos que se repetiam nas cerimônias semanais.

Com grande interesse em se profissionalizar, após vivenciar tal experiência, Tiana realizou cursos voltados para a Tradução e Interpretação em Libras e Português fora do contexto religioso, em âmbito educacional e técnico.

À época, ainda havia a aplicação do exame do PROLIBRAS - Exame de Proficiência em Libras⁸. Tiana, portanto, obteve o certificado que a habilitava, àquela época, tanto para o exercício da interpretação como para a instrução de libras em contexto educacional.

Paralelamente, a intérprete graduou-se também em Direito, porém deu continuidade ao seu exercício profissional de tradutora e intérprete, não se utilizando de sua formação superior neste primeiro momento. Em seguida, suas experiências pessoais a levaram a perceber a importância de tornar serviços jurídicos acessíveis e inclusivos para pessoas surdas. Foi então que a intérprete habilitou-se para o exercício da advocacia e passou a atuar também como advogada bilíngue.

Mediante sua dupla jornada profissional, ainda insatisfeita com a sua formação na área de Língua Brasileira de Sinais, Tiana optou por cursar a Graduação em Letras/Libras (Licenciatura), uma vez que, em algumas situações, a titulação passou a ser uma exigência - ainda que a licenciatura seja, em teoria, para o ensino da língua e não para interpretação.

Diante dessa complexa trajetória, o que a motivou a inscrever-se no Curso de Extensão ofertado para o aprimoramento da Versão Voz foi justamente a sua prática profissional em contexto jurídico e a perceptível escassez de cursos voltados para essa prática, uma vez que, no referido cenário, apresentar uma interpretação em voz com uma oratória coerente à sinalização da pessoa surda é crucial para a tomada de decisões significativas.

⁸ A execução desse exame foi suspensa em 2015 e sua titulação não é mais aceita em muitas instituições. Porém essa proficiência ainda é solicitada em algumas áreas, apesar de envolver minúcias legais que impactam diretamente o processo de reconhecimento e profissionalização do tradutor e intérprete de Libras.

Além de atuar no contexto jurídico, Tiana também tem uma importante presença em âmbito cultural, interpretando em séries, documentários, eventos musicais e, ainda, no Carnaval.

Para a intérprete, acessibilizar é a palavra de ordem. E, motivada por esse objetivo, Tiana compreende a importância de atuar tanto em direção à libras, como na Versão Voz. Isso talvez justifique sua participação ativa em todas as aulas do Curso de Extensão, realizando as atividades com empenho, dedicação e desenvoltura. E, posteriormente, demonstrando um evidente interesse em contribuir para este estudo.

5.2.6 Violeta - identidade e percurso

Para Violeta, o ambiente religioso também foi o berço que embalou suas primeiras sinalizações. Enquanto ela cursava a graduação em psicologia, frequentava uma comunidade religiosa onde havia fiéis surdos. Por ser uma pessoa de olhar atento e curioso, as mãos sinalizantes logo lhe despertaram o interesse. Foi nesse cenário, que surgiu a oportunidade de realizar o primeiro curso livre para aprender libras.

Esse momento inicial de aprendizado foi mediado por uma professora voluntária surda, porém sem nenhuma capacitação específica para o ensino da língua além do desejo de compartilhar um pouco mais de sua cultura e forma de se comunicar com colegas ouvintes que partilhavam da mesma fé. A metodologia utilizada pela instrutora, era dedicada ao ensino de sinais isolados e não contemplava a língua em uso. Apesar disso, com estes primeiros sinais, Violeta já se esforçava para conseguir comunicar-se com os fiéis surdos de sua comunidade religiosa.

Paralelamente, a futura intérprete frequentava as aulas do curso de psicologia e soube da possibilidade de realizar uma disciplina de Libras de forma optativa, uma vez que a língua, naquele momento, não era obrigatória nos cursos de psicologia. A cada aula, seu interesse pela Língua de Sinais aumentava e o desejo de impactar a área da psicologia através da inclusão da pessoa surda nesse contexto, também. Violeta buscou realizar intervenções e reflexões para a graduação de psicologia,

que pudessem provocar psicólogos e futuros psicólogos com relação à acessibilidade linguística frente à surdez na prática clínica.

Após envolver-se com a Comunidade Surda de forma intensa, genuína e dedicada, Violeta buscou capacitações diversas para se tornar intérprete. Foi então, que depois de obter a certificação do Exame de Proficiência em Libras, Violeta conseguiu a sua primeira oportunidade de exercer o ofício de forma profissional e remunerada.

Desde então, a intérprete passou a atuar com frequência no ambiente educacional, com experiências amplas junto à inclusão da pessoa surda na Educação. Isso passou a demandá-la a prática da interpretação em Versão Voz, que causava pavor a ela, uma vez que, tendo advindo do ambiente religioso, estava mais acostumada a sinalizar do que a oralizar no processo tradutório.

A intérprete foi crescendo profissionalmente e hoje atua há 15 anos, sempre com enfoque na área educacional, desde o ensino básico até a Pós-Graduação, ambiente de seu atual exercício laboral. Sua prática profissional é de importante notoriedade para o contexto em que está inserida.

No início de seu desenvolvimento profissional, contudo, Violeta pensou em desistir, dada a dificuldade de profissionalizar a sua sinalização inicialmente amadora, de caráter voluntário e restrita ao âmbito religioso. Encontrou apoio por parte de colegas de profissão mais experientes e se fortaleceu frente à decisão de trilhar essa carreira dedicada à Língua Brasileira de Sinais.

Hoje, para Violeta, a Comunidade Surda tornou-se parte indissociável de sua constituição, não apenas como profissional, mas sobretudo como sujeito. Ela encontrou nas práticas técnicas da tradução e da interpretação um propósito norteador para a maneira como ela entende o mundo e como decide colocar-se enquanto ser humano frente a tantos atravessamentos que envolvem as diferenças entre uma sociedade ouvinte e a pessoa surda.

Foi nesse contexto, após 15 anos atuando profissionalmente, que Violeta decidiu inscrever-se no Curso de Extensão de aprimoramento da

Versão Voz, no par linguístico libras-português. A necessidade de representar a voz de pessoas surdas em âmbito acadêmico a moveu em direção a essa busca de aprendizado contínuo e especializado. Ao ser convidada a participar da geração de dados deste estudo, Violeta demonstrou notório interesse em contribuir para a construção de saberes que possam reorganizar a prática de outros tradutores e intérpretes de Libras e também de Fonoaudiólogos que atuam junto à Surdez e à Libras.

Acredito que a partir das trajetórias dos intérpretes e de suas perspectivas acerca da interpretação, a maneira como os profissionais participam da interação em grupo focal recebe um enfoque mais preciso para a análise dos dados gerados.

5.4 O Curso

O curso surgiu a partir da percepção da necessidade de uma formação para o Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais e Português direcionada especificamente para a Versão Voz. A proposta do curso se enquadra como Ação de Extensão e foi submetida e aceita pela Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ. O título da ação foi “Aprimoramento da Direção Direta para G-TILS - Técnicas Vocais”.

Após a aprovação do curso, sua divulgação se deu mediante as plataformas digitais, nas páginas do Curso de Letras/Libras da universidade e também do endereço eletrônico e mídias sociais da AGITE-RJ. Ao total, foram ofertadas 17 vagas e todas foram preenchidas.

A modalidade foi online, devido às facilidades geográficas. A execução teve início em 2023 e o prazo de autorização para a realização de novas edições sem necessidade de outra submissão à plataforma da UFRJ é de 5 anos.

Os então e ainda coordenadores do curso são: o atual presidente da Associação de Guias-Intérpretes e Intérpretes de Libras e Português do Estado do Rio de Janeiro (doravante AGITE-RJ), também intérprete vinculado à universidade que contextualiza a geração dos dados, Alex Sandro Lins; e eu, Maria Paula Guimarães de Barros, fonoaudióloga bilíngue (libras e português) e pesquisadora a nível de doutorado,

vinculada à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A carga horária total do curso foi de 60 horas, distribuídas entre aulas síncronas (via Plataforma Zoom, por meio da conta da AGITE-RJ) e atividades assíncronas de interpretação direta supervisionada, mediante a plataforma gratuita “Google Classroom”. O curso foi totalmente gratuito.

O Curso de Extensão “Aprimoramento da Direção Direta para TILSPs - Técnicas Vocais” apresenta os seguintes objetivos:

1. Proporcionar o aperfeiçoamento da técnica de Direção Direta (Versão Voz);
2. Propiciar a construção de inteligibilidades entre as ciências da Fonoaudiologia e da Tradução e Interpretação de Libras-Português;
3. Desenvolver habilidades vocais voltadas à prática do G-TILSP.

Enfatiza-se que a formação ocorreu de maneira interdisciplinar, pois uniu saberes da Fonoaudiologia e dos Estudos da Tradução e Interpretação, a fim de gerar articulações entre duas áreas distintas do conhecimento. Assim, foi possível oferecer o desenvolvimento da Versão Voz, enquanto uma habilidade necessária à prática profissional do G-TILSP.

A relação entre ensino, extensão e a pesquisa foi estabelecida neste curso por meio da promoção de práticas e da disseminação de conhecimentos voltados ao aprimoramento da técnica, cientificamente embasada, com a finalidade de entregar à sociedade egressos, sejam iniciantes ou profissionais G-TILS já atuantes, ainda mais qualificados.

Em seu conteúdo programático, o curso abrangeu os tópicos detalhados na tabela a seguir. É importante pontuar que a tabela reflete uma síntese didática da estrutura do curso. Pequenas alterações ocorreram no decorrer do curso, porém não alteram sua essência e as informações abaixo oferecem um panorama geral bastante razoável acerca da organização do treinamento:

Disciplina	Detalhamento	Formato	Professor
Aspectos Gerais de Tradução e Interpretação;	Conceitos e diálogos sobre os Estudos da Tradução e da Interpretação em Línguas de Sinais.	Ao vivo - Google Meet	Alex Sandro Lins
Introdução a Técnicas Vocais;	Anatomia e fisiologia da produção vocal; elementos prosódicos úteis à interpretação - teoria e prática.	Ao vivo - Google Meet	Maria Paula
Motricidade Orofacial Aplicada à Interpretação;	Anatomo-fisiologia da dicção do português brasileiro, exercícios para dicção.	Ao vivo - Google Meet	Maria Paula
Técnica Corporal para Tradução e Interpretação;	Compreensão da multimodalidade aplicada à interpretação em direção direta; movimentos corporais, gestuais e faciais que cooperam para a comunicação.	Ao vivo - Google Meet	Maria Paula
Saúde Vocal do Tradutor e Intérprete;	Exercícios de cuidados vocais e maiores contribuições sobre saúde vocal.	Ao vivo - Google Meet	Maria Paula
Uso de Instrumentos para a Interpretação;	Contribuições acerca da Competência Instrumental do Intérprete - incluindo o uso do instrumento vocal.	Ao vivo - Google Meet	Alex Sandro e Maria Paula
Direção Direta em contexto Educacional;	Reflexões e práticas acerca da atuação do TILSP na Educação	Ao vivo - Google Meet	Alex Sandro
Direção Direta em Contexto de	Reflexões e práticas acerca da atuação do TILSP na Saúde	Ao vivo - Google Meet	Alex Sandro

Saúde;			
Direção Direta em Contexto Cultural;	Reflexões e práticas acerca da atuação do TILSP na Cultura	Ao vivo - Google Meet	Alex Sandro
Laboratório de Práticas em Direção Direta;	Práticas assíncronas de interpretação em voz com gravação em voz e vídeo	Google Classroom - postagem de atividade	Alex Sandro e Maria Paula
Direção Direta: Diálogos com Tradutores e Intérpretes;	Reflexões sobre os aprendizados de cada um, a fim de proporcionar o fortalecimento da coletividade e das técnicas do curso.	Ao vivo - Google Meet	Alex Sandro e Maria Paula

Até o momento, entende-se que este foi o primeiro curso de extensão, oferecido em modalidade remota, por uma fonoaudióloga e um professor intérprete, com o objetivo de promover o aprimoramento da voz do intérprete de libras e português atuando na interpretação para o português oral, mediante técnicas vocais embasadas na fonoaudiologia.

Diante disso, considero válido explicitar a maneira como as práticas de interpretação foram realizadas, a fim de, possivelmente, servir de embasamento para formações futuras ministradas por outros profissionais da área.

As práticas de Versão Voz realizadas no curso tinham por objetivo observar os aspectos da oratória dos intérpretes, em detrimento de questões de escolha tradutória. Tendo em vista o enfoque na oratória, o uso de *feedbacks* estruturados de maneira a valorizar a execução de cada participante foi fundamental nesse processo. Para isso, foi necessária uma aproximação pedagógica e didática dos alunos, a fim de criar um ambiente seguro para que eles pudessem realizar tais práticas diante dos colegas, obtendo os *feedbacks* dos mesmos e, com isso,

fortalecendo sua maneira de realizar a Versão Voz e a sua autoconfiança diante do público.

Para tanto, compartilhei em cada prática um vídeo em que uma pessoa surda estivesse sinalizando uma mensagem e, simultaneamente, um participante fazia a Versão Voz durante a aula, ao vivo, na presença de todos os colegas. Quando o participante finalizava a sua interpretação, eu pedia aos colegas que dessem *feedbacks* a este intérprete com relação à forma de falar.

Aqui, vale ressaltar que a estrutura e o teor dos *feedbacks* também foram aspectos bastante trabalhados com todos os participantes, a fim de que o processo pudesse ser realizado da maneira mais construtiva possível. Nesse sentido, expliquei aos alunos que os retornos deveriam ser apenas com relação à maneira de falar, não quanto a aspectos tradutórios. Assim, os colegas deveriam observar a postura, a voz, a entonação, o gestual e a dicção de cada um ao executar a interpretação.

Com relação à estrutura do *feedback*, enfatizei a importância de se pontuar os aspectos positivos do *delivery* de cada um e, em seguida, aquilo que o intérprete poderia ter mais atenção, para melhorar. Após receber os *feedbacks* dos colegas, o intérprete recebia também o meu, com um olhar profissional, destacando os aspectos fonoaudiológicos da entrega, na correlação da prosódia de ambas as línguas.

Além dessa forma de realizar a prática de Versão Voz durante o curso, uma outra também foi empregada. Consistia na interpretação coletiva de um único vídeo e a posterior reflexão sobre o processo. Nessa dinâmica, cada participante interpretava apenas um pequeno trecho (cerca de 1 minuto) do vídeo e, em seguida, outro tomava a prática e dava continuidade por mais um curto lapso temporal. A troca de intérpretes era dirigida por mim e o vídeo era pausado durante o processo de troca, em momentos estratégicos.

Ao fim dessa dinâmica, refletíamos sobre as dificuldades de uma interpretação coletiva feita dessa maneira, mas também sobre a importância de se respeitar a forma como cada um conduzia a sua própria

interpretação. Além disso, cada intérprete também relatava o que notou de positivo em si e nos outros, e aquilo que percebeu que ele e os outros ainda poderiam desenvolver com relação ao uso da oratória.

Uma terceira forma de praticar a Versão Voz junto aos inscitos se deu de maneira assíncrona. Nessa dinâmica, cada participante postou na plataforma Google Classroom a sua interpretação de algum vídeo sinalizado disponibilizado no mesmo ambiente virtual. Assisti a cada uma das interpretações e registrei por escrito meu *feedback* individual para cada participante, também enfatizando aspectos positivos e os de melhoria com relação à oratória.

Tais práticas mostraram-se fundamentais tanto para o aperfeiçoamento da Versão Voz de cada um dos participantes, como também para o fortalecimento da coletividade. Criou-se, assim, um ambiente construtivo e acolhedor entre todos os intérpretes, para que um pudesse dar suporte ao outro e entendê-lo como aliado no processo de construção da profissão e não como adversário na busca por um lugar no mercado.

5.5 Geração dos dados para a pesquisa, transcrição e interpretação dos dados

O presente estudo trata, em sua análise, das interações durante os encontros junto ao Grupo Focal após a finalização do Curso de Extensão. As reuniões foram gravadas mediante a ferramenta de gravação do Meet; e apenas os dados em áudio serão analisados. As gravações não serão jamais utilizadas para a divulgação dos dados gerados.

O número de gravações, bem como os participantes ouvintes envolvidos na geração dos dados de pesquisa, encontram-se resumidos na tabela a seguir:

Participantes das gravações	Número de encontros gravados	Duração de cada encontro gravado	Tempo total de gravações
• A coordenadora, professora e fonoaudióloga do Curso de Extensão (Maria Paula) • 6 cursistas egressos selecionados • O vice-coordenador do Curso de Extensão (ocasionalmente)	2	1h e 15min (aproximadamente)	2h e 30 min (aproximadamente)

A partir da ferramenta metodológica da Análise da Conversa Etnometodológica, utilizei gravações em áudio para a obtenção de dados de situações reais (OSTERMANN E SOUZA, 2009) – sem desconsiderar, todavia, o *paradoxo do observador* (LABOV, 1974; DE FINA & PERRINO, 2011), que tende a estranhar a presença do recurso de gravação nos primeiros momentos, porém passa a ignorá-la depois de certo tempo.

Para a análise dos dados, utilizamos as convenções baseadas nas normas de transcrição de Atkinson e Heritage (1984), de acordo com Garcez, Bulla e Loder (2014), que encontram-se anexas a esta produção, ao fim do estudo.

As etapas necessárias para a composição e organização dos dados e sua posterior análise serão, portanto:

- (i) Gravação dos dados em áudio
- (ii) Transcrição dos dados orais
- (iii) Interpretação dos dados com inspiração metodológica na Análise da Conversa etnometodológica (ACE)

As etapas (ii) e (iii) são consideradas como etapas analíticas, de acordo com os postulados da Análise da Conversa Etnometodológica (ACE) e de minha perspectiva perante a geração dos dados interacionais, uma vez que a maneira como a pesquisadora transcreve os dados é,

também, a forma como ela os capta e compreende. Por isso é, por natureza, interpretativista, mediante a co-participação da própria pesquisadora-autora do estudo.

As transcrições das gravações serão utilizadas apenas para a realização de estudos acadêmicos, como a tese de doutorado, monografias acadêmicas, artigos a serem produzidos e publicados, apresentações em eventos acadêmicos. Os dados em áudio não serão divulgados em hipótese alguma.

5.6 Aspectos éticos

A presente pesquisa foi submetida à Câmara de Ética em Pesquisa (CEP) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro / PUC-RIO, respeitando os princípios da Resolução 466/126 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa, e obteve aprovação, com o registro através do número de protocolo 121-2023, proposta SGOC 496818.

Ainda em relação ao compromisso ético da pesquisa, a geração de dados segue o que prevê o art. 1º, em seus incisos I a VIII, da Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, que aprova as diretrizes e as normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo os seres humanos.

Nesse sentido, foram indispensáveis os seguintes documentos: Cronograma de pesquisa, e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os participantes.

É importante explicitar que o termo de consentimento foi entregue aos participantes via e-mail, em que constou explicação detalhada sobre o processo da geração de dados, possibilitando aos candidatos a participação consciente, de forma livre e esclarecida. Após os participantes terem assinado os documentos, eles foram recolhidos virtualmente, por correio eletrônico. Os termos serão impressos e guardados para assegurar a seriedade do estudo - além de tê-los também salvos em meu computador pessoal.

Os participantes foram informados sobre o direito de interromper sua participação quando desejado e, sempre que as dúvidas se manifestaram,

estas foram esclarecidas. Os riscos da pesquisa registrados no projeto incluíram irritação ou choro, em caso de uma possível abordagem de temas sensíveis, como medo ou pavor que envolva a interpretação direta. Nessas situações, as atividades seriam interrompidas e retomadas somente se os participantes manifestassem desejo. Contudo, não houve necessidade.

A pesquisa vislumbra favorecer diversos benefícios, como proporcionar reflexões a respeito das práticas fonoaudiológicas junto à tradução e interpretação da libras para o português oral, permitindo assim uma ampliação do olhar fonoaudiológico para com os profissionais intérpretes e uma aproximação maior entre as duas classes profissionais. Ademais, propiciar reflexões aos profissionais intérpretes de Libras, com o objetivo de reorganizar suas práticas laborais. Além disso, parece relevante contribuir e incentivar mais produções científicas quanto ao tema deste estudo.

Os nomes dos participantes da pesquisa e possíveis nomes citados nos relatos foram protegidos e substituídos por nomes fictícios para a preservação das identidades dos sujeitos e das instituições relatadas em pesquisa a fim de evitar possíveis constrangimentos.

Também não houve nem haverá nenhum tipo de compensação financeira relacionada à participação na pesquisa. Em caso de possíveis despesas adicionais, estas seriam de responsabilidade da pesquisadora, que disponibilizou também seu número de telefone celular para contato, caso os participantes viessem a sentir a necessidade de um maior esclarecimento sobre quaisquer dos pontos da pesquisa.

O material gerado (gravação em áudio dos encontros) ficará sob guarda e responsabilidade da pesquisadora por um período de 5 anos após o término da pesquisa. As transcrições das gravações serão disponibilizadas de forma impressa, pessoalmente, aos participantes, quando solicitarem.

Após a finalização do estudo, a pesquisadora entregará aos participantes um relatório sobre os principais resultados do estudo. Estas informações poderão auxiliar no planejamento, execução e avaliação de

traduções e interpretações orais feitas pelos participantes. Ademais, a pesquisadora ficará à disposição para o esclarecimento de eventuais dúvidas.

5.7 Custos e fontes de financiamento

Desde o início do Doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) do Departamento de Letras da PUC-Rio, fui contemplada, pela própria instituição, com a Bolsa de Estudos CAPES. Nesta modalidade, tive a isenção dos pagamentos das mensalidades, além de receber o valor da Bolsa de Estudos. Posteriormente, houve uma alteração com relação à agência de fomento e passei a ser bolsista CNPq. Dessa forma, quaisquer custos relacionados ao desenvolvimento da minha pesquisa foram de minha inteira responsabilidade.

6 Perspectivas e experiências dos intérpretes sobre “fazer voz”

Neste capítulo, divididos por tópicos temáticos, estão os excertos das participações dos intérpretes com relação às suas experiências de interpretação da libras para o português oral. No primeiro tópico, os intérpretes apontam para as dificuldades relacionadas ao tema. No segundo, destacam os recursos utilizados para enfrentar tais dificuldades. No terceiro, eles destacam as lacunas na sua formação com relação à Versão Voz. No quarto tópico, os intérpretes destacam a relevância da interpretação em Versão Voz e, por último, como a fonoaudiologia bilíngue poderia contribuir nesse sentido.

6.1 Tiana, Aslan, Amélie, Violeta e Arthur - diferentes justificativas narradas sobre o medo da Versão Voz

Em meu primeiro turno, das linhas 1 a 12, peço que os intérpretes me contem suas experiências ao interpretar pessoas surdas. Tiana, uma das participantes, é quem, prontamente, inicia sua contribuição.

Excerto 1 - “eu fazia parte daquele grupo que corria igual ao diabo da cruz”

Interlocutor	Linha	Interlocução
Maria Paula	001 002 003 004 005 006 007 008 009 010 011 012	gente vamos lá. vamos conversar um pouquinho sobre essa questão de fazer voz, de interpretação direta. eu queria saber de vocês::: assim::: quais são as experiências de vocês fazendo voz? vocês têm muita experiência nessa área. como é? sei lá... que vocês compartilhem um pouquinho sobre essa questão. e aí se vocês quiserem falar, podem só ligar o microfone e já falar e a gente vai organizando, gerenciando um falando de cada vez. Pode falar, Tiana.
Tiana	013 014 015 016 017 018 019 020	então, eu sempre fui pra... sempre trabalhei na área com libras. era muito raro fazer versão voz. eu fazia parte daquele grupo que corria igual ao diabo da cruz, porque não tinha experiência nenhuma, nenhuma, e era teatro, era parte empresarial, era área jurídica, mas não tinha a parte da voz.

Por meio de pequenas histórias, Tiana, nas linhas 13 a 20, narra seu percurso para desenvolver esta competência tantas vezes necessária à atuação do tradutor e intérprete de libras, que é a interpretação simultânea da libras em direção ao português oral. Tiana, sem explicitar quando, como e onde, foge aos moldes labovianos de narrar e se aproxima de uma forma interacional de construir a sua história para sustentar seu argumento quando diz que “então, eu sempre fui pra... sempre trabalhei na área com libras. era muito raro fazer versão voz. eu fazia parte daquele grupo que corria igual ao diabo da cruz, porque não tinha experiência nenhuma, nenhuma” (linhas 13 a 18).

Em sua argumentação, destaco o ponto em que Tiana afirma que, apesar de sempre ter trabalhado com libras, era muito raro “fazer voz” (termo usado popularmente pelos intérpretes de Libras para se referirem à interpretação em direção ao português oral, neste trabalho nomeada Versão Voz). Tal fato, uma vez que aponta para sua pouca experiência profissional nesta forma de atuação, reforça também o lugar de pouco destaque outorgado aos surdos na sociedade - um lugar de silêncio, de desigualdade participativa no que diz respeito a expressar as suas opiniões em sua língua e ser compreendido, por meio de uma tradução, pelo público ouvinte.

Em um segundo momento, também saliento em sua fala seu medo expresso sobre interpretar em direção ao português oral. Ao afirmar que “eu fazia parte daquele grupo que corria igual ao diabo da cruz”, Tiana reforça que se trata de um medo coletivo, não individual. Aponta para um aspecto comum a muitos intérpretes ao utilizar o termo “aquele grupo”, e enfatiza o seu sentimento com relação a esta forma de atuação, em que o intérprete passa a ficar em maior evidência. Afinal, apesar de a Libras ser a língua visual em questão e que, para utilizá-la, o intérprete, geralmente, se posiciona à frente, ficando visualmente em destaque, é o uso do português oral que o permite ser notado pelos ouvintes, pois, geralmente, o público geral desconhece a libras e é incapaz de poder julgar a qualidade da interpretação do profissional.

Tiana justifica seu medo quando diz “porque não tinha experiência nenhuma, nenhuma”. A pouca experiência, é claro, contribui significativamente para a insegurança. Mas esse tipo de experiência só se torna possível quando o público passa a ter interesse em saber o que o surdo tem a dizer. Para isso, esta pessoa surda precisaria nadar contra a corrente social que a empurra para um lugar de desprestígio e não-direito ao saber e ao poder para, então, conseguir compartilhar a sua mensagem. Como, infelizmente, isso não ocorre com a frequência necessária para a construção de uma sociedade menos desigual e mais justa, os intérpretes continuam tendo pouca experiência em interpretar em direção ao português oral e, com isso, permanecem inseguros em realizar

esta prática. De igual modo, os surdos ainda são negados a um lugar de expressão de suas ideias sinalizadas.

Na continuação da interação, Aslan toma o turno e deixa também a sua contribuição sobre o ponto em curso.

Excerto 2 - “eu nunca esperei ser intérprete”

Aslan	065	anotei as perguntas pra não esquecer
	066	hhhh. é interessante porque::: eu faço a
	067	versão voz acho que antes de eu começar a
	068	fazer a versão libras, então assim foi
	069	uma coisa que aconteceu um pouco hhh
	070	naturalmente... naturalmente é muito forte,
	071	mas acho que talvez condicionalmente.
	072	é::: eu comecei a aprender libras em dois
	073	mil e quinze quando eu entrei pra fazer
	074	graduação em pedagogia aqui na
	075	*universidade* em niterói. e aí eu
	076	comecei a ter contato com um surdo que
	077	era meu colega de classe. então eu
	078	aprendi libras por causa dele em sala de
	079	aula: pra me comunicar com ele. esse foi
	080	meu objetivo↓ eu nunca esperei ser
	081	intérprete.
	082	

Em seu turno, para responder à minha pergunta, Aslan narra um momento importante de sua trajetória profissional. O intérprete relembra o início de sua formação acadêmica, em Pedagogia, quando teve um colega de classe surdo, com quem, inicialmente, ele aprendeu Libras. E este processo de aprendizagem já foi atravessado pela necessidade de promover a comunicação entre os alunos ouvintes não-sinalizantes e o colega surdo sinalizante.

É interessante notar na fala de Aslan um ponto que se distancia da narrativa de Tiana, mas ao mesmo tempo também se aproxima dela. O que faz com que Aslan não tenha medo de interpretar para o português oral no início de sua trajetória é, justamente, o fato de não saber muito bem Libras ainda. Sua autoconfiança se justifica quando o participante relata que seu objetivo em aprender libras era poder se comunicar com seu colega, não ser intérprete. Assim, uma vez que Aslan conseguiu

construir uma ponte entre sinalizantes e não-sinalizantes, isso foi, para ele, suficiente.

Diferentemente, na fala de Tiana, sua experiência de interpretação em direção ao português oral ocorre quando ela já é uma profissional bastante atuante - porém com experiências de interpretação unidirecionais, apenas para a libras. O objetivo de Tiana, então, não é apenas estabelecer uma ponte, mas sim prestar um serviço de igual qualidade em direção ao português, como ela já fazia em direção à libras.

Excerto 3 - “era parte empresarial, era parte jurídica, mas não tinha a parte da voz”

Tiana	018 019 020 021 022 023 024 025 026 027 028 029 030 031 032 033 034	experiência nenhuma, nenhuma, e era teatro, era parte empresarial, era área jurídica, mas não tinha a parte da voz. quando eu fui pra *nome da universidade* foi quando comecei a fazer versão voz. e::hhh desespero! mas eu tive alguém que me ajudou muito: que foi o aslan. que está aqui! o aslan. era quem eu perturbava, era quem me via chorar. e era desespero total. ele sempre foi a minha âncora. quando eu estava num lugar que eu sabia que o aslan tava junto, era aquela coisa “ufa, graças a deus, eu tenho alguém comigo”. e ele sempre me incentivou muito. a ter coragem, né aslan. a seguir, olha::: que pessoa incrível.
-------	---	---

Tiana menciona seus diversos campos de atuação enquanto intérprete de libras, tais como os campos empresarial, artístico e jurídico. Ela enfatiza que, nessas áreas, não era necessário interpretar em direção ao português oral - reforçando, aqui, a questão social como um fator determinante para as experiências do intérprete de libras e português, na configuração de espaços em que o surdo é plateia, não palco.

Em continuidade, Tiana relata que sua experiência mudou quando ela passou a atuar também em cenário universitário. Aqui, então, a intérprete passa a precisar atuar em direção ao português oral. E, nesse contexto, reflito sobre o papel da universidade na sociedade, proporcionando um espaço em que a pessoa surda precise e possa se expressar em sua língua. Ao mesmo tempo, tal fato desafia não só o

intérprete como também a pessoa surda e as pessoas ao redor, uma vez que desconstrói um cenário interacional entre surdo e ouvintes em que os segundos falam e o primeiro os assiste pelas mãos do intérprete para, em sentido contrário, construir um cenário interacional em que todos estejam à vontade para se expressar - seja como for.

Tiana relata que sua experiência no cenário universitário, apesar de desafiadora, atravessada por medo e choro, pôde ser enfrentada através de um apoio especial, seu colega de trabalho - aqui denominado “Aslan”. Aslan é quem a auxilia para tornar seu processo de aprendizagem da interpretação em direção ao português oral possível.

Excerto 4 - “então sempre tive que interpretar”

Aslan	114	só que como tinha a presença do
	115	intérprete muito frequente em situações
	116	que o surdo era mais passivo - ou seja,
	117	em sala de aula na graduação, em geral,
	118	sempre tinha o intérprete. e em outros
	119	momentos de interação, não. que eram
	120	todos os momentos em que todo mundo tá na
	121	faculdade, à toa, depois da aula, batendo
	122	papo, almoçando. então sempre tive que
	123	interpretar, então foi uma experiência
	124	que, pra mim, foi desde o início, né, de
	125	todo dia ter que interpretar.
	126	

Aslan explicita quais eram as situações em que ele precisava interpretar, mesmo com pouco domínio da libras. Ele menciona que eram situações em que havia mais interações entre os pares, ou seja, fora da sala de aula. E aponta a sala de aula como um evento interacional mais passivo, em que o surdo apenas recebia a informação. Neste contexto, havia intérprete. Porém, em outros, era ele que era encarregado de promover esta interação entre o estudante surdo e os demais colegas ouvintes.

Essa experiência também se contrasta com o relato de Tiana, que aponta que começou a fazer interpretação profissionalmente em direção ao português justamente em contexto acadêmico. Assim, é possível refletir que nem todo contexto acadêmico proporciona um espaço de

interações equânimes, mas há contextos em que a organização hierárquica do ambiente confere mais voz ao próprio professor.

A insegurança quanto à interpretação em voz no contexto libras-português também aparece na fala de Amélie, com uma justificativa diferente.

A participante aponta para outro fator que a deixa insegura em realizar a interpretação em voz. Amélie menciona que sua formação para se tornar intérprete, realizando uma graduação a nível de bacharelado (ainda em curso), não contempla ou não enfatiza a interpretação em direção ao português oral.

Excerto 5 - “não tem muito isso né da versão voz”

Interagente	Linha	Elocução
Amélie	141 142 143 144 145 146 147	e eu ficava com muito medo né porque o curso né de letras libras da *nome da instituição* não tem essa parte muito forte porque geralmente não tem muito isso né da versão voz. a gente trabalha muito pra libras né então acabava que eu ficava muito insegura

Tal apontamento me permite refletir sobre o quanto a estrutura social, que confere um lugar de desprestígio e pouca participação à pessoa surda, influencia também na construção de um projeto político pedagógico e, com isso, de um currículo que reforce este lugar de silêncio ao surdo.

Se, pelos relatos de Tiana e Aslan, há muitos contextos em que o surdo não é convidado ou não se sente à vontade para falar, para se expressar em libras, há também, agora, outro ponto a ser considerado pela fala de Amélie. Unindo as falas dos intérpretes, posso entender que a formação de Amélie reforça, de certa maneira, os contextos sociais de silêncio surdo mencionados pelos colegas anteriormente. Pois, se não há esta estrutura social que favoreça a participação do surdo, deveria haver, ao menos, uma formação para o intérprete que pudesse ressignificar esta estrutura social e oferecesse segurança para interpretar em direção ao

português oral. Isso poderia motivar o intérprete a atuar nesta direção e, de certa maneira, promover uma pequena mudança nos espaços sociais.

Unindo-se ao sentimento coletivo de medo, está também Violeta. Intérprete em contexto universitário, a profissional aponta para as sensações corporais de interpretar em voz. A sensação de insegurança é justificada de forma semelhante à de Tiana, pelas poucas experiências na direcionalidade.

Excerto 6 - “sempre fazendo mais português para libras”

Violeta	209 210 211 212 213 214 215 216 217 218 219	então, eu acho que... a minha trajetória acaba sendo muito parecida com a das colegas, né, de estar sempre fazendo mais português para libras do que ao contrário, em todos os espaços. e sempre muito insegura, com medo, né, fugia. que nem as meninas falaram. fugia mesmo. de não quero fazer, deus me livre, não me dá esse microfone, que eu não quero fazer. dá dor de barriga e tudo na hora. e a gente foge. enfim, não fazer. enfim.
---------	---	--

Violeta relata a ação de fugir, diante do grande medo que sentia. Sua atitude pode parecer controversa ao papel do tradutor e intérprete de libras e português que, além de ser um profissional que busca quebrar ou amenizar as barreiras linguísticas, também desempenha um importante papel de inclusão social. Nesse sentido, não haveria maior oportunidade de promover inclusão do que poder acessibilizar a mensagem de uma pessoa surda para a sociedade ouvinte e não-sinalizante. Isso deveria, a priori, ir ao encontro daquilo que almeja este profissional, em vez de causar-lhe pavor.

Todavia, Violeta justifica, mais adiante, a motivação para tal angústia. A intérprete acrescenta mais um fator para o sentimento compartilhado pelos colegas participantes do encontro virtual em que os dados foram gerados.

Excerto 7 - “eu já estava em um ambiente em que eu tinha um julgamento”

Violeta	230 231 232	é um momento em que a gente tá muito inseguro, com muito medo de ser julgado, como ele também até falou, né, que foi um
---------	-------------------	---

	233 234 235 236	início que como não tinha ninguém pra julgar, isso ajudou muito ele a deslanchar. então eu já estava em um ambiente em que eu tinha um julgamento.
--	--------------------------	--

Nas linhas 230 a 236, Violeta retoma a questão do medo do julgamento alheio e correlaciona a sua experiência à de Aslan, que iniciou sua trajetória em um contexto em que ele era o único que sabia um pouco de libras, logo não poderia ser julgado quanto às suas competências e habilidades para a interpretação.

A intérprete reforça o desconforto gerado por essa direcionalidade de interpretação, o que também corrobora para o entendimento da importância de formações e iniciativas educacionais que busquem oferecer suporte para a atuação do intérprete em direção ao português oral, uma vez que atuar nesta direcionalidade é uma forma também de fazer valer os discursos da pessoa surda na sociedade.

Além disso, o medo do julgamento também reforça o ponto de que, talvez, o intérprete de libras se sinta mais confortável em interpretar para a libras por haver, geralmente, um contingente significativamente menor no ambiente que seja capaz de avaliar a sua proficiência em libras, enquanto que, ao interpretar para o português oral, o número de pessoas capazes de avaliar a fluência do intérprete em português e, consequentemente, sua habilidade interpretativa, é substancialmente maior.

Arthur, intérprete em contexto educacional, concorda que o medo do julgamento alheio é um fator predominante para a dificuldade em interpretar para o português oral.

Excerto 8 - “ficamos mais nervosos nessa questão de como é que o outro está me vendo”

Arthur	604 605 606 607 608 609 610	acho que o problema está mais nisso aí. pela minha experiência de libras:: de trabalhar com a comunidade surda:: percebo que ficamos mais nervosos nessa questão de como é que o outro está me vendo, como estou sendo interpretado ou julgado. isso atrapalha muito na
--------	---	---

	611 612 613 614	contextualização das conexões que a gente faz ali que a gente precisa formar conexões mentais para poder estruturar uma comunicação mesmo.
--	--------------------------	--

O intérprete explica de que forma esta insegurança o prejudica. Diferentemente de Violeta, ele parece não fugir à prática, mas as palavras, sim, fogem de sua mente e dificultam a execução de seu trabalho. A ampliação de vocabulário é, sim, de extrema relevância para que o intérprete possa encontrar sinônimos ou vocábulos equivalentes no idioma-alvo.

Esse, certamente, é um fator a ser considerado. Todavia, notamos que o medo da Versão Voz está presente também nas experiências de intérpretes com diferentes formações. Ou seja, trata-se de uma emoção multifacetada compartilhada pelos pares e, possivelmente, já cristalizada na profissão, como uma espécie de “entendimento coletivo” no contexto profissional envolvendo a interpretação de libras e português.

6.2 Amélie, Ana, Arthur e Aslan - lidando com a dificuldade de interpretar em voz

Neste capítulo, trago recortes de nossa interação em que os intérpretes relataram como têm lidado com o medo e as angústias envolvidas no processo de execução da interpretação em Versão Voz, por meio de recursos que possibilitem esse *delivery*, apesar do receio relatado, a começar por Amélie.

Excerto 9 - “se eu começar a falhar e ficar nervosa, aí dá um branco”

Interagente	Linha	Elocução
Amélie	352 353 354 355 356 357 358 359 360	eu não sei se vocês conseguem:: mas na hora que eu tô fazendo eu não consigo fazer anotações ali::: conseguir ou então até mesmo consultar o material hhh algum material que::: então eu conto que com apoio que já está ali. até com material. tem os slides:: então eu procuro ver todas as informações que eu puder... para fazer. hhh tiver ali ao meu alcance para me

361	ajudar, para eu poder elaborar o discurso,
362	juntamente com o que está dizendo. e no meu
363	caso eu fico me policiando para eu manter a
364	calma, porque se eu... começar a falhar e
365	ficar nervosa, aí dá um branco. então assim
366	eu preciso desse recurso. sentir. respirar
367	e manter a calma e ir acompanhando o que tá
368	sendo dito, o que tá sendo ali sinalizado.
369	mas eu acho que se eu tivesse... e falando de
370	recursos materiais, se for possível ter um
371	microfone para não gastar tanto a voz,
372	também é bom. mas nem sempre a gente
373	consegue isso numa sala de aula. a gente
374	consegue talvez num auditório, numa sala
375	mais equipada né? mas eu percebo que se eu
376	ficar muitas horas falando, não há garganta
377	que aguente. e é isso, assim. eu acho que o
378	meu melhor recurso é ter alguém de apoio
379	ali. e se puder estudar o material
380	anteriormente, mas nem sempre a gente
381	consegue o material anteriormente. ou então
382	uma fala espontânea que tá ali, como é que
383	eu vou saber, né? mas está pegando os
384	detalhes e está sempre atualizado.
385	
386	

A intérprete elenca algumas estratégias utilizadas por ela para a realização da Versão Voz. Dentre as tais, menciona recursos de ordem material e não-material. No início, Amélie faz menção aos *slides*, que se tratam de um recurso multimodal, com elementos imagéticos e vocabulários que podem, sim, servir de apoio para a atuação do intérprete. Afinal, em alguns contextos, há termos específicos da área ou, ainda, há as palavras de preferência do sinalizante para designar uma ideia e, nesses casos, quando tais vocábulos estão presentes na apresentação visual, em *slide*, pode ser sim um recurso facilitador para a interpretação em voz - válido inclusive para interpretações unimodais.

Em um segundo momento, Amélie, mais uma vez, fala sobre o famigerado medo da interpretação em voz. Nesse caso, a intérprete lança mão de uma das estratégias abordadas no Curso de Extensão em diálogo com a prosódia do intérprete, a respiração. A pausa, para ela, é utilizada não como um recurso de *performance oral*, mas sim como uma estratégia de controlar a ansiedade gerada por uma demanda para a qual a sua formação (indicada por ela no capítulo 6.1) parece ter sido insuficiente.

O recurso da respiração destacado por Amélie é abordado no curso de maneira prática, por meio de exercícios e de atividades de interpretação guiadas. Logo, nota-se que esta é uma estratégia diferente das que se debruçam sobre o uso do vocabulário em português, apontando única e exclusivamente para a ampliação do conhecimento linguístico. Amélie pôde, por meio deste recurso, fazer mais do que apresentar um vocabulário adequado. A técnica a auxiliou a lidar com o medo de forma direta, embora o enfoque da formação fosse a interpretação direta por meio de técnicas de oratória, não de ordem psicológica ou terapêutica.

Amélie também recorda a importância do cuidado vocal e destaca a necessidade do uso do microfone em alguns contextos, como um recurso essencial à saúde vocal do intérprete, uma vez que a voz pode ser seu instrumento de trabalho, assim como também são as suas mãos. Da mesma forma que o intérprete de libras e português precisa cuidar de sua saúde física, de sua postura corporal - por se tratar de uma profissão em que, muitas vezes, o profissional fica em pé por um longo período - ele também deve ater-se ao cuidado vocal, a fim de entregar a mensagem de forma segura, audível e sem danos à sua própria saúde.

Na linha 357, Amélie destaca especialmente o recurso do “apoio”, nome dado ao intérprete que compõe a dupla de interpretação e fica ao lado do intérprete que está executando a Versão Voz em sua vez (normalmente, alternando de 15 em 15 minutos ou 20 em 20 minutos). O apoio é responsável por acompanhar a tradução de seu colega e oferecer “sopro” de palavras que possam ser úteis ou que pareçam faltar ao intérprete da vez. A este apoio, Amélie chama de “meu melhor recurso”, destacando a importância da parceria na profissão.

Por fim, Amélie fala da importância de receber o material com antecedência. Conhecer o tema que será abordado, o perfil do palestrante, suas produções, vocabulários específicos que possam ser utilizados são recursos de fundamental importância para a execução de um trabalho sério e qualificado. Mas, na sequência, Amélie também diz que nem sempre isso é possível e relembra que no cotidiano do intérprete

de libras e português em âmbito educacional, contexto de sua própria experiência profissional, muitas vezes as falas emergem espontaneamente e, por isso, é preciso estar sempre atualizado.

Na sequência da interação, Aslan também indica quais são as estratégias e recursos utilizados por ele a fim de executar a interpretação em direção ao português oral com maior primor.

Excerto 10 - “acho que modulação da voz é uma coisa que eu sempre fiz”

Interagente	Linha	Elocução
Aslan	402 403 404 405 406 407 408 409 410 411 412 413 414 415 416 417 418 419 420 421	(...) acho que a modulação da voz também, acho que é uma coisa que eu sempre utilizo. e eu acho que é porque a minha voz tem um trejeito mais afeminado. então naturalmente eu aprendi a modular a minha voz sempre que fiz a versão voz. não que seja um problema para mim, mas eu acho que a expectativa do público é esperar uma voz um pouco mais masculinizada. então acho que modulação de voz é uma coisa que eu sempre fiz. nunca parei de pensar nisso. é... omissões e substituições faço o tempo inteiro. eu faço muitas escolhas, eu acho que tem a ver com repertório de mundo né? então sempre que eu estou vendo ali um processo de discurso... eu escolho palavras que eu acho que sejam mais adequadas mediante o contexto.

Aslan começa a indicar, em seu turno, quais são esses recursos. Ele, então, aponta para a modulação vocal. Ele afirma que sempre utilizou o recurso por ter um “trejeito mais afeminado”, linha 405-6. Para ele, a expectativa do público quanto à sua interpretação em voz seria de uma VOZ “um pouco mais masculinizada”.

O uso da modulação enquanto uma estratégia prosódica parece não ter tanto destaque para Aslan quando em contraste com as questões relacionadas ao gênero representado pela sua voz. Para ele, parece importante em contexto profissional entregar uma *performance vocal* masculinizada. Ou seja, ele consegue utilizar a técnica aprendida no curso e enfatiza que, de alguma forma, sempre havia utilizado.

Nota-se, pela fala do intérprete, a presença de outras barreiras na atividade da interpretação, que transcendem as habilidades linguísticas ou de oratória. A barreira do preconceito, como se não bastassem as outras que envolvem o trabalho de um intérprete de uma língua minoritária, ainda se ergue com veemência, demandando até mesmo adaptações vocais. Contudo, Aslan ressalta que para ele isso não é um problema, mas uma estratégia que se relaciona com uma das técnicas enfatizadas na formação a qual ele é também egresso e que ele utiliza de forma adaptada, para o que entende como uma necessidade.

Por fim, Aslan menciona um conhecimento técnico acerca das estratégias de interpretação, citando as omissões e substituições que realiza em seus atos tradutórios. Aqui, vale ressaltar que, no contexto da surdez, as omissões e substituições devem ser realizadas com uma cautela redobrada, a fim de não reforçar estigmas relacionados à capacidade intelectual da pessoa surda - seja abrangendo seu vocabulário e uso rebuscado da sintaxe ou diminuindo-os.

Em um segundo momento em sua fala, Aslan destaca os recursos multimodais, de expressão corporal, que também lança mão para a execução de uma interpretação mais completa.

Excerto 11 - “é como se eu estivesse incorporando aquela pessoa”

Aslan	444	uma coisa que eu tenho muito costume de fazer,
	445	que é estar próximo ao palestrante. isso é uma
	446	coisa que para mim é muito importante. então,
	447	eu gosto de ficar em frente a ele para eu
	448	poder sentir o movimento. sentir a fala. eu
	449	por exemplo não gosto muito da cabine, embora
	450	já tenha usado algumas vezes. mas eu gosto de
	451	sentir a pessoa, ver ela suando, o movimento
	452	do braço, o corpo, a perna, porque é como se
	453	eu estivesse incorporando aquela pessoa
	454	naquele momento. então eu gosto de sentir tudo
	455	aquilo ali, repetir até mesmo os movimentos
	456	intensificados na mão, no braço, da perna. eu
	457	acho que é isso. e material também eu
	458	geralmente... estudo muito previamente a pessoa
	459	ou estudo sobre a pessoa para saber onde ela
	460	está envolvida, qual é o contexto, para ficar
	461	mais à vontade também, para saber até onde eu
	462	posso avançar e até onde eu não posso avançar.
	463	
	464	

No excerto acima, nota-se que Aslan destaca a importância de observar os movimentos e a expressividade corporal do sinalizante para poder acompanhar a intensidade do discurso com sua voz. Ele diz que é como se pudesse “incorporar” o palestrante. Assim, percebe-se que elementos prosódicos da língua de sinais podem ser notados pela forma como os palestrantes se movimentam, sinalizam e constroem sua fala e estes mesmos elementos devem ser transpostos para a língua oral e, por isso, é importante que o intérprete também possa utilizar o seu próprio corpo a seu favor, não apenas as pregas vocais para a emissão do som das palavras ou, então, a escolha de vocábulos adequados, mas para manter o sentido da mensagem, todo o corpo precisa trabalhar junto, é o que destaca o intérprete.

Por fim, assim como Amélie, Aslan menciona a importância de estudar o material e o palestrante, a fim de entender previamente o contexto da apresentação e poder fazer escolhas tradutórias mais adequadas.

A fala de Aslan motiva Amélie a acrescentar pontos que não havia colocado anteriormente e ela, então, toma o turno para deixar mais uma contribuição.

Excerto 12 - “eu não tinha nem noção de como iria fazer”

Amélie	500	essa questão também da modulação da voz,
	501	isso é algo também bastante que eu tento
	502	lembrar porque eu até lembro de você falando
	503	sempre... “a voz está muito doce, vamos
	504	tentar fazer um pouco mais de energia de
	505	força para a voz”. às vezes eu ainda fico um
	506	pouco tímida. e aí eu percebo que eu tenho
	507	que aumentar realmente a voz. e aí eu vou
	508	tentar aumentar, tudo bem que seja
	509	gradualmente, para também não ficar uma
	510	coisa desproporcional. ele está falando
	511	baixo e eu vou estar gritando. então eu vou
	512	tentando lembrar de todas essas questões que
	513	foram... sendo trabalhadas nas atividades. e
	514	assim eu acho que algo que não foi
	515	trabalhado no curso... eu acho que não tem não
	516	tem ou raramente tem, algo que eu lembre no
	517	momento porque como eu falei, antes eu não
	518	tinha embasamento, então, assim, eu não

uso de elementos prosódicos e discursivos mais elaborados para a versão voz. Assim, a intérprete demonstra utilizar recursos próprios da oratória, porém de forma equilibrada e consciente.

Mais adiante, a intérprete menciona também outro recurso utilizado por ela para enfrentar a angústia de interpretar em voz.

Excerto 13 - “para poder trazer essa voz, trazer esse posicionamento desse aluno”

Amélie	558 559 560 561 562 563 564 565 566 567 568	aí a questão da marcação da voz né? então às vezes tem a questão por exemplo das expressões faciais né? que o aluno usa muito. e aí aquilo ali aquilo já é uma mensagem, aí eu pego e transformo isso. realmente numa expressão numa gíria. então eu acho que foi algo também que eu fui percebendo, que eu já acabei que eu fui desenvolvendo também. e eu achei muito legal isso, para poder trazer essa voz, trazer esse posicionamento desse aluno.
--------	---	---

A compreensão das expressões faciais enquanto informações a serem traduzidas para o português oral parece relevante para que Amélie possa realizar a sua interpretação de forma coerente, observando tais elementos como traduzíveis, uma vez que a comunicação se dá de forma ampla, multimodal e demanda recursos diversos, não apenas de correspondência sinal-palavra.

Para Arthur, a versão voz ainda é um desafio. E são as oportunidades de diálogo sobre a temática e as práticas que o auxiliam a enfrentar este medo e poder oferecer à sociedade uma interpretação qualificada.

Excerto 14 - “eu percebo que a versão voz ainda é um desafio para o intérprete”

Arthur	640 641 642 643 644 645 646 647 648 649 650	eu percebo que a versão voz ainda é um desafio para o intérprete de libras... continua sendo. e quanto mais a gente falar sobre isso::: trabalhar sobre isso, vai nos ajudar a trazer essa consciência, a gente vai ter um pouquinho mais de calma para atuar nos diversos campos. em audiência pública ou em outros campos. mas o curso me trouxe muito isso a conscientização de fala. enquanto eu
--------	---	--

	651 652 653 654 655	falo, eu me escuto. eu me percebo. eu me observo. e aí eu vou corrigindo a postura, vou corrigindo... vou trabalhando a respiração(...).
--	---------------------------------	--

Arthur acrescenta, ainda, a importância da consciência vocal e da autopercepção durante o ato tradutório. Para ele, ouvir-se e perceber sua própria postura corporal enquanto realiza a interpretação em voz é fundamental para que possa realizar os reparos necessários à entrega de um bom trabalho. Ele cita também a importância da respiração nesse processo.

Já Ana concorda com Aslan a respeito da observação da expressão corporal do sinalizante para que sua entonação vocal e escolhas tradutórias possam estar em harmonia com a forma como o interlocutor surdo se comunica. Além disso, Ana também coloca a importância de conhecer o transmissor da mensagem, seus trejeitos e sua maneira de se expressar.

Em seu caso particular, ela menciona que atua junto a uma pessoa surda que é também oralizada e, para a intérprete, as referências em português oral feitas pela docente surda fora do contexto da sala de aula são um apoio para que ela possa interpretá-la em voz de forma mais coerente, fazendo uso das metáforas costumeiramente utilizadas pela docente em situações extraclasse.

Excerto 15 - “sentir a pessoa que a gente vai fazer essa versão direta”

Ana	746 747 748 749 750 751 752 753 754 755 756 757 758 759 760	(...) aproveitando até o que o aslan tinha comentado antes, dessa questão de sentir a pessoa que a gente vai fazer essa a versão direta. e eu acho bem interessante, é uma coisa que eu peguei para mim. ter essa percepção da pessoa. eu trabalho com uma surda oralizada, então nos momentos em que ela não está sinalizando que está só eu e ela então ela prefere se comunicar com uma mistura, né? língua portuguesa e um pouco de sinais. e ela vem de uma família que usa
-----	---	--

	761 762 763 764	muita expressão idiomática, muita metáfora. e isso aproveito para perceber e pescar todas essas questões.
--	--------------------------	---

No curso da interação, Aslan toma novamente o turno e deixa mais uma contribuição sobre possíveis recursos ou estratégias a serem utilizados pelo intérprete para a interpretação direta, a fim de superar o famigerado “medo da versão voz”.

Excerto 16 - “eu acho que a gente é pouco exposto a fazer a versão voz”

Aslan	983	eu acho que a gente é pouco exposto a
	984	fazer a versão voz. então a gente é muito
	985	pouco exposto e a gente não desenvolve
	986	habilidades e competências. a gente não se
	987	prepara. e aí o curso... teve uma questão
	988	potente que é você fazer o processo,
	989	registrar o processo e avaliá-lo. que é um
	990	processo de construção do conhecimento.
	991	uma coisa muito mais ativa. a gente está
	992	acostumado muitas das vezes como a violeta
	993	falou, a fazer e não ter feedback. a gente
	994	não grava. a gente não reflete. a gente só
	995	sobrevive. acabou. e vai lá descansar e
	996	tentar largar aquele trauma que foi aquela
	997	experiência. mas dificilmente a gente tem
	998	um pouco essa troca. acho que é isso.
	999	
	1000	

Para ele, o recurso de gravar a própria interpretação, assistí-la e, então, avaliar-se foi de extrema relevância para a melhoria da qualidade do trabalho. Ele enfatiza especialmente a importância do *feedback* e critica a maneira como ordinariamente ocorrem as interpretações para voz, segundo ele - sem *feedback*, sem registro, sem autoavaliação e com medo.

Aslan define o processo de aprendizado da interpretação para voz por meio de gravação e avaliação da execução, como um processo de “construção do conhecimento”, fundamental para o desenvolvimento desta habilidade de forma “ativa”, como ele categoriza. O entendimento de que as atividades práticas de interpretação realizadas no Curso de Extensão sob orientação e avaliação (*feedback* dos colegas) constantes configuram um processo ativo e construtivo aponta para a relevância

dessa dinâmica para o desenvolvimento da interpretação em direção direta, com impacto frente ao que, para Aslan, era o habitual - realizar a interpretação sem registro e sem avaliação.

Aslan, Amélie, Ana e Arthur elencam recursos diversos para a execução da interpretação direta e o enfrentamento do receio, já quase amalgamado na profissão, em realizar esta atividade. O recebimento do material com antecedência, o conhecimento de quem é o interlocutor e a maneira como ele se comunica são pontos relevantes na fala dos profissionais.

Além disso, Amélie enfatiza especialmente a presença e a colaboração do intérprete de apoio, ao qual ela alcunha “meu melhor recurso”. O uso de microfone a fim de manter a saúde vocal também é destacado pela intérprete. Ana, Aslan e também Amélie enfatizam a percepção da expressão corporal do interlocutor para a transposição da prosódia da sinalização para a fala em português. Ademais, Arthur e Amélie também se utilizam do recurso da respiração, para controlar a ansiedade frente à execução da atividade. A modulação vocal também é outro recurso presente nas falas dos intérpretes.

E, por fim, Aslan destaca a importância do treinamento da interpretação em Versão Voz por meio de atividades que sejam gravadas, assistidas e avaliadas, a fim de aprimorar a execução do processo tradutório nesta direcionalidade.

6.3 Ana, Tiana e Violeta - lacunas na formação para a interpretação em voz

Ao destacarem a presença do medo para a interpretação em voz, uma das razões apontadas como possível causa ou influência para esta sensação é a falta de formação específica para a interpretação direta, com o destaque para a diferença de modalidade entre as línguas envolvidas. Ou seja, a ausência de uma formação que pudesse auxiliar em questões vocais, uma vez que a libras é uma língua visual, diferente do português. Logo, para interpretar em Versão Voz, nesse contexto, os

intérpretes recrutariam outras habilidades, diferentes das visuais, como modulação da voz, prosódia e dicção, por exemplo.

Assim, peço aos participantes que tragam à tona a sua formação e como a questão da oralidade foi trabalhada em seu percurso. Ana, uma intérprete experiente, atuante em uma instituição federal de ensino superior, toma o turno e traz, em forma de pequenas narrativas, o seu percurso de formação e a maneira como o aprendizado de interpretação em voz foi delineada nessa jornada.

Excerto 17 - “nada comparado ao curso que a gente fez aqui”

Ana	066	antes de eu fazer o letras libras:: eu fiz um
	067	curso::: não vou dizer técnico hhhh era um
	068	curso::: durou oito meses hhh seis meses bem
	069	dizer:: de interpretação, e ali, prática de voz
	070	eu não me lembro de ter feito. eu acho que foi
	071	hhh foi feito uma assim das fábulas do nelson
	072	pimenta, que eram uns dvdzinhos assim. e ali a
	073	gente fez mas esse foi mais ligado a sinal e
	074	vocabulário né correspondente. equivalente na
	075	língua portuguesa. mais disso, no letras libras
	076	também nas disciplinas de laboratório de
	077	interpretação a gente fez alguma coisa mas
	078	sempre voltada a sinal correspondente
	079	equivalente na língua portuguesa. na
	080	especialização *referência à instituição* também
	081	sempre voltado a isso. nada comparado ao curso
	082	que a gente fez aqui. que eu vi que foi pouco::
	083	a gente comentou uma coisa de correspondente
	084	equivalente língua portuguesa. mas mais questão
	085	de estrutura, preparação de voz não. então nesse
	086	sentido de preparação e estrutura nada mesmo. eu
	087	lembro só uma vez, na graduação que uma
	088	professora pediu pra gente... comentou com a gente
	089	que se a gente quisesse, a gente poderia pedir
	090	uma disciplina optativa nesse sentido. que teria
	091	uma professora fonoaudióloga formada que ela
	092	poderia, se fosse do interesse dela, montar uma
	093	disciplina optativa pra gente nesse sentido. só
	094	que na época da graduação eu só conseguia fazer
	095	o curso de graduação. disciplina optativa eu fiz
	096	dentro, conforme a minha grade, conforme eu fui
	097	validando disciplina e eu já fui fazendo, então
	098	eu não tinha como fazer contraturno. então eu
	099	nem corri atrás pra pedir porque eu não ia ter
	100	como fazer. mas igual o curso aqui não nada.
	101	

Em suas pequenas narrativas, Ana aponta para três distintos momentos em seu percurso profissional. A intérprete relata ter feito um

curso técnico (ou talvez um curso de extensão, ela não sabe definir) para iniciar a sua atuação; em seguida, cita sua formação de ensino superior em Letras-Libras e, por fim, um curso de especialização a fim de capacitar-se mais para a sua prática.

Nos três momentos relatados por Ana, a interpretação para o português oral fica em segundo plano ou, então, é inexistente. No primeiro passo de sua trajetória acadêmica, o curso de seis ou oito meses, Ana consegue se lembrar de uma única prática realizada no curso, mas não menciona nenhum direcionamento para questões de modulação vocal, recurso de enorme relevância para a interpretação direta no par linguístico libras-português, por tratar-se de um par em que as modalidades linguísticas são diferentes e, portanto, não há referência prosódica sonora para que o intérprete possa basear a sua *performance* na língua alvo. Ademais, a entonação escolhida pelo intérprete pode também modificar o significado da mensagem. Porém, apesar da inegável relevância deste recurso para a interpretação, Ana não teve suporte nesse sentido no seu primeiro momento de formação.

No segundo passo formativo de Ana, ela dá início a uma graduação específica para a sua atuação de intérprete no par linguístico libras e português. Mais uma vez, a interpretação em voz não é enfatizada. Em substituição, dá-se ênfase à competência tradutória, de encontrar termos equivalentes em português. O respaldo para a atuação em Versão Voz, portanto, parece ser sintático e semântico, quando elementos que auxiliam na equivalência pragmática da tradução, a saber a prosódia e a multimodalidade, não são abordados.

A língua em uso apresenta nuances específicas e, nesse sentido, a entonação escolhida pelo intérprete para sua fala, pode até mesmo modificar a compreensão do conteúdo por parte do público. Apesar disso, o curso de graduação a nível de bacharelado feito por Ana, em uma universidade pública de renome, não ofereceu embasamento para essa prática em português oral.

Ana recorda-se, em determinado ponto de suas pequenas narrativas, que houve, sim, a menção de uma possível disciplina para o

aprimoramento das habilidades interpretativas em voz, por parte de uma professora em sua graduação. Ana relata que uma docente havia mencionado a possibilidade de ofertar a disciplina de forma optativa, porém, como ela não tinha tempo para fazer disciplinas optativas, pois já atuava profissionalmente, não pôde cursar.

Aqui, percebe-se o lugar de desprestígio no currículo pedagógico em letras-libras da interpretação para o português oral. Parece haver, nesse sentido, uma relação entre a demanda do mercado, mencionada no capítulo anterior, e a formação em questão. Todavia, entendo haver um grande potencial ignorado de impacto social através do curso de graduação que enfatize as habilidades de interpretação para o português oral. Havendo profissionais seguros e capacitados, as demandas podem aumentar paulatinamente. Mas não é o que ocorre na formação de Ana.

Por fim, Ana recorre a uma especialização em tradução e interpretação do par linguístico libras e português em outra instituição pública de ensino, de grande renome. Ali, Ana também não encontra orientações relacionadas à modulação vocal ou ênfase para as habilidades interpretativas em português oral, com destaque para a relevância da entonação ao significado da mensagem. Ou seja, é uma formação majoritariamente unidirecional - apenas para a libras.

Todavia, este poderia ser um déficit apenas na formação de Ana. Um caso particular frente a um medo coletivo (mencionado pelos participantes no capítulo anterior). A fim de certificar-me dessa questão, trago também os relatos das trajetórias de Tiana e Violeta, abaixo.

Excerto 18 - “curso assim voltado pra voz eu não recordo”

Tiana	118	então curso assim voltado pra voz:: eu não
	119	recordo ter estudado, SÓ COM A SENHORA MESMO,
	120	porque todos os cursos que eu fiz:: a parte da
	121	voz era como? focada em libras. aí quando um
	122	aluno ia fazer uma interpretação, a professora
	123	falava pra gente fazer voz. mas isso pra mim
	124	NÃO É AULA DE V::OZ é mais compreensão do que o
	125	outro tá falando. porque eu não ensino técnica
	126	pra fazer a voz né? pra usar as palavras,
	127	aquela questão toda que a senhora ensinou sobre
	128	respiração, postura, o tempo pra pensar, a
	129	forma de falar, aqueles intervalos pra poder

	130	ter mais propriedade da fala. nada disso! O
	131	aluno fazia libras e a gente passava pra
	132	português, mas bem informal mesmo.

De maneira semelhante, Tiana, apesar de ser uma intérprete com certa visibilidade pública, atuante no cenário político e midiático, com uma trajetória profissional expressiva, também não se recorda de ter feito alguma formação para atuar em direção ao português oral, com ênfase nas habilidades de expressividade e prosódia.

Ela aponta que, em sua formação, houve sim espaço para a execução da interpretação direta, porém sem uma orientação específica, apenas com enfoque no vocabulário e/ou na sintaxe - assim como a formação de Ana, que se deu em outro espaço e contexto, já que ambas são de estados e regiões federativas diferentes. Tiana ressalta que ofertar a possibilidade da execução da interpretação para o português oral não configura, para ela, “aula de voz” (linha 498). Trata-se, apenas, de um processo de compreensão, ou seja, voltado para o conteúdo, não para a forma - ainda que a forma de falar tenha impacto direto sobre o conteúdo.

Da linha 500 à linha 503, Tiana define o que ela entende por “aula de voz”. Em sua explicitação, Tiana rememora as técnicas aprendidas no Curso de Extensão. A respiração, a postura e a entonação (“forma de falar”, linha 502) são alguns dos elementos abordados no curso e aqui mencionados pela intérprete, com a finalidade de oferecer ao intérprete recursos de multimodalidade, como expressão corporal e facial, e recursos de prosódia, como as pausas silenciosas e as ênfases, para que a mensagem traduzida possa manter o seu significado de acordo com a mensagem sinalizada, correlacionando com as nuances vocais necessárias para a expressão do português em sua modalidade oral.

Por fim, Tiana utiliza o termo “informal”, na linha 504, para caracterizar a maneira como o ensino de interpretação direta foi conduzido em sua formação. O termo reforça a desvalorização da interpretação em Versão Voz em sua experiência e também o quanto o lugar atribuído a essa direcionalidade na formação do intérprete

relaciona-se com o lugar outorgado ao surdo na sociedade - de menor liberdade de expressão. Afinal, os intérpretes parecem não ter formação adequada para possibilitar que a mensagem da pessoa surda chegue ao público ouvinte.

Unindo-se à Ana e Tiana, vem também a intérprete Violeta. Com atuação em ensino superior e sentindo, cada vez mais, o aumento da demanda por interpretação em voz, sobretudo na pós-graduação, com a presença de docentes e discentes surdos no seu ambiente de trabalho, Violeta sente o impacto da falta de uma formação específica para a atuação em voz.

Excerto 19 - “naquela época (...) não tinha tanta oferta”

Violeta	192	eu sou da geração que a gente vai aprendendo
	193	fazendo assim né? a gente, naquela época,
	194	mais anos atrás::: não tinha tanta oferta.
	195	não. não que hoje tenha. mas oferta de cursos
	196	de interpretação e tradução para libras, ou
	197	de libras para português, não tem. então eu
	198	não tenho essa formação. então meu processo
	199	de prática, de interpretação de libras para
	200	português foi assim no DIA A DIA. fui
	201	enfrentando os medos, os desafios. o que eu
	202	fui buscar foram cursos assim mini cursos, ou
	203	uma palestra, uma oficina, algo do tipo. para
	204	que pudesse me ajudar para poder interpretar
	205	melhor né? mas o que eu percebo mesmo é a
	206	prática.

Violeta acredita que a lacuna em sua trajetória se dê pelo fato de ser uma intérprete “antiga”. A fala da intérprete aqui, faz alusão ao tardio reconhecimento legal do estatuto linguístico da língua brasileira de sinais e à posterior regulamentação da profissão de tradutor e intérprete de libras e português (ver capítulo de revisão). Certamente, esse fato tem grande influência para a lacuna formativa, sobretudo quando se considera que a lei que regulamenta o exercício da profissão possibilita diferentes formações para a atuação do intérprete, a depender do contexto de prática - sendo a graduação a nível de bacharelado exigida para atuação em nível superior, em teoria.

Todavia, se relacionarmos as falas de Ana, Tiana e Violeta,

encontraremos lacunas semelhantes, apesar da diferença do período e do local de formação. Isso aponta para como o desgabo à interpretação em Versão Voz no contexto libras-português não é recente, mas se perpetua ao longo dos anos e se configura como uma questão coletiva e generalizada.

Violeta explica que seu aprendizado ocorreu mediante a prática profissional. Sabe-se que o aperfeiçoamento de qualquer exercício profissional dá-se através da experiência. Todavia o treinamento é fundamental e indispensável para assegurar o mínimo de profissionalismo necessário à entrega do serviço; para que este não se dê de maneira amadora e desprestigiada, comprometendo a ética profissional de entregar adequadamente à sociedade a mensagem sinalizada por uma pessoa surda.

O amadorismo atravessado por Violeta para tornar-se uma intérprete capacitada e habilidosa não parece ter ocorrido por desinteresse pessoal, mas sim pela ausência de formação específica. Tal fato acarretou em um sintoma psicológico enfrentado pela profissional, o medo (linha 542). Para lidar com a questão, Violeta buscou cursos extras, palestras, oficinas, ou qualquer outra modalidade de ensino que pudesse embasar a sua prática, a fim de entregar um trabalho minimamente respeitável e sério.

A demanda por formação específica para a interpretação em voz que contemplasse questões prosódicas, não apenas de equivalência linguística, fez com que Tiana, Ana e Violeta se inscrevessem no Curso de Extensão que ofertamos em modalidade remota, com aulas ao vivo.

Ao chegarem ao curso, as três intérpretes já atuavam em instituições sérias de grande visibilidade. Porém, quando observamos os percursos, há uma enorme lacuna incondizente com a trajetória profissional de cada uma delas - com destaque para uma constante busca por um aprimoramento da qualidade de seus serviços.

Se o intérprete de libras e português é um profissional que atua em dois idiomas e duas direções, as formações deveriam ofertar práticas e orientações que contemplassem sua atuação de forma mais completa,

não unidirecional, como relatado pelas três participantes da pesquisa - que trilharam caminhos diferentes, porém tão semelhantes quando olhamos para a falta.

6.4 A relevância da Versão Voz para os intérpretes

Ao fim do nosso primeiro encontro para a geração de dados, propus aos intérpretes uma troca mais dinâmica, em que eles pudessem dizer, em poucas palavras, o que entendem por *interpretação direta*. As definições foram distintas e muito relevantes, quando se considera que a perspectiva dos intérpretes sobre a própria prática tem influência direta na maneira como eles a realizam e também justifica sua constante busca por aprimoramento.

Excerto 20 - “o que é interpretar em voz para vocês?”

Interagente	Linha	Fala
Maria Paula	001	ge::nte... pra gente fechar aqui, pra não prolongar muito, eu vou fazer um jogo de frente com maria... quero saber o que é interpretar em voz para vocês... em breve síntese cada um fala o que vier à mente. se pensar em interpretação direta interpretar em voz o que é? (arthur levanta a mão virtualmente) fala, arthur.
	002	
	003	
	004	
	005	
	006	
	007	
	008	
	009	
Arthur	010	formação de ideias, construção dessas ideias.
	011	

O primeiro a responder prontamente é Arthur. Para ele, interpretar em direção ao português oral tem a ver com a construção de ideias. Entende-se, assim, o processo tradutório também como um processo criativo, a partir da colocação do intérprete, uma vez que, para construir ideias, não basta ter um vasto vocabulário ou um exímio uso da sintaxe, mas é preciso saber como articulá-los diante de cada situação e sua possível equivalência linguística com a língua-alvo.

Em seguida, Aslan abre o microfone e rapidamente deixa também a sua contribuição. Ele diz:

Excerto 21 - “você permite que o surdo esteja no lugar que é dele de direito”

Aslan	012 013 014 015 016 017 018 019 020	eu acho que não gosto desse termo, mas acho que é dar voz. quando você faz uma interpretação direta, você permite que o surdo esteja no lugar que é dele de direito. acho que é uma grande ponte. se não tiver uma versão voz bem feita, o surdo vai sempre ser visto ainda como incapaz em muitos espaços.
-------	---	---

A fala de Aslan, apesar de iniciar-se confusa, é construída com maior primor nas linhas que se sucedem. Ao utilizar o termo “dar voz”, também a contragosto do próprio intérprete, Aslan deixa evidente que entende que a pessoa surda tem, sim, um querer definido, logo, tem a sua própria voz. Mas é ele, enquanto intérprete, que pode contribuir para a viabilização dessa “voz”, desse querer/pensar/agir surdo, à sociedade ouvinte.

Em continuidade, Aslan reforça um ponto importante com relação ao estigma de incapacidade que ainda é enfrentado pela pessoa surda nos dias atuais. E, infelizmente, a forma como a sinalização desse indivíduo é interpretada, a depender da entonação escolhida, pode sim, reforçar tais estigmas e dificultar ou impedir a inserção desejada por ele na sociedade.

Para Aslan, é “uma versão voz bem feita” que pode assegurar a visibilidade e o protagonismo surdo em contextos em que a pessoa surda sinaliza seu texto mas depende da voz do intérprete para que sua mensagem possa chegar ao público não-sinalizante. Certamente, são as experiências e conhecimentos do profissional que o permitem compreender a relevância de uma interpretação em voz realizada de forma adequada, para além da escolha lexical, sintática ou artística da forma com que o intérprete decide entregar a sua tradução. O tradutor e intérprete de libras além de ser um profissional da linguagem é também agente de acessibilidade e inclusão da pessoa surda e, por isso, cada detalhe em sua interpretação tem um impacto social pontual e necessário.

Na mesma direção, Violeta também entende que a interpretação em voz é capaz de produzir aproximação entre as realidades surda e ouvinte.

Excerto 22 - “seria como se fosse abrir caminhos”

Violeta	021 022 023 024 025 026 027 028 029 030 031 032 033 034	seria como se fosse abrir caminhos, abrir portas assim né? o que estava ali fechado sem comunicação e de repente você falar com a voz e você acaba conhecendo aquela pessoa surda que está ali o tempo todo e às vezes as pessoas não conheciam, não sabiam as suas ideias, não sabiam... não sabiam o que ela tinha ali para oferecer. é um pouco disso que o aslan falou. então você está ali e mostra, olha::: tudo isso aqui. então eu faço voz porque tem o surdo que tá sinalizando.
---------	--	---

A intérprete constrói uma metáfora relacionada a caminhos abertos. Por meio dessa figura de linguagem, Violeta explica que a interpretação em voz é como abrir uma porta para a troca comunicativa entre a pessoa surda e a comunidade ouvinte. Ao interpretar em voz, ela entende que permite que a pessoa surda seja vista. Já que, muitas vezes, surdos frequentam espaços sem serem efetivamente incluídos.

No contexto da sala de aula, por exemplo, um aluno surdo pode tornar-se invisível se o intérprete não fizer chegar aos colegas e professores o que ele está dizendo e a maneira como este aluno surdo gostaria de participar e pertencer àquele ambiente.

Violeta afirma que “faz voz” porque o surdo existe e se comunica. E, ao passo que este surdo se comunica, seu trabalho em Versão Voz torna-se indispensável para que esta porta da interação entre mundos distintos abra-se e ambas as partes, surdos e ouvintes, possam dialogar. E, sobretudo, para que, mediante a abertura desta porta, as pessoas ouvintes possam ver e valorizar as pessoas surdas, respeitando sua língua e sua cultura.

Na sequência, a voz de Ana une-se à de Violeta e concorda que a interpretação em Versão Voz permite uma aproximação de mundos

diferentes, buscando harmonizar a convivência diante da riqueza que é lidar com a pluralidade, podendo criar pontes para o diálogo entre as diferenças, em vez de barreiras.

Excerto 23 - “aproximar mundos”

Ana	035	sim... eu penso que é aproximar
	036	mundos e deixar eles mais
	037	equiparados possível entre um e
	038	outro, mesmo que tenham as suas
	039	diferenças... mas deixando sempre o
	040	mais natural possível um com o
	041	outro, sem muitos estranhamentos na
	042	medida do possível.

Após a fala de Ana, Amélie coloca também o seu entendimento, enfatizando a importância do corpo do intérprete no ato interpretativo ao traduzir em direção ao português oral.

Excerto 24 - “você meio que tem que incorporar ali”

Amélie	043	então, gente... eu não sei se é um
	044	problema... talvez mas eu acho que
	045	é tipo um teatro... você meio que
	046	tem que incorporar ali, você tem
	047	que meio que entrar na pessoa,
	048	tentar entender como é, o que ela
	049	quer dizer, o que ela quer passar...
	050	é meio que entrar ali na personagem
	051	mesmo, porque aí você consegue
	052	talvez criar um... um vínculo ali
	053	com a pessoa, consegue ter uma
	054	empatia, não sei... algo meio... não
	055	sei, pra mim é meio abstrato... mas é
	056	tipo é você observar, assim... os
	057	pormenores e aí você consegue se
	058	ligar e entender melhor a pessoa
	059	sabe? acho que é isso, acho que é
	060	uma questão de incorporação mesmo.

Para Amélie, a incorporação através do uso de elementos multimodais que permitam a expressão da língua oral, é tão fundamental para uma interpretação em Versão Voz, que é parte constituinte do significado dessa prática. Interpretar para o português oral é, para Amélie, vincular-se à pessoa surda e à sua forma de sinalizar, captar o teor, a prosódia, os trejeitos do sinalizante e revestir-se um pouco dele para que

a mensagem possa ser transmitida ao público tal qual - ou tão próximo quanto - à forma como foi produzida primariamente, em sinais.

Por fim, Tiana encerra este tópico conversacional lembrando que a interpretação em voz, além de constituir-se como uma prática cultural, social e vocal, está também diretamente relacionada à garantia de direitos.

Excerto 25 - “é colocar em prática o princípio da isonomia”

Tiana	061 062 063 064 065 066 067 068 069 070 071 072 073 074	então... entendo que a versão voz pra mim, ela tá muito ligada... no meu entendimento, está ligada ao direito à equidade. é exercer ou colocar em prática o princípio da isonomia, que é um princípio constitucional, onde você coloca em prática o artigo 5º que diz que todos são iguais. se todos são iguais, todos têm direito à voz, todos têm direito de opinar, de exercer, de falar. então eu vejo muito como a versão voz é isso, a prática do direito.
-------	--	--

O entendimento de Tiana acerca da interpretação em voz extrapola as nuances linguísticas da prática e dialoga diretamente com o propósito deste estudo. Em poucas palavras, a intérprete foi capaz de traduzir o significado da importância de uma interpretação em português oral bem executada no contexto do contato com a Comunidade Surda. O uso adequado da oratória na interpretação em Versão Voz assegura o direito da pessoa surda de se comunicar e de ter a sua mensagem entregue com qualidade ao público ouvinte. Por isso, como bem coloca Tiana, é uma prática que está diretamente relacionada ao princípio constitucional da isonomia, que busca colocar todos os cidadãos em lugar de igualdade - no sentido da garantia de direitos equivalentes para todos.

Assim, se a pessoa surda pode ter direitos iguais aos de pessoas ouvintes, então o intérprete de libras e português precisa ser o agente que assegura o cumprimento deste princípio, uma vez que ele domina os dois idiomas e atua para a inclusão efetiva de surdos em todos os ambientes, não apenas garantindo que ele esteja sentado na plateia recebendo uma

mensagem em sua língua, mas também, que possa se expressar com liberdade, autonomia e segurança sabendo que seu texto será adequadamente transmitido ao público.

Nesse sentido, a atenção para com o primor com o qual essa mensagem deve ser interpretada, pode demandar um esforço considerável. Para isso, contar com o auxílio de profissionais especializados pode ser de grande contribuição - a saber, fonoaudiólogos bilíngues.

6.5 Como os intérpretes acreditam que o Fonoaudiólogo Bilíngue poderia contribuir para a área

Início um novo tópico dialógico em minha interação virtual com os participantes egressos do Curso de Extensão. Apresento-lhes uma breve explicação do que seria, em minhas palavras, a Fonoaudiologia Bilíngue para Surdos, área da Fonoaudiologia dedicada à Língua de Sinais e à pessoa Surda.

Excerto 26 - “em qual idioma ela precisa ser atendida?”

Maria Paula	330	a tiana também não se recorda, eu vou
	331	falar então. gente a fonoaudiologia
	332	bilíngue é a área da fono que se
	333	dedica à língua brasileira de sinais e
	334	à pessoa surda. ou seja, pensando na
	335	pessoa surda, e pensando numa criança
	336	ouvinte. vocês já viram criança
	337	ouvinte que faz fono? porque troca a
	338	pronúncia da fala, porque se embaralha
	339	pra falar. fala de uma maneira confusa
	340	e essa criança vai e procura uma fono.
	341	quando ela chega na fono, ela é
	342	atendida em que idioma? a criança
	343	ouvinte. português. em português.
	344	beleza. porque se a primeira língua
	345	dela é o português, e a dificuldade
	346	dela é com o português, ela vai ser
	347	atendida em português. agora,
	348	comparando com uma criança surda. eu
	349	tenho uma criança surda que tem um
	350	atraso de linguagem em libras. tem
	351	dificuldade de se expressar em libras.
	352	se embaralha com os sinais, parece que
	353	vai contar uma história e ninguém

	354 355 356 357 358 359 360 361 362 363 364 365	entende. não tem início meio e fim. sinaliza de qualquer jeito. ela vai procurar um profissional que atue na área de linguagem, na organização do pensamento com foco na linguagem. que profissional é esse? fonoaudiólogo. fono não cuida de voz apenas. fono cuida de linguagem de forma geral. e aí se a demanda dela é em libras o atraso de linguagem em libras em qual idioma ela precisa ser atendida?
Tiana	367 368 369	o certo seria em libras. mas eu nem conheço fono que saiba libras fora a senhora.
Maria Paula	370 371 372 373 374 375 376 377 378 379 380 381 382 383 384 385 386 387 388 389 390 391 392	pois é. existe um grupo que sabe se chama fono bilíngue para surdos. e esse é justamente o foco. então o fono bilíngue para surdos vai desenvolver brincadeiras interações significativas e terapêuticas voltadas para a aquisição da linguagem em libras. resumidamente é isso que o fonoaudiólogo bilíngue faz. ele também vai avaliar a linguagem, vai intervir nessa linguagem, vai desenvolver um processo terapêutico de linguagem em libras. entende-se que o fono bilíngue atua com a pessoa surda. e aí a minha pergunta é se vocês acham que esse mesmo profissional que domina dois idiomas poderia de alguma maneira também contribuir para os intérpretes e qual seria essa contribuição. como seria isso? não tem certo nem errado, o que vocês chutarem, quiserem achar...

Na minha explicação, teço uma linha paralela entre a criança ouvinte e a criança surda, uma vez que a atuação do fonoaudiólogo junto à criança ouvinte é, sabidamente, popularmente difundida. Encontro, então, uma maneira que considero mais didática de explicar a possível atuação do fonoaudiólogo bilíngue, embora, possivelmente, alguns aspectos não tenham sido detalhadamente considerados, como a atuação em promoção da língua de sinais quando não há, necessariamente, queixas de desenvolvimento linguístico, por exemplo, e a orientação aos familiares quanto ao estímulo em língua de sinais.

Vale contextualizar, ainda, que em minhas trocas com os participantes, ao convidá-los a participar deste estudo, eu já havia, anteriormente, explicado a cada um a temática da Fonoaudiologia Bilíngue para Surdos. Todavia, dado o lapso temporal que sucedeu este convite inicial e a então gravação, compreende-se que seja razoável que a maioria não se recordasse acerca da atuação deste profissional e a abrangência teórica da área. Ademais, a não-lembrança também permite refletir que, possivelmente, no decorrer desse tempo, os intérpretes não tenham tido outro contato com a profissão, o que reforça o lugar ainda incipiente do Fonoaudiólogo Bilíngue para Surdos, ainda que a sua atuação remonte aos idos dos anos 90 - contexto em que a pesquisadora aprendeu os primeiros sinais em Libras, através de uma Clínica Fonoaudiológica Bilíngue (ver capítulo de introdução).

Tiana, então, atenta à explicação que precede meu questionamento, participa respondendo à pergunta retórica (ou professoral) que eu havia feito acerca de como deveria ser o atendimento fonoaudiológico a uma pessoa surda. A intérprete interrompe o fluxo da minha fala e diz que “o certo seria em libras” e acrescenta, em contrapartida, que não conhece outros profissionais da área que saibam libras além de mim. A colocação de Tiana, uma intérprete experiente e muito atuante junto à Comunidade Surda, mostra o quanto a Fonoaudiologia Bilíngue para Surdos ainda precisa avançar, sobretudo no que diz respeito à popularização e divulgação acerca dessa forma de atuação.

A trajetória da intérprete, descrita no capítulo metodológico desta tese, é, evidentemente, extensa e complexa. Além de constituir-se como uma jornada profissional, mostra-se também como uma caminhada de cunho pessoal, que a permite uma aproximação da Comunidade Surda não apenas em ambiente de trabalho, mas extrapolando essa limitação. Diante disso, a fala de Tiana ao afirmar que não conhece outros fonoaudiólogos que conheçam libras deveria ser quase surpreendente, não fosse pelo meu conhecimento prévio de que minha prática profissional ainda não é tão (re)conhecida como deveria.

Após a consideração de Tiana, retomo com naturalidade o turno na interação e concluo a minha fala deixando aos intérpretes o questionamento acerca das possíveis contribuições da Fonoaudiologia Bilíngue (para Surdos) para a prática do intérprete, introduzindo o tópico, para que os colegas pudessem deixar suas considerações. Com isso, Tiana toma a palavra novamente e pontua quais ela acredita que possam ser as contribuições do profissional.

Excerto 27 - “pode ajudar a organizar o discurso”

Tiana	403	pode ajudar a organizar o
	404	discurso(...) conseguir encontrar os
	405	melhores caminhos assim, como é que
	406	eu vou dizer. as melhores formas de
	407	se expressar, usar os termos
	408	corretos. sei lá. muito bom. na nossa
	409	aula mesmo. na nossa aula mesmo
	410	durante as aulas me ajudava muito a
	411	organizar na mente e às vezes estava
	412	organizada na mente mas eu tinha
	413	dificuldade de colocar para fora.
	414	então o fono, nessa forma, iria
	415	ajudar muito os intérpretes de
	416	libras. porque fazer voz
	417	principalmente colocar direto para
	418	voz requer uma postura expressões que
	419	quando a gente está falando no dia a
	420	dia, é uma coisa. mas quando a gente
	421	para para fazer profissionalmente,
	422	parece que a gente esquece até o
	423	nosso nome. dá aquela trava.
	424	

A prontidão de Tiana em responder, participar e contribuir, aponta, ainda que sutilmente, para uma necessidade latente de profissionais que possam atuar junto aos intérpretes de Libras, uma vez que a intérprete parece sentir-se impactada pelos aprendizados do Curso de Extensão que foram fundamentados na fonoaudiologia e puderam contribuir para a sua prática profissional.

Assim, Tiana rememora as experiências do Curso de Extensão e as associa ao papel do Fonoaudiólogo Bilíngue após a breve explicação que eu ofereci. Para ela, os ensinamentos não foram apenas relacionados à oratória do intérprete, mas também a auxiliaram a organizar

linguísticamente a tradução, possibilitando uma associação entre os idiomas de maneira mais eficiente.

Ademais, Tiana também cita a importância de utilizar uma postura corporal adequada para que a produção vocal do intérprete também seja beneficiada e associa as técnicas à memória. Para ela, o uso da voz e da postura de forma adequada parece favorecer também o acesso lexical, pois segundo a intérprete, “quando a gente para pra fazer profissionalmente parece que a gente esquece até o nosso nome”.

O corpo e a voz em uso durante a interpretação, conforme pontuados por Tiana, permitem uma associação com relação à Multimodalidade e à Prosódia durante a interpretação, em harmonia com o arcabouço teórico deste estudo. As técnicas mencionadas pela intérprete traçam um diálogo direto com esses dois tópicos, uma vez que, ao pontuar sobre o uso da voz e da postura, a intérprete faz alusão à expressividade necessária para a transmissão adequada da interpretação, preservando os elementos prosódicos da libras, e, com isso, otimizando o seu acesso lexical, a fim de favorecer o processo tradutório inter(multi)modal.

Ana, então, concorda com Tiana e aponta para mais uma possibilidade de atuação deste profissional fonoaudiólogo junto aos intérpretes de Libras e Português.

Excerto 28 - “nada impede que o fono também te auxilie”

Ana	436 437 438 439 440 441 442 443 444 445 446 447 448 449 450 451 452 453	concordo tiana::: bem que a tiana comentou né ali:: é bem disso né porque claro no curso de libras a gente pelo menos até então agora já vem se mudando, a gente tinha muito, eu pelo menos, tinha muito do palavra-sinal né, palavra-sinal. e como é que você constrói esse cenário? tá ok, isso cabe ao professor de libras, penso eu, mas nada impede que o fono também te auxilie nessa construção de sinais também né, querendo ou não, como eu ligo fono sempre a vocal né sempre. mas ali, agora, com essa explicação do conceito, é linguagem então né cada linguagem, sua estruturação, de que
-----	--	---

	454	forma utilizar, então realmente, de
	455	auxiliar a gente como L2 né, de
	456	construção de postura mesmo para
	457	sinalização e coisa, porque imagina
	458	tudo travado, tudo tenso, vai sair o
	459	que? vai sair como? vai sair daquele
	460	jeito também? então não. tem isso
	461	mesmo. ajuda muito.

Após a explicação de algumas das formas de atuação do fonoaudiólogo bilíngue que eu ofereci, Ana entende que o profissional também pode atuar junto ao intérprete de libras e português com relação a orientações quanto à execução da própria língua de sinais, com recursos específicos e, como exemplo, ela cita a adequação postural para a comunicação em língua brasileira de sinais, propiciando ao intérprete menos tensão na execução dos sinais e otimizando a saúde da comunicação deste profissional.

É interessante notar como a Multimodalidade se faz presente na fala das intérpretes, ainda que não seja nomeada. A compreensão de que a postura otimiza a comunicação parece ser uma noção comum às intérpretes e com efeito para o uso de ambas as línguas. Ainda que a adequação postural possa ser compreendida como um cuidado relativo à prática profissional de fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais, quando se trata da comunicação, o profissional responsável por atuar junto a este cuidado pode, sim, ser o fonoaudiólogo. Afinal, além de ater-se à saúde propriamente dita, a “tensão” mencionada por Ana tem efeitos diretos na forma como as pessoas se comunicam e impactam o significado da própria mensagem, alterando, até mesmo, a prosódia da comunicação.

Tiana, mediante a fala de Ana, toma o turno novamente e acrescenta novos pontos com relação ao seu entendimento a respeito da atuação do Fonoaudiólogo Bilíngue. No curso da interação, a intérprete parece realmente interessada com relação ao tópico, o que, mais uma vez, enfatiza a demanda da profissional por este cuidado voltado à prática de sua classe coletiva. Nesse contexto, a intérprete enfatiza a possibilidade de atuação do profissional da saúde da comunicação junto aos intérpretes de Libras e Português na direção direta. Ela destaca a

importância de que este profissional saiba libras, não apenas recursos vocais de aprimoramento da oratória, mas também tenha o domínio de ambas as línguas a fim de contribuir de maneira mais completa, correlacionando ambos os idiomas e suas formas de expressão.

Excerto 29 - “seria muito mais fácil uma fono que sabe libras me ajudar”

Tiana	494	a construção para o português também prejudica muito em alguns momentos. para mim pelo menos teria muito mais dificuldade, seria muito mais útil para mim da libras pro português do que do português para libras, não que não fosse também útil, mas seria mais. e por exemplo se eu fizesse para a senhora, que sabe libras, então seria muito mais fácil uma fono que sabe libras me ajudar a fazer essa construção do que uma fono que não sabe libras, porque vai adiantar nada.
	495	
	496	
	497	
	498	
	499	
	500	
	501	
	502	
	503	
	504	
	505	
	506	
	507	
	508	

Para Tiana, se o fonoaudiólogo não souber libras, ele não poderá auxiliá-la a interpretar para o português oral adequadamente. Ela entende que o profissional pode auxiliar o intérprete também na interpretação para a libras, concordando com sua colega, Ana. Todavia destaca a relevância da atuação do profissional, para ela, em direção ao português oral.

Nesse ponto, é necessário enfatizar que a prática profissional do fonoaudiólogo hoje, dado o seu contexto formativo (ver capítulo de revisão), ainda ocorre de forma segmentada. Tiana, em sua colocação, constrói uma percepção inovadora, ainda que possa parecer simplista à primeira vista. O diálogo entre linguagem e voz, proposto por Tiana, é uma perspectiva diferenciada. Nesse sentido, é pertinente ainda acrescentar que o procedimento de pesquisa de inspiração etnográfica, permite o entendimento de que este fazer é também um evento social e, por isso, pesquisadora e participantes constroem-se juntos ao colocarem as suas locuções.

Diante disso, compreende-se que a colocação de Tiana dá-se em construção comigo, a pesquisadora (e também junto aos demais

participantes e colegas de profissão). Evidentemente, também mediante a minha influência como fonoaudióloga. Assim, a inovadora proposta de Tiana co-construída na interação, além de traçar um diálogo entre as áreas de linguagem e voz da fonoaudiologia, aponta também para a compreensão de que o Fonoaudiólogo Bilíngue (para Surdos) é este profissional que pode transitar entre os dois pontos elencados e, ainda, uní-los à prática da interpretação da libras para o português oral. Afinal, compreende-se que o objetivo de reconhecer e valorizar o estatuto linguístico da Língua Brasileira de Sinais constitui-se enquanto escopo primordial da práxis e do posicionamento desse profissional.

Nesse sentido, no contexto em que a fala de Tiana está inserida, pode-se compreender, ainda, que as linhas que tecem o diálogo entre linguagem, voz e a atuação do intérprete de libras em direção ao português oral, o fazem com os novos do arcabouço teórico da Multimodalidade e da Prosódia, uma vez que são os entendimentos de que estas nuances da linguagem estão presentes em ambas as línguas e, ao serem observadas sob a ótica da fonoaudiologia, podem proporcionar uma interpretação mais qualificada, coerente e que valorize a Língua Brasileira de Sinais e a pessoa surda na sociedade.

Nesse contexto, no fluxo da interação, Violeta reivindica por mais tempo de prática no Curso de Extensão, enfatizando a relevância do papel do fonoaudiólogo bilíngue junto ao intérprete de libras, auxiliando-o a captar elementos prosódicos da língua brasileira de sinais e transpô-los para o português oral.

Excerto 30 - “você tem que acompanhar com a voz (...)”

Violeta	568	então se no treino pra voz se a gente tivesse
	569	mais tempo, durasse mais, poderia ter
	570	treinado assim várias formas. meio acadêmico,
	571	que é um lugar que assusta. teatro que hoje
	572	em dia nós temos surdos que estão aí na área
	573	artística... então você fazer voz no teatro...
	574	não só sala de aula, política. há surdos que
	575	querem colocar coisas na rede social sobre
	576	culinária e você fazer voz daquilo. porque
	577	ainda tem isso. não é só fazer voz. ainda tem
	578	entonação que combina com aquela arte. por
	579	exemplo stand-up. surdos que fazem rap. você

	580 581 582 583 584	tem que acompanhar na voz, não é só fazer lá igual a gente faz por exemplo numa sala de aula. então mais tempo de curso ajuda a explorar várias áreas e treinar mais.
--	---------------------------------	--

Para Violeta, o uso da voz de forma adequada a diferentes contextos parece ser um tópico fundamental para a execução de uma boa interpretação em português oral. Ela então cita as diferentes situações em que o intérprete pode atuar nessa direcionalidade e aponta para a importância de treinar mais as nuances específicas da voz em cada contexto, com destaque para a entonação em cenários artísticos diversos que demandam uma *performance* do intérprete na execução da interpretação simultânea para o português.

A pontuação de Violeta enfatiza o lugar da pessoa surda como um lugar de evidência. Os eventos mencionados pela intérprete apontam para o surdo no palco, enquanto os ouvintes estariam na plateia. É, portanto, uma perspectiva contra-hegemônica, uma vez que sabe-se que a Língua Brasileira de Sinais configura-se enquanto uma expressão linguística de desprestígio social, dado seu tardio reconhecimento e a constante luta de pessoas surdas por acessibilidade linguística. Assim, enfatizar a participação social de Surdos em lugares de destaque, também se harmoniza com o escopo da Fonoaudiologia Bilíngue para Surdos, com potencial para a ampliação de sua práxis para além dos muros da clínica.

Captar a *performance* artística de pessoas surdas, com uma compreensão minuciosa da forma como este artista se expressa, se move, se entrega à arte, dá destaque a determinadas palavras e não a outras, é um trabalho complexo. Transpor todos esses detalhes que constituem um fazer artístico tão rico para uma língua oral demanda do intérprete um conhecimento bicultural robusto e o domínio do uso prosódico da língua portuguesa de forma adequada às demandas culturais. Por essa razão, pode-se compreender que o conhecimento de técnicas vocais sem a percepção da complexidade linguística da libras poderia não ser suficiente para auxiliar o intérprete de libras e português

nesse contexto. Sabe-se que, hoje, embora as dimensões da Língua de Sinais na Fonoaudiologia ainda não abarquem especificamente a atuação junto ao intérprete de libras, o Comitê de Língua de Sinais e Fonoaudiologia Bilíngue para Surdos reconhece outras formas de ampliação de sua prática e menciona, sim, a atuação junto aos intérpretes de libras (ver Moura et al, 2021).

Por fim, Ana sugere a elaboração de um curso que aborde todas as temáticas, construídas dialogicamente nesta interação, condizentes a possíveis novas formas de atuação do fonoaudiólogo bilíngue junto ao intérprete de libras.

Excerto 31 - “eu nunca tive nada do tipo”

Ana	593	maria paula tudo que tu encontrou de
	594	possibilidades do que uma fono bilíngue pode
	595	fazer... de encaixar isso tudo num curso. então
	596	assim eu vou abranger várias áreas de trabalho
	597	beleza. mas tá e o que mais que eu posso o que
	598	mais é possível fazer nesse atendimento?
	599	construção de sinal construção de língua
	600	portuguesa, sei lá enfim tratamento de voz,
	601	entonação de voz. então assim de colocar todas
	602	essas possibilidades aí que tu encontrou nesse
	603	teu trabalho que tá encontrando que tu tá
	604	estudando, colocar isso tudo num cursão aí.
	605	então foi um curso muito bom realmente pra mim
	606	eu nunca tive nada do tipo, então não tem como
	607	dizer, ah, faltou isso, isso e aquilo. mas com
	608	o tempo maior, com certeza, tu conseguirias
	609	abranger uma gama ali de possibilidades.
	610	

Ana sugere que o fonoaudiólogo bilíngue (para Surdos) auxilie o intérprete na construção dos sinais, ou seja, nas escolhas lexicais e sintáticas em língua de sinais, na organização textual da interpretação, bem como na versão voz. A intérprete também cita a possibilidade de tratamentos de voz e auxílios quanto à entonação vocal do tradutor e intérprete de libras e português. Ela destaca o quanto o curso foi importante para ela, com ênfase para o ineditismo (“nunca tive nada do tipo”) e ecoa a demanda de Violeta, por maior tempo de duração.

É interessante observar, na fala de Ana, que a intérprete entende a pesquisadora como a autora de todas as possíveis formas de ressignificar

e abranger a atuação do fonoaudiólogo bilíngue, quando na verdade, as colocações haviam sido feitas por suas colegas intérpretes, em co-construção junto à pesquisadora. Nesse sentido, compreende-se que a demanda pela efetiva ampliação das perspectivas quanto à práxis do fonoaudiólogo bilíngue não se dá de forma individual, mas coletiva. Faz-se necessário considerar as falas de quem, efetivamente, atua na interpretação direta no par linguístico libras e português, enfrenta dificuldades nesse processo e pôde experimentar efeitos positivos ao desenvolvimento de sua interpretação quando em contato com técnicas específicas embasadas na fonoaudiologia em diálogo com a libras, ainda que tal prática (ainda) não esteja nas três dimensões da língua de sinais junto à fonoaudiologia hoje.

Diante das contribuições das colegas, Tiana aponta para outra demanda possível de ser atendida pelo fonoaudiólogo bilíngue. Dessa vez, a intérprete direciona o trabalho do fonoaudiólogo para a pessoa surda, convergindo o entendimento para a dimensão da práxis desse profissional hoje, ainda que exceda o tópico que havia sido questionado - porém com uma contribuição de extrema relevância.

Excerto 32 - “tem gente que gagueja em libras”

Tiana	521 522 523 524 525 526 527 528 529 530 531	tem gente que gagueja em libras. eu tenho alunos que são gogos na libras. faz uma repetição dos sinais o tempo todo. tem sinal lógico tem a sua repetição. mas é tipo porque porque porque eu eu eu vou comer comer comer comer. e eu falo “você está gaguejando”... “você está gaguejando”. mas tem gagueira... tem... se você faz a repetição, que é fora do parâmetro, é gago. então acho muito válido mesmo.
-------	---	--

Tiana, ainda que não seja fonoaudióloga, demonstra certa sensibilidade em sua percepção para os parâmetros de execução da língua brasileira de sinais. Ela afirma que, segundo a sua observação, tem um aluno (surdo) que apresenta possíveis sinais de gagueira. Embora a intérprete não tenha mencionado especificamente a atuação do intérprete neste contexto, vale considerar a enorme relevância que uma

interpretação em Versão Voz bem executada teria nesse caso. Dessa forma, até mesmo o professor regente da turma (por tratar-se de ambiente escolar), poderia notar a dificuldade de fluência de seu aluno (devidamente interpretada para o português) e então comunicar, de alguma forma, aos pais, para que pudessem encaminhá-lo para uma avaliação fonoaudiológica junto a um profissional bilíngue - libras e português.

No caso mencionado por Tiana, o intérprete teria um grande potencial de auxiliar no encaminhamento de um possível paciente para um profissional de saúde adequado que, em havendo realmente a demanda por ela apontada, poderia auxiliar na melhoria da qualidade de vida do referido aluno, através de recursos terapêuticos voltados para a fluência da fala (sinalização).

Nesse caso, Tiana permite a reflexão de que compreender a relevância da manutenção dos elementos prosódicos na tradução inter(multi)modal é de extrema relevância. E, por ser o fonoaudiólogo o profissional responsável por tratar disfluências, este mesmo poderia utilizar-se de seus conhecimentos técnicos para orientar intérpretes com relação aos elementos prosódicos da língua brasileira de sinais e, ainda, possíveis concomitantes físicos comuns à fala de pessoas com gagueira, com efeito direto em sua expressão corporal (multimodalidade).

Portanto, a fim de contribuir de forma mais global, buscando utilizar-se de mais recursos científicos e práticos da clínica fonoaudiológica, o profissional fonoaudiólogo bilíngue em sua atuação junto a surdos, disporia de maior capacidade de atuar tanto junto à pessoa surda com queixa de disfluência em libras como junto ao intérprete que, potencialmente, faria essa informação chegar ao cuidado certo.

Assim, o caso citado por Tiana é complexo e abrangente e, por isso, permite uma pontuação cuidadosa com relação ao papel do tradutor e intérprete de libras e português em um contexto tão vasto como o educacional e as possíveis formas de atuação do fonoaudiólogo em situações que envolvam compreensões minuciosas da língua de sinais,

seus parâmetros e formas de expressão, bem como da língua portuguesa oral e suas equivalências tradutórias em contato com a libras.

Diante de tais falas produzidas pelas intérpretes, pode-se refletir que os entendimentos de Ana, Tiana e Violeta a respeito das possíveis formas de atuação do profissional Fonoaudiólogo Bilíngue (para Surdos) junto aos intérpretes de Libras e Português são diversos. Contudo, as três intérpretes foram unâimes em entender que a atuação do fonoaudiólogo no auxílio à execução da interpretação em direção direta pode, sim, configurar-se enquanto uma prática específica do que as intérpretes entendem como Fonoaudiologia Bilíngue, uma vez que a compreensão das duas línguas é necessária para que as orientações quanto à prosódia em português sejam pertinentes. Ademais, dessa forma, o fonoaudiólogo poderá contribuir para a valorização da língua de sinais dentro e fora do ambiente clínico e, ainda, do protagonismo surdo.

Ana e Tiana também citam a possibilidade do fonoaudiólogo bilíngue atuar no auxílio à execução adequada dos sinais por parte dos intérpretes. Nesse sentido, é válido considerar o tardio reconhecimento da profissão do tradutor e intérprete de libras pela legislação brasileira e o amadorismo que, por conta disso, se perpetuou na prática profissional, tão associada ao voluntariado e à caridade, ainda após este reconhecimento legal e a criação de devidos cursos para proporcionar a formação adequada ao intérprete. Dado o contexto, é válido pontuar também a possível atuação do fonoaudiólogo bilíngue até mesmo na aplicação de protocolos avaliativos da língua de sinais, a fim de identificar as possíveis faltas e potenciais no domínio linguístico deste profissional, norteados sua formação e sua prática.

Por fim, considera-se também que toda fala emerge de algum contexto e, por isso, torna-se impossível a obtenção de dados puristas. Assim, a influência da minha presença como entrevistadora, tendo sido eu também professora e vice-coordenadora do curso tão mencionado pelas intérpretes, é um ponto pertinente. Todavia, isso não anula as contribuições das participantes, já que, de outro modo, haveria sempre um viés relacionado ao paradoxo do observador (Labov, 1987). A

pesquisa é também um evento social, de acordo com a linha de interpretação adotada no curso deste estudo. E, como qualquer evento social, é passível de influências e “contaminações” à fala dos interagentes. Dessa forma, as elocuções das participantes permanecem válidas, apesar e através do contexto em que emergem.

7 Reflexões

No presente capítulo, elencarei reflexões (possivelmente) ainda prematuras, incipientes, dada a recém-criação deste estudo, mas que (espera-se) poderão contribuir para novos entendimentos à medida em que forem (re)visitadas por outros leitores e pela própria pesquisadora. Em seguida, apontarei também para as possíveis contribuições deste estudo e, por fim, deixarei sugestões que possam mover este percurso inicial a outros maiores.

7.1 Possíveis caminhos frente às perguntas iniciais

O estudo teve por objetivo buscar compreender as experiências de profissionais na interpretação simultânea da libras para o português oral pela perspectiva de uma fonoaudióloga bilíngue, através da análise da interação entre a fonoaudióloga e participantes egressos do Curso de Extensão “Técnicas Vocais para a Direção Direta”, ofertado através de uma universidade pública do Rio de Janeiro.

Ao longo da pesquisa, buscamos responder às seguintes perguntas:

1. Quais são as principais dificuldades que emergem nas narrativas dos TILSPs com relação à versão voz?
2. Quais os recursos utilizados pelos TILSPs para enfrentar essa dificuldade?
3. Há lacunas na formação do TILSPs? Quais são?
4. Qual é a relevância da versão voz para os intérpretes?
5. Os participantes acreditam que a Fonoaudiologia Bilíngue para Surdos poderia contribuir para a área?

No que tange ao primeiro questionamento, pôde-se observar, mediante a geração de dados deste estudo, que os tradutores e intérpretes de Libras e Português relataram dificuldades diversas com relação à interpretação em Versão Voz, no primeiro capítulo de análise, presentes nas falas de Tiana, Aslan, Amélie, Violeta e Arthur.

Nesse sentido, observou-se que as poucas experiências na direcionalidade, diretamente relacionada à precária participação social da pessoa surda em diferentes ambientes, é um dos fatores que dificultam a execução da interpretação direta por parte dos intérpretes de Libras. Os profissionais, por não terem tanta demanda de atuação nesse sentido, não aprimoram a sua prática, uma vez que o próprio fazer contribui para o desenvolvimento.

Outro ponto colocado pelos intérpretes trata-se do medo do julgamento alheio. Ao interpretar para o português oral, o intérprete de libras torna-se mais visível do que interpretando em direção a uma língua viso-espacial, já que a libras é menos conhecida do que o português e, por isso, o público geral seria incapaz de julgar as habilidades linguísticas e de fluência do intérprete quando este está sinalizando, diferentemente de quando ele usa o português oral, interpretando da libras em direção à própria língua.

Os intérpretes também mencionaram a escassez de cursos, aulas, ou treinamentos voltados especificamente às habilidades demandadas na interpretação em português oral, que requer uma percepção da prosódia e da expressividade multimodal da libras para a tradução desses aspectos ao português oral.

Com relação à segunda pergunta norteadora deste estudo, os recursos utilizados pelos Tradutores e Intérpretes de Libras e Português são muitos e complementam-se. Dentre estes, estão a parceria com intérprete de apoio, o estudo com antecedência do material e da pessoa que fará a palestra/aula ou evento em questão (sempre que possível, dado que o contexto educacional pode estar repleto de participações espontâneas dos estudantes que não podem ser previamente estudadas). Ainda, os intérpretes acrescentaram o uso de estratégias tradutórias como omissões e substituições.

A modulação vocal e o uso de recursos prosódicos e multimodais também foram mencionados pelos intérpretes, em diálogo direto com a abordagem desta pesquisa. Os intérpretes compreendem que utilizar-se de uma modulação adequada, captando a expressão corporal do

sinalizante e usando também seu próprio corpo para a expressão da mensagem em português oral são recursos importantes no atravessamento das dificuldades de interpretação em Versão Voz.

No que tange à terceira pergunta, quanto às possíveis lacunas na formação desses intérpretes para a execução da interpretação em Versão Voz, os profissionais ratificaram a escassez de ofertas de treinamento continuado ou durante a graduação que os auxilie a interpretar em direção ao português oral. Nesse sentido, Amélie, intérprete ainda em processo de formação na graduação de Letras/Libras, destacou que sua formação é majoritariamente voltada para a interpretação em libras.

De igual forma, Tiana e Ana também destacaram que, apesar da vasta experiência das intérpretes, ainda não haviam tido a oportunidade de realizar um curso de Versão Voz que contemplasse de forma global aspectos condizentes à oratória da interpretação, com destaque para a percepção da prosódia da libras e a transposição dessa entonação para o português oral, mediante a orientação de um profissional Fonoaudiólogo Bilíngue.

A quarta pergunta que orientou o olhar deste estudo, diz respeito à relevância da Versão Voz para os intérpretes. Nesse sentido, os intérpretes destacaram a importância da interpretação em Versão Voz para assegurar a participação e o protagonismo surdos na sociedade. Para os profissionais, é uma interpretação da libras para o português oral bem feita que permite a visibilidade da pessoa surda na sociedade e pode afastar a percepção estigmatizada de incapacidade Surda que, infelizmente, assola o meio social. Ao interpretar a pessoa surda, os intérpretes entendem que o que estaria em evidência seria a própria Comunidade Surda e, portanto, essa prática vai diretamente ao encontro dos propósitos de um intérprete de libras e português, quando entende-se que este profissional é também um agente de inclusão social.

Com relação à pergunta de número 5, os participantes acreditam que o fonoaudiólogo bilíngue (libras e português) poderia contribuir para a área, sim. E, em suas elucubrações, os intérpretes mencionam as diferentes *performances* vocais possíveis em diferentes contextos em que

a Versão Voz possa ser demandada; o auxílio quanto à precisão fonético-fonológica da libras dos intérpretes; traçam reflexões que permitem uma associação com o aperfeiçoamento da Multimodalidade e da Prosódia na interpretação, mediados por um fonoaudiólogo bilíngue e, nesse sentido, Tiana ainda menciona a relevância de uma interpretação em voz bem executada no contexto de uma possível gagueira manifestada na sinalização de um aluno surdo. Com isso, pode-se compreender que no aperfeiçoamento da Versão Voz do intérprete, linguagem e voz estão em diálogo constantemente, e o Fonoaudiólogo Bilíngue, por transitar entre as duas vertentes, poderia contribuir para a prática dos intérpretes.

A partir das respostas encontradas, entende-se que o estudo, inicialmente, alcançou o objetivo de sanar os anseios com relação às questões que o nortearam. Todavia, mais estudos que complementem os tópicos abordados fazem-se necessários para a ampliação do olhar com relação às práticas do intérprete de libras e português no que diz respeito à interpretação para o português oral (Versão Voz) e seus possíveis entrelaces junto ao profissional fonoaudiólogo bilíngue (libras e português) mediante os tópicos: voz, prosódia e formação dos intérpretes.

7.2 Possíveis contribuições científicas deste estudo

A partir da análise dos dados foi possível notar a relevância dos aspectos vocais, prosódicos e formativos para a Versão Voz na prática laboral do Tradutor e Intérprete de Libras e Português. Notou-se ainda que os elementos prosódicos podem ser potencializados na interpretação com o auxílio dos saberes do fonoaudiólogo bilíngue, uma vez que as inflexões, as emoções da língua oral e toda a sua expressividade são construídos por meio da voz do intérprete.

Ademais, sabe-se também que a prosódia configura-se como um elemento primordial da linguagem, que dá ênfase e sentido à sintaxe e aos elementos lexicais de uma sentença. Sendo assim, a prosódia está presente tanto nas línguas orais como nas línguas de sinais. Na

oralidade, a expressão prosódica ocorre pelo entrelace dos elementos multimodais (como expressão corporal e expressão facial) e também das nuances vocais.

Nesse sentido, no que tange aos aspectos formativos do Tradutor e Intérprete de Libras e Português, o estudo permitiu notar que faz-se necessária uma ênfase maior nas habilidades necessárias para a interpretação em Versão Voz, como os aspectos multimodais e prosódicos. Mediante as contribuições dos intérpretes, constatou-se que tais formações ainda são escassas. Destaca-se, ainda, que formações para a Versão Voz mediante conhecimentos de oratória pautados na fonoaudiologia mostraram-se muito eficientes, apesar de ainda ser uma realidade distante à prática dos intérpretes, a partir dos dados deste estudo.

Assim, espera-se que este estudo possa contribuir para os aspectos vocais, prosódicos e formativos do TILSP. Ademais, sugere-se que a Fonoaudiologia Bilíngue para Surdos, enquanto prática, possa também ampliar de forma efetiva seu exercício laboral cogitando a possibilidade de inclusão e aproximação dos Tradutores e Intérpretes de Libras e Português, para a potencialização da interpretação especialmente no que tange à Versão Voz - uma vez que o fonoaudiólogo, enquanto profissional da saúde da comunicação, pode lançar mão de seus conhecimentos a fim de promover a visibilidade da Língua Brasileira de Sinais por meio do suporte aos intérpretes com relação aos aspectos de expressividade vocal e transposição prosódica da Libras para o Português Oral.

Para a execução dessa prática, nota-se que o fonoaudiólogo deve, além de conhecer e dominar a libras, trabalhar ativamente para a sua valorização, permitindo que a pessoa surda e sua língua estejam em evidência, o que se diferencia de uma prática em que a libras seja apenas o meio para alcançar o desenvolvimento da oralização surda ou da reabilitação auditiva de uma pessoa surda, por exemplo. Na prática fonoaudiológica junto aos intérpretes, há o reconhecimento do estatuto linguístico da Libras, o uso de conhecimentos específicos da área da fonoaudiologia, a criação de uma relação entre duas áreas (interpretação

e a própria fonoaudiologia), para evidenciar a pessoa surda, seu lugar, sua língua e sua cultura.

Assim, espera-se que as inteligibilidades geradas a partir deste estudo possam proporcionar também, de forma secundária, reflexões à prática fonoaudiológica capazes de questionar o que já se tem atualmente como dimensões da prática clínica bilíngue.

É possível refletir mediante a pesquisa realizada que a demanda por enfoque na interpretação em Versão Voz na formação de Tradutores e Intérpretes de Libras e Português é presente na percepção dos intérpretes e sua aplicação tem grande potencial de ressignificação da perspectiva de inclusão social atual. O aumento de ofertas de capacitações nesse sentido podem propiciar uma nova percepção com relação ao lugar ocupado pela pessoa surda e, portanto, ressignificar a prática profissional dos intérpretes e o entendimento atual, por trás dos currículos, de que a pessoa surda não estaria exercitando um protagonismo frente à sociedade, já que, com o enfoque para a interpretação apenas para a libras, entende-se que o esperado é que os surdos estejam adquirindo conhecimentos, não os transmitindo.

Assim, refletir sobre uma possível mudança nos aspectos formativos condizentes à carreira dos intérpretes, com ênfase para a interpretação em Versão Voz, é também considerar pessoas surdas em lugar de evidência. Seria, portanto, um olhar anticapacitista e amplamente inclusivo.

Com relação ao arcabouço teórico que norteou a análise dos dados gerados, pôde-se entender também que os intérpretes constroem suas visões, dentre outras maneiras, também tendo como solo, pequenas narrativas, que os permitem evocar fatos marcantes em suas trajetórias, para a forma como suas perspectivas frente à prática profissional se constroem. As pequenas narrativas dos intérpretes também os permite justificar determinados pontos em suas jornadas e, ainda, a construção de novos entendimentos como, por exemplo, o papel da fonoaudiologia bilíngue para surdos. Nesse sentido, este estudo também pretende, entre

outros objetivos, apontar para a relevância das pequenas narrativas na constituição das falas dos intérpretes.

7.3 Sugestões para a ampliação dos entendimentos iniciais

Diante do exposto, sugere-se que as ações que desencadearam na geração de dessa pesquisa, não sejam o encerramento das considerações do estudo, mas sim, que novas buscas e práticas possam dar continuidade ao entendimento da necessidade de se valorizar as participações surdas na sociedade, através do aprimoramento da voz do intérprete de libras e português.

Nesse sentido, espera-se que mais fonoaudiólogos bilíngues, atuantes no contexto da Surdez, possam, mediante seus conhecimentos formativos, linguísticos e práxis, criar novas inteligibilidades e práticas direcionadas ao suporte no processo de aperfeiçoamento da interpretação em direção direta.

De igual maneira, considera-se também a ampliação e possível reestruturação dos cursos direcionados à formação de intérpretes de Libras e Português, proporcionando uma reflexão acerca do protagonismo surdo.

Assim, enfatiza-se o caráter inicial desta pesquisa, para que possa ter continuidade tanto nas ações da própria pesquisadora, buscando dar seguimento às ações e reflexões aqui colocadas, como também de outros profissionais, que possam despertar seu olhar para essa demanda.

8 Referências

AARÃO, P. C. de L.; PEREIRA, F. C. B.; SEIXAS, K. L.; SILVA, H. G.; CAMPOS, F. R.; TAVARES, A. P. N.; GAMA, A. C. C.; LEMOS, S. M. A. Histórico da Fonoaudiologia: relato de alguns estados brasileiros. **Revista Médica de Minas Gerais**, v. 21, n. 2, p. 238-244, 2011.

ALBRES, N. A. **A educação de alunos surdos no Brasil do final da década de 1970 a 2005**: análise dos documentos referenciadores. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/795/1/Neiva%20de%20Aquino%20Albres.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2024.

ALBRES, N. A. Mesclagem de voz e tipos de discursos no processo de interpretação da língua de sinais para o português oral. **Cadernos de Tradução**, [S.l.], v. 2, n. 26, p. 291–306, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v2n26p291>. Acesso em: 15 jun. 2024.

ALBRES, N. A. Multimodalidade e a tradução intersemiótica de livros didáticos. **Fórum**, v. 31, p. 102-121, 2016. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-forum/article/view/1574/1565>. Acesso em: 15 jun. 2024.

ALBRES, N. A.; SANTOS, W. M. Luz, palco e a caracterização de Tradutores-Intérpretes de Libras-Português em uma peça teatral. **Fragmentum (UFSM)**, Santa Maria, v. 55, p. 119-277, jan./jun., 2020.

ANDRADE, D. N. P. Uma análise interacional multimodal de expressões faciais em sequências de comunicação diagnóstica. **Calidoscópio**, v. 19, n. 2, p. 193-208, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/cld.2021.192.03>.

ANDRADE, A. E. N. M.; APPA, R. C. Fonologia: prosódia e ortoépia – estudo com base nas transcrições de conversações em telemarketing entre pessoas jurídicas (BankBoston). **Revista Letra Magna**, v. 2, n. 2, 2005. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/14679448/fonologia-prosodia-e-ortoepia-um-estudo-com-base-nas-transcricoes>. Acesso em: 15 jun. 2024.

BAMBERG, M. Stories: Big or small – Why do we care?. **Narrative Inquiry**, v. 16, n. 1, p. 139-147, 2006.

BAMBERG, M. Human. **Talk, Small Stories, and Adolescent Identities**. Clark University, Worcester, Mass., USA, 2004.

BAMBERG, M. Talk, small stories, and adolescent identities. **Human Development**, v. 47, p. 331-353, 2004.

BARBOSA, F. V.; MAGALHÃES, C. Fonoaudiologia em língua de sinais: distúrbios de linguagem expressos na Libras e a saúde do Surdo. In: AZONI, C. A. S.; LIRA, J. O. de; LAMÔNICA, D. A. C.; BRITTO, D. B. de O. (Orgs.). **Tratado de Linguagem: Perspectivas Contemporâneas**. Ribeirão Preto: BookToy, 2023. v. 1, p. 403-413.

BARBOSA, F. V.; MARQUES, J. G. T.; SAMPAIO, L. A. N. P. C. Reflexões sobre a atuação do intérprete de língua de sinais na mediação da avaliação clínica em serviço de saúde mental. **Belas Infiéis**, v. 8, n. 1, p. 229-250, 2019. DOI: 10.26512/belasinfiéis.v8.n1.2019.12985.

BARROS, M. E. **Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

BASTOS, L. C. Contando histórias em contextos espontâneos e institucionais: uma introdução ao estudo da narrativa. **Calidoscópio**, São Leopoldo, v. 3, n. 2, p. 74-87, 2005.

BESSA, Tamires. **Direcionalidade em tradução: uma análise processual em tarefas de tradução no par linguístico Libras-português**. 2022. 144 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2022.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a oficialização da Língua Brasileira de Sinais – Libras. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 15 jun. 2024.

BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 20 dez. 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm. Acesso em: 14 abr. 2024.

BRASIL. Lei nº 6.965, de 09 de dezembro de 1981. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Fonoaudiólogo, e determina outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 10 dez. 1981. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6965.htm. Acesso em: 14 abr. 2024.

BRAZIL, D. C. Listening to people reading. In: COULTHARD, R. M. (Ed.). **Advances in Discourse Analysis**. New Fetter Lane, London: Routledge, 1992. p. 209-241.

CABRAL, R. C. B. **Produção científica brasileira sobre interpretação simultânea na direção Libras-português oral: um estudo cienciométrico de artigos acadêmicos**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/249050/TCC_RitaCabal.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 15 jun. 2024.

CARNEIRO, T. D. Intérpretes de línguas orais e intérpretes de Libras: semelhanças e diferenças. **Tradução em Revista**, v. 23, 2017. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/32233/32233.PDF>. Acesso em: 14 abr. 2024.

CARNEIRO, T. D. Interpretação em Línguas de Sinais nos Estudos da Interpretação. In: PAGANINE, Caroline; ALVAREZ, Beethoven (Orgs.). **Tradução e criação: entre campos**. Campinas: Pontes Editores, 2021.

CAVALCANTI, W. M.; PINTO, P. V. N. A. Dados de pesquisas sobre os desafios da atuação fonoaudiológica e a política bilíngue para surdos. **SOCIEDADE 5.0: EDUCAÇÃO, CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMOR**, Recife, II COINTER PDVS, p. 1-17, 2 dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.31692/IICOINTERPDVS.0075>. Acesso em: 14 jun. 2024.

CHAIBUE, K.; AGUIAR, T. C. Dificuldades na Interpretação de Libras para Português. **Centro Virtual de Cultura Surda. Revista Virtual de Cultura Surda**, n. 17, p. 1-21, fev. 2016.

COSTA, R. C. R. Abordagem Fonoaudiológica Bilíngue numa Escola de Surdos: relato de experiência. **Reflexões sobre a Prática. Espaço**, Rio de Janeiro, n. 41, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1322/1339>. Acesso em: 15 jun. 2024.

CONSELHO Regional de Fonoaudiologia 2ª Região. **Políticas Públicas e Atuação do Fonoaudiólogo**. Fonoaudiologia na Educação. São Paulo, mar. 2010.

COULTHARD, R. M. The significance of intonation in discourse. In: COULTHARD, R. M. (Ed.). **Advances in Discourse Analysis**. New Fetter Lane, London: Routledge, 1992. p. 183-196.

CRUZ, F. M. da. Interação Corporificada: multimodalidade, corpo e cognição explorados na análise de conversas envolvendo sujeitos com Alzheimer. **Alfa: Revista Linguística**, v. 61, n. 1, p. 55-80, São José do Rio Preto, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1704-3>. Acesso em: 14 jun. 2024.

DE FINA, A.; PERRINO, S. Introduction: Interviews vs. 'natural' contexts: A false dilemma. **Language in Society**, v. 40, n. 1, p. 1-11, 2011.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, W. P. da S.; REICHERT, A. **Interpretação da Libras para o português oral: línguas, sujeitos e discursos**. Trabalho de Conclusão de Curso em Letras/Libras. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

DREW, P.; HERITAGE, J. **Talk at Work**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

ERICKSON, F. Ethnographic Microanalysis. In: MCKAY, S. L.; HORNBERGER, N. H. (Eds.). **Sociolinguistics and Language Teaching**, p. 283-306. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

ERICKSON, F.; SCHULTZ, J. “O quando” de um contexto: questões e métodos na análise da competência social. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002. Cap. 8, p. 215-248.

FERREIRA, C. M. P. **Surdez, família e mediação profissional: grupo focal na construção de conhecimentos e agentividade**. Orientadora: Maria das Graças Dias Pereira. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2013. 293 f.

FERREIRA, J. B. N.; ARAÚJO, D. L.; PORTO, S. B. N. Retextualização x Tradução no ENEM em Libras. **Revista Foco**, Curitiba (PR), v. 17, n. 3, e4666, p. 1-20, 2024.

FREIRE, M. de J. F.; LUCHI, M. (Prof. Dr.). **O tradutor intérprete da língua brasileira de sinais do município de Maracanaú e sua vivência na prática interpretativa sinal/voz**. 2020. UFSC.

FERREIRA-SANTOS, Ricardo. **A autoria na interpretação de libras para o português: aspectos prosódicos e construção de sentidos na perspectiva verbo-visual**. São Paulo: [s.n.], 2018. 212 p. Orientador: Elisabeth Brait. Dissertação (Mestrado em Ling. Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem.

GARCEZ, P. M. Microethnography. In: HORNBERGER, N. H.; CORSON, D. (Org.). **Research methods in language and education**. Dordrecht/Londres/Boston, v. 8, p. 187-196, 1997.

GARCEZ, P. M. A organização da fala-em-interação na sala de aula: controle social, reprodução de conhecimento, construção conjunta de conhecimento. **Calidoscópio**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 66–80, 2021. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/5988>. Acesso em: 15 jun. 2024.

GARCEZ, P. M.; BULA, G. S.; LODER, L. L. Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos. **D.E.L.T.A.**, v. 30, n. 2, p. 257-288, 2014.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 64-89.

GASPARETTO, M. E. R. F.; GONÇALVES, R. S.; LIMA, M. C. M. P.; SILVA, A. B. P. Percepção de alunos de graduação em fonoaudiologia sobre o atendimento fonoaudiológico na área da surdez. **Rev. CEFAC**, v. 21, n. 1, e12718, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/Lvg6NXWFbPsD8PYQPmCXdr/?lang=en>. Acesso em: 15 jun. 2024.

GEORGAKOPOULOU, A. Small stories research. In: DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. (Orgs.). **The handbook of narrative analysis**. London: Wiley Blackwell, 2015. p. 256-271.

GEORGAKOPOULOU, A. The other side of the story: towards a narrative analysis of narratives-in-interaction. **Discourse Studies**, v. 8, n. 2, p. 235-257, 2006.

GILE, D. **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GIRAUD, Felipe. **Versão Voz: desafios, técnicas e estratégias para uma interpretação criativa e de excelência**. Rio de Janeiro: Editora CRV, 2024.

GOFFMAN, E. **Frame analysis**. New York: Harper and Row, 1974.

GOMES, E. A. Vídeo-aula em Libras: contribuições da multimodalidade para a construção do discurso verbo-visual. **Revista Linguagem**, São Carlos, v. 31, n. 1, p. 153-167, jul./dez. 2019.

GOODWIN, C. Multimodalidade na interação humana. **Calidoscópio**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 85–98, 2010. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/468>. Acesso em: 15 jun. 2024.

GOMES, Eduardo Andrade. O percurso da interpretação e da tradução intermodal (Libras-português) em uma universidade federal mineira. **TradTerm**, São Paulo, v. 45, p. 212-230, Número Especial - Libras, Lexicografia e Cultura. Disponível em: <www.revistas.usp.br/tradterm>.

GUALBERTO, C. L.; SANTOS, Z. B. Multimodalidade no contexto brasileiro: um estado de arte. **D.E.L.T.A.**, v. 35, n. 2, p. 1-30, 2019.

HART, J.; COLLIER, R.; COHEN, A. **A Perceptual Study of Intonation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

HERITAGE, J.; ATKINSON, M. Introduction. In: _____. **Structures of Social Action**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

HEWINGS, M. Intonation and feedback in the EFL classroom. In: COULTHARD, R. M. (Ed.). **Advances in Discourse Analysis**. New Fetter Lane, London: Routledge, 1992. p. 183-196.

HOLMES, J. S. The Name and Nature of Translation Studies. In: VENUTI, L. (Ed.). **The Translation Studies Reader**. Londres: Routledge, 2000.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Editora Cultrix; Universidade de São Paulo, 1959.

JEFFERSON, G. Sequential aspects of storytelling in conversation. In: SCHENKEIN, J. (Ed.). **Studies in the Organisation of Conversational Interaction**. New York: Academic Press, 1978.

JEWITT, C. (Ed.). **The Routledge Handbook of Multimodal Analysis**. London; New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2011.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal Discourse: the modes and media of contemporary communication**. London: Arnold Publishers, 2001.

KRESS, G. **Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication**. London: Routledge, 2010.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative Analysis: Oral Versions of Personal Experience. In: HELM, J. (Ed.). **Essays on the Visual and Verbal Arts**. Seattle: University of Washington Press, 1967.

LAGUNA, M. C. V. **Moralidade, idoneidade e convivência: discursos sobre as práticas dos repetidores de classe do INES no período de 1855 a 1910 que incidem na atuação profissional dos tradutores-intérpretes de línguas de sinais da atualidade.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

LEAL, J. G. G. **Interpretação intermodal da Libras para a Língua Portuguesa na modalidade oral: entraves e avanços.** Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Letras LIBRAS) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

LEITE, T. A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos.** Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LEMERT, C.; BRANAMAN, A. (Eds). **The Goffman reader.** Oxford: Blackwell, 1997.

LEMOS, G. S. **A Multimodalidade na Tradução e na Interpretação das Línguas de Sinais: teoria, prática e ensino.** Trabalho de Conclusão de Curso da Disciplina (Stricto Sensu) “Tópicos em Linguagem, sentido e tradução - Estudos da Adaptação: Intersemiotividade, Multimodalidade e Intermidialidade” - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

LEMOS, G. S.; CARNEIRO, T. D. A multimodalidade na tradução e na interpretação das línguas de sinais: revisão bibliográfica de teorias e práticas tradutórias e interpretativas. In: REZENDE, P.; LEMOS, G. de S. (Org.). **Práticas e investigações nos estudos da tradução: tecnologias, multimodalidade, discurso e semântica.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 171. ISBN 978-65-265-0074-3 [Digital].

LEMOS, Glauber. Registros históricos de Tradução e Interpretação de/para língua de sinais no Instituto Nacional de Educação de Surdos nos séculos XIX, XX e XXI. In: LEMOS, Glauber (Org). **O Instituto Nacional de Educação de Surdos e os estudos da tradução e interpretação de línguas de sinais: atravessamentos históricos, educacionais e legislativos.** Rio de Janeiro: INES, 2022.

LIMA, M. F. **Políticas linguísticas e tradutores e intérpretes do par libras/português brasileiro: implicações na formação profissional em decorrência da legislação brasileira.** Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/206066>. Acesso em: 15 jun. 2024.

LIMA, Suzany Marques Haddad. **Interpretação simultânea de libras para português: efeitos de modalidade.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Libras) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

LIMA, C.V. **A multimodalidade na conversa face a face em episódios de desacordo.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. 377 f.

LODER, L. L. O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debates. In: **Fala-em-interação social: introdução à Análise da Conversa Etnometodológica.** Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 127-160.

LOURENÇO, G. A. **A interpretação simultânea libras-português: diferenças morfossintáticas entre as línguas e seus efeitos em uma tarefa de interpretação-voz.** Tradução em Revista (online), v. 2018, p. 1-22, 2018.

MADUREIRA, S. A materialidade fônica, os efeitos de sentido e os papéis do falante. **DELTA**, v. 12, n. 1, p. 87-93, 1996.

MCBURNEY, S. L. Pronominal reference in signed and spoken language: Are grammatical categories modality-dependent?. In: MEIER, R. P.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. (Orgs.). **Modality and structure in signed and spoken languages.** Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec, 2007.

MONDADA, L. Múltiplas Temporalidades da Linguagem e do Corpo na Interação: Desafios para Transcrição da Multimodalidade. **Pesquisa em Linguagem e Interação Social**, v. 51, n. 1, p. 85-106, 2018. DOI: 10.1080/08351813.2018.1413878.

MONDADA, L. Social Interaction. **Video-Based Studies of Human Sociality**, v. 2, n. 1, 2019. DOI: 10.7146/si.v2i1.110964.

MOURA, M. C.; BEGROW, D. V.; CHAVES, A. D.; AZONE, C. A. S. Fonoaudiologia, Língua de Sinais e Bilinguismo para Surdos. **CoDAS**, v. 33, n. 1, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20202020248>. Acesso em: 15 jun. 2024.

MOURA, M. C.; NASCIMENTO, V. Habilitação, reabilitação e inclusão: o que os sujeitos surdos pensam do trabalho fonoaudiológico? **Revista de Ciências Humanas**, v. 52, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2018.e49807/40082>. Acesso em: 15 jun. 2024.

MOURA, Vanessa de Almeida. **Os desafios da interpretação simultânea da língua brasileira de sinais para o português brasileiro na educação superior: o que diz a literatura científica?** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura. Salvador-BA, 2024. 265 f. Orientadora: Prof.^a Dra. Denise Chaves de Menezes Scheyerl; Coorientador: Prof. Dr. Marcus Vinícius Batista Nascimento – UFSCar.

NASCIMENTO, M. V. B. **Interpretação da Libras para o português na modalidade oral: Considerações Dialógicas. Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores**, v. 24, p. 79-94, 2012.

NASCIMENTO, M. V. B. **Formação de intérpretes de Libras e Língua Portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes.** Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/19562>. Acesso em: 15 jun. 2024.

NICODEMUS, B.; EMMOREY, K. Direction asymmetries in spoken and signed language interpreting. **Bilingualism: Language and Cognition**, v. 16, n. 3, p. 624-636, 2013.

O'CONNOR, J. D.; ARNOLD, G. F. **Intonation of Colloquial English**. 2. ed. London: Longman, 1973.

OSTERMANN, A. C.; SOUZA, J. Contribuições da Análise da Conversa para os estudos sobre o cuidado em saúde: reflexões a partir das atribuições feitas por pacientes. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 25, n. 7, FIOCRUZ, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2009000700010>. Acesso em: 14 jun. 2024.

PADDEN, C. A. Simultaneous Interpreting across modalities. **Interpreting**, v. 5, n. 2, p. 169-185, 2000/01.

PASSUELLO, C.; OSTERMANN, A. C. Aplicação da análise da conversa etnometodológica em entrevista de seleção: considerações sobre o gerenciamento de impressões. **Estudos de Psicologia**, v. 12, n. 3, p. 243-251, 2007.

PAVAN, Grasielle. **Mapeamento de estratégias utilizadas nas interpretações de Libras para Língua Portuguesa: as diferentes escolhas interpretativas de uma narrativa surda**. Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Letras Libras, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

PAVLOVIĆ, T. Exploring Directionality in translation studies. **ExELL – Explorations in English Language and Linguistics**, v. 1, n. 2, p. 149-165, 2013.

PENTEADO, R. Z.; MENEZHINI, M. Voz e saúde vocal do tradutor e intérprete oral: estudo de revisão. **Saúde em Revista**, v. 17, n. 45, 2017.

PEREIRA, M. C. P.; SANDER, R. E. Entrevista com Ricardo Ernani Sander: história viva dos tradutores e intérpretes de Libras. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 8, e75030, 2023.

PEROBELLI, R.; NOGUEIRA, M. O.; COUTO, C. S. L. Perspectiva dramatúrgica, gerenciamento de impressões e categorização de pertencimento: uma interseção entre Goffman e Sacks. **Veredas. Revista de Estudos Linguísticos**, v. 25, n. 1, 2021.

PEROBELLI, R.; LEMOS, L. S. A inspiração etnográfica e o papel da multimodalidade na análise de uma sequência de fala-em-interação institucional. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 16, n. 35, p. 234-252, 2022. e-ISSN 1982-291X | ISSN 2317-3475. Disponível em: periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos.

PERSE, Elissandra Lourenço. **Memória e sentidos na institucionalização e disciplinarização da língua de sinais em cursos de Letras-Libras**. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

POLITO, Reinaldo. **Faça de sua voz uma aliada poderosa**. Disponível em: <http://www.reinaldopolito.com.br/artigos/vencer/vencer.asp?txt=54>. Acesso em: 14 jun. 2024.

PÖCHHACKER, F.; SHLESINGER, M. **The Interpreting Studies Reader**. Londres: Routledge, 2002.

PÖCHHACKER, F. **Introducing interpreting studies**. London: Routledge, 2004.

PÖCHHACKER, F. Issues in Interpreting Studies. In: MUNDAY, J. **The Routledge Companion to Translation Studies**. London: Routledge, 2009. p. 128-140.

QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC, 2004. Disponível em: <http://bds.unb.br/handle/123456789/959>. Acesso em: 15 jun. 2024.

QUADROS, R. M. **O 'BI' em bilinguismo na educação de surdos**. In: FERNANDES, Eulalia (org.). **Surdez e Bilinguismo**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

QUEIROGA, B. A. de; ZORZI, J. L.; GARCIA, V. **Fonoaudiologia Educacional: reflexões e relatos de experiências**. Brasília: Kiron, 2015.

RODRIGUES, C. H. **A interpretação para a língua de sinais brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MGSS-9CXQ8L/1/rodrigues_2013_tese_poslin.pdf. Acesso em: 15 jun. 2024.

RODRIGUES, C. H. **Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal**. Trabalhos em Linguística Aplicada, v. 57, n. 1, p. 287-318, 2018.

RODRIGUES, C. H.; CHRISTMANN, F. **As pesquisas brasileiras sobre tradução e interpretação de Línguas de Sinais: os ETILS na pós-graduação em Estudos da Tradução**. Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 43, p. 01-44, e94239, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2023.e94239>.

SANTOS, S. A. **Contextualização dos Estudos da Interpretação no Brasil**. In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R.; LEITE, T. A. (Org.). Estudos da Língua Brasileira de Sinais I. v. 1, p. 119-152. Florianópolis: Insular, 2013.

SANTOS, T. T. P.; MARTINS, V. R. de O. **#Casalibras: aspectos técnicos de tradução de Libras para língua portuguesa na modalidade oral para crianças ouvintes**. 2022.

SARANGI, S.; ROBERTS, C. **The dynamics of interactional and institutional orders in work-related settings**. In: _____. Talk, work and institutional order: Discourse in medical, mediation and management settings. New York: Mouton de Gruyter, 1999.

SCARPA, E. M. (org). **Estudos de prosódia**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

SILVA, M. A. C. M. B. **A importância da prosódia na análise da interação**. Intercâmbio, v. VIII, p. 249-258, 1999.

SILVA, V. T. C. **Direcionalidade na pesquisa empírico-experimental em interpretação intermodal entre libras e português**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://tede.ufsc.br/teses/PGET0502-D.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SILVA, Rodrigo Custódio da. Gêneros emergentes em Libras videossinalizada da esfera acadêmica na perspectiva bakhtiniana. In: NASCIMENTO, Vinicius (org.). **Perspectiva dialógica nos estudos da tradução e interpretação da língua de sinais**. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2023. p. 85-106.

SINCLAIR, J.; COULTHARD, R. M. **Towards an Analysis of Discourse: the English Used by Teachers and Pupils**. London: Oxford University Press, 1975.

SOARES, S. C. **A multimodalidade da linguagem em cenas de atenção conjunta: estudo de caso de uma díade surda**. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) - Universidade Federal da Bahia, 2024. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elizabeth Reis Teixeira. Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Nanci Araújo Bento.

SOUSA, A. N.; QUADROS, R. M. **Uma análise do fenômeno “alternância de línguas” na fala de bilíngues intermodais (Libras e Português)**. *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em: <https://www.revel.inf.br/files/96e586e8726d0f24ba05383ee39de99d.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SOUSA, V. R. C. **Reflexões de tradução e interpretação em libras numa perspectiva da translanguagem**. In: ARAÚJO, Danielle Reis; NASCIMENTO, João Paulo da Silva (Orgs.). *Surdez & práticas de linguagem: reflexões e debates*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. p. 49-62.

SOUZA, A. B. **Conflitos na construção de conhecimentos por um aluno surdo do ensino fundamental I em interação nas aulas de Inglês de uma escola municipal inclusiva do Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2019.

SOUZA, A. B.; SOUSA, A. N.; PEREIRA, M. G. D. **A mediação de um intérprete educacional de Libras na inclusão de um aluno surdo do primeiro ano do ensino fundamental em aulas de inglês de uma escola municipal do Rio de Janeiro**. *SIGNOTICA (UFG)*, v. 32, 2021.

SOUZA, I. A. L. **A multimodalidade na interação em aulas via Google Meet: um estudo sobre a diversidade sinalizada em contexto de ensino remoto**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2022.

SUTTON, V. **SignWriting: as línguas gestuais são línguas escritas! Manual 1: Noções básicas sobre SignWriting por Valerie Sutton.** Centro Sutton Movement Writing, 2009. Disponível em: https://www.signwriting.org/archive/docs12/sw1177_SignWriting_Basics_Instruction_Manual_Sutton_PORTUGUESE.pdf. Acesso em: 15 jun. 2024.

TRENCH, Maria Cecília Bonini. **Manifesto Método Fônico para Surdos.** São Paulo: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2019. Disponível em: <https://www.sbfa.org.br/portal2017/pdf/manifesto-metodofonico-para-surdos.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2024.

VIANA, L. M. G. **Gatilhos de problema e seus efeitos na interpretação simultânea de Libras para português: um estudo sobre informações numéricas e datilológicas.** Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2022.

VIANNA, B. C. B. **Atendimento Fonoaudiológico Bilíngue a Surdos no Brasil.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Fonoaudiologia) - Universidade Federal da Bahia, 2018.

WEILER, C. B.; NOGUEIRA, Tiago Coimbra. **Interpretação simultânea da língua brasileira de sinais para a língua portuguesa: análise de estratégias utilizadas em uma conferência.** 2019. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

WEININGER, Markus J. **Análise e aplicação de aspectos sociolinguísticos e prosódicos na interpretação Libras-PB.** In: QUADROS, R. M.; WEININGER, M. J. (Orgs.). Estudos da língua brasileira de sinais III. p. 71-98. Florianópolis: PGET/UFSC, 2014.

Anexo I - Convenções de transcrição

[colchetes]	fala sobreposta.
(0.5)	pausa em décimos de segundo.
(.)	micropausa de menos de dois décimos de segundo
=	contigüidade entre a fala de um mesmo falante ou de dois falantes distintos.
.	descida de entonação.
?	subida de entonação.
,	entonação contínua.
? ,	subida de entonação mais forte que a vírgula e menos forte que o ponto de interrogação.
:	alongamento de som.
-	auto-interrupção.
<u>sublinhado</u>	acento ou ênfase de volume.
MAIÚSCULA	ênfase acentuada.
º	fala mais baixa imediatamente após o sinal.
ºpalavrasº	trecho falado mais baixo.
palavra:	descida entoacional inflexionada.
palavra;	subida entoacional inflexionada.
↑	subida acentuada na entonação, mais forte que os dois pontos sublinhados.
↓	descida acentuada na entonação, mais forte que os dois pontos precedidos de sublinhado.
>palavras<	fala comprimida ou acelerada.
<palavras>	desaceleração da fala.
<palavras	início acelerado.
hhh	aspirações audíveis.
(h)	aspirações durante a fala.
.hhh	inspiração audível.
(())	comentários do analista.
(palavras)	transcrição duvidosa.
()	transcrição impossível.
th	estalar de língua.

Os símbolos são basicamente os mesmos usados em Sacks, Schegloff & Jefferson (1974). Recomendamos ainda Ochs, Schegloff & Thompson (1996) para explicação mais detalhada sobre os mesmos.

Anexo II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do projeto: Experiências de intérpretes de libras e português na interpretação em direção direta na perspectiva da Fonoaudiologia Bilíngue

Pesquisador responsável: Maria Paula Guimarães de Barros

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio

Telefone celular do pesquisador para contato: (21) 96718-8429

E-mail: mariapaulagbarros@gmail.com

Orientadora: Maria das Graças Dias Pereira

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio

Telefone celular para contato: (21) 99769-0377

E-mail: mgdpereira@terra.com.br

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “Experiências de intérpretes de libras e português na interpretação em direção direta na perspectiva da Fonoaudiologia Bilíngue”. Neste documento, esclareço sobre os objetivos da pesquisa. A sua participação é voluntária. Você não é obrigado a participar. Caso você aceite participar do estudo, assine ao final deste documento.

A pesquisa será desenvolvida por mim, pesquisadora. Meu nome é Maria Paula Guimarães de Barros, doutoranda da PUC-Rio e ex-aluna da graduação de Fonoaudiologia da UFRJ. Meu telefone é (21) 96718-8429. Meu e-mail é mariapaulagbarros@gmail.com. A orientadora da pesquisa é a professora Dra. Maria das Graças Dias Pereira (PUC-Rio).

Esta pesquisa será submetida à Câmara de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (CEPq-PUC-Rio), respeitando os princípios e valores das Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que garantem o sigilo, a confidencialidade e a privacidade dos dados gerados nas pesquisas. Por esse motivo, seu nome e quaisquer outros dados, incluindo os de outras pessoas, não serão mencionados, sendo utilizados nomes fictícios para garantir o anonimato.

Esta pesquisa tem como objetivos compreender como a Fonoaudiologia Bilíngue pode mediar práticas do intérprete de libras como profissional da voz; discutir a relação entre a Fonoaudiologia Bilíngue e as questões de multimodalidade na interpretação e buscar entender como a Fonoaudiologia Bilíngue pode contribuir para a saúde do intérprete de Libras.

Serão realizadas gravação em áudio das reuniões de Grupo Focal online, via Meet, das quais você participará com mais cinco colegas ex-cursistas do Curso de Extensão “Aprimoramento da Direção Direta para G-TILS: Técnicas Vocais” e o vice-coordenador do curso. Após os encontros do Grupo Focal, eu farei a transcrição dessas interações. As gravações em áudio realizadas não serão exibidas publicamente. Serão utilizadas apenas para a análise da pesquisadora.

As transcrições das gravações serão utilizadas apenas para a realização de estudos acadêmicos, como a tese de doutorado, monografias acadêmicas, artigos a serem produzidos e publicados, apresentações em eventos acadêmicos.

Os dados da pesquisa serão mantidos em meu computador sob minha guarda e responsabilidade por um período de 5 anos após o término da pesquisa. Não serão armazenados

externamente nem disponibilizados em nuvem. Você pode solicitar as transcrições das gravações quando julgar necessário. Elas serão disponibilizadas a você por e-mail, caso solicite.

Você também poderá fazer contato com a Câmara de Ética para dirimir dúvidas, caso for necessário.

Os benefícios da pesquisa são proporcionar reflexões a respeito das práticas fonoaudiológicas das práticas fonoaudiológicas junto à tradução e interpretação da libras para o português oral, permitindo, assim, uma ampliação do olhar fonoaudiológico para com os profissionais intérpretes e uma aproximação maior entre as duas classes profissionais.

Os nomes dos participantes da pesquisa e possíveis nomes de pessoas e instituições citadas serão protegidos e substituídos por nomes fictícios, para a preservação das identidades dos sujeitos da pesquisa a fim de evitar possíveis constrangimentos.

Também não haverá nenhum tipo de compensação financeira relacionada à participação na pesquisa. Caso haja qualquer despesa adicional, ela será de responsabilidade da pesquisadora, que disponibilizará também seu número de telefone celular para contato, caso os participantes sintam a necessidade de um maior esclarecimento sobre quaisquer dos pontos da pesquisa.

Após a finalização do estudo, a pesquisadora entregará aos participantes e responsáveis dos participantes um relatório sobre os principais resultados do estudo. Estas informações poderão auxiliar no planejamento, execução, acompanhamento e avaliação de traduções e interpretações orais feitas pelos participantes. Ademais, a pesquisadora ficará à disposição para o esclarecimento de eventuais dúvidas.

Caso haja qualquer despesa adicional, ela será de responsabilidade da pesquisadora. Havendo qualquer dúvida, você poderá entrar em contato com a pesquisadora Maria Paula, através do número (21) 96718-8429 ou do e-mail mariapaulagbarros@gmail.com.

Este termo será redigido em duas vias, ficando uma cópia com você e outra com a pesquisadora. Após a finalização do estudo, a pesquisadora entregará aos participantes e responsáveis dos participantes um relatório sobre os principais resultados do estudo. Além disto, também será entregue um relatório ao Coordenador do Curso, Alex Sandro Lins. Estas informações poderão auxiliar no planejamento, execução, acompanhamento e avaliação de outras edições do curso.

Solicitamos que você nos autorize a usar as informações fornecidas apenas para fins acadêmicos e científicos. A qualquer momento você poderá solicitar esclarecimentos e ter acesso aos dados da pesquisa. Este documento deve ser entregue a mim, por e-mail, já com a sua assinatura. Pedimos que você assine, manualmente, com nome completo, este documento e informe a sua autorização da gravação das reuniões.

Também é necessário que você rubrique todas as páginas deste documento. Todas as partes envolvidas também o farão.

Declaração de Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar como sujeito da pesquisa acima descrita. Fui informado pela pesquisadora sobre a pesquisa, seus riscos e benefícios. Fui informado de que poderei retirar meu consentimento quanto à minha participação a qualquer momento, sem que haja qualquer tipo de prejuízo para mim.

() Autorizo a gravação das reuniões () Não autorizo a gravação das reuniões

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 2024.

Nome do participante

Assinatura do participante

Nome do pesquisador

Assinatura do pesquisador

Câmara de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Rua Marquês de São Vicente, 225, 2º andar do Edifício Kennedy – Gávea,
Rio de Janeiro, RJ - 22453-900. Tel. (21) 3527-1618. A Câmara é a instância

na Universidade que tem a atribuição de analisar do ponto de vista ético os projetos de pesquisa de seus professores, pesquisadores e discentes, quando solicitada.

Anexo II - Anuência da Universidade Federal do Rio de Janeiro



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Pró-Reitoria de Extensão
Faculdade de Letras - FL
Direção Adjunta de Cultura e Extensão - DACEx
Curso de Extensão: Aprimoramento da Direção Direta para G-TILS -
Técnicas Vocais

Declaração

Declaro, para fins de comprovação junto à Câmara de Ética da PUC-Rio, que estou ciente do projeto de pesquisa proposto e já aprovado na referida câmara, da doutoranda Maria Paula Guimarães de Barros, portadora do CPF 148.313.997-28, aluna da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, intitulado **“A Bi/Multimodalidade na Interpretação Simultânea da Libras para o Português Oral: o papel do profissional fonoaudiólogo bilíngue”**.

Maria Paula Guimarães de Barros faz parte da equipe de Coordenação do Curso de Extensão “Aprimoramento da Direção Direta para G-TILS - Técnicas Vocais”, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na condição de vice-coordenadora e a coordenação geral por Alex Sandro Lins Ramos. O contexto para realização da pesquisa são encontros virtuais via Plataforma Zoom com participantes egressos da 1ª Edição do Curso de Extensão “Aprimoramento da Direção Direta para G-TILS | Técnicas Vocais”, selecionados de acordo com a disponibilidade e interesse em participar da pesquisa. O curso ocorreu de maio a setembro de 2023. As gravações (apenas em áudio) para a presente pesquisa serão feitas de acordo com o cronograma estabelecido para a pesquisa.

Seguindo todos os preceitos éticos, os participantes assinarão o termo de consentimento disposto no projeto, conforme aprovado pela Câmara de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - instituição a qual a pesquisadora está vinculada.

Rio de Janeiro, 12 de março de 2024.

Atenciosamente,

(S)

Av. Horácio Macedo, 2151 – Prédio da Faculdade de Letras – Sala F-304 - Cidade Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - RJ, 21941-917 Telefone: (21) 3938-9733/ <http://www.libras.letas.ufrj.br/>

Anexo III - Parecer Final da Câmara de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



CÂMARA DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-Rio

Parecer da Comissão da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio 105-2023 – Protocolo 121-2023 Proposta: SGOC 496818

A Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio foi constituída como uma Câmara específica do Conselho de Ensino e Pesquisa conforme decisão deste órgão colegiado com atribuição de avaliar projetos de pesquisa do ponto de vista de suas implicações éticas.

Identificação:

Título: "A Bi/Multimodalidade na Interpretação Simultânea da Libras para o Português Oral": o papel do profissional fonoaudiólogo bilíngue" (Departamento de Letras da PUC-Rio)

Autora: Maria Paula Guimarães de Barros (Doutoranda do Departamento de Letras da PUC-Rio)

Orientador: Maria das Graças Dias Pereira (Professora do Departamento de Letras da PUC-Rio)

Apresentação: Pesquisa qualitativa e interpretativista que visa analisar o papel do fonoaudiólogo bilíngue na mediação à prática de interpretação simultânea da Libras para o Português Oral, sob o entendimento do tradutor e intérprete de Libras como profissional da voz. E buscará dar visibilidade às questões de Multimodalidade presentes nesse processo interpretativo, apontando contribuições que a fonoaudiologia bilíngue pode trazer para a saúde do intérprete. Vai abordar ex-alunos formados no curso de extensão "Aprimoramento da Direção Direta para G-TILS- (Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais e Português) - Técnicas Vocais" realizado no período de maio a setembro de 2023. Prevê usar a técnica do Grupo Focal com uso do áudio da Plataforma Zoom abrangendo seis cursistas e o vice-coordenador do curso com uma média de cinco encontros. Os dados gerados serão submetidos a Análise da Conversa Etnometodológica.

Aspectos éticos: O projeto e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentados estão de acordo com os princípios e valores do Marco Referencial, Estatuto e Regimento da Universidade no que se refere às responsabilidades de seu corpo docente e discente. O Termo expõe com clareza os objetivos da pesquisa e os procedimentos a serem seguidos. Garante o sigilo e a confidencialidade dos dados coletados.

Parecer: Aprovado

Profa. Marley M. B. Rebuzzi Vellasco
Presidente do Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC-Rio

Profª Ilda Lopes Rodrigues da Silva
Coordenadora da Comissão da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio

Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 2023

Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos
Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio – CFPq/PUC-Rio
Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea – 22453-900
Rio de Janeiro – RJ – Tel. (021) 3527-1612 / 3527-1618
e-mail: vmc@puc-rio.br

Anexo IV - Transcrição das entrevistas

Interlocutor	Linha	Interlocução
Maria Paula	001 002 003 004 005 006 007 008 009 010 011 012	gente vamos lá. vamos conversar um pouquinho sobre essa questão de fazer voz, de interpretação direta. eu queria saber de vocês::: assim::: quais são as experiências de vocês fazendo voz? vocês têm muita experiência nessa área. como é? sei lá... que vocês compartilhem um pouquinho sobre essa questão. e aí se vocês quiserem falar, podem só ligar o microfone e já falar e a gente vai organizando, gerenciando um falando de cada vez. Pode falar, Tiana.
Tiana	013 014 015 016 017 018 019 020 021 022 023 024 025 026 027 028 029 030 031 032 033 034 035 036 037 038 039 040 041 042 043 044 045 046 047 048 049 050 051 052	então, eu sempre fui pra... sempre trabalhei na área com libras. era muito raro fazer versão voz. eu fazia parte daquele grupo que corria igual ao diabo da cruz, porque não tinha experiência nenhuma, nenhuma, e era teatro, era parte empresarial, era área jurídica, mas não tinha a parte da voz. quando eu fui pra *nome da universidade*, foi quando comecei a fazer versão voz. e... hhh desespero. mas eu tive alguém que me ajudou muito, que foi o aslan. que está aqui, o aslan. era quem eu perturbava, era quem me via chorar. e era desespero total. ele sempre foi a minha âncora. quando eu estava num lugar que eu sabia que o aslan tava junto, era aquela coisa "ufa, graças a deus, eu tenho alguém comigo". e ele sempre me incentivou muito. a ter coragem, né aslan. a seguir, olha... que pessoa incrível. quando veio o curso com a senhora, sobre a versão voz, e que... eu fui vendo técnicas, respiração. isso foi me ajudando muito. e eu vejo hoje isso no trabalho. lá, onde eu tô trabalhando agora tem que fazer voz, libras. ih, mas tem muita voz. é muito atendimento com o surdo. é muita palestra, é muita coisa que o surdo vai pra falar. e hoje eu me sinto mais segura pra fazer. claro, tem um mar de conhecimento ainda pra seguir, não me vejo na voz como eu me vejo na libras. lógico que às vezes bate aquela insegurança, mas eu sempre lembro daquilo que a senhora foi falando na sala de aula sobre a respiração, sobre os treinamentos, sobre como treinar, como treinar em casa. e isso tem me ajudado muito. eu acho que aquele curso foi um marco pra mim.

	053	
Maria Paula	054 055 056 057 058 059 060 061 062 063 064	ah, que bom saber. aslan, me surgiu um gancho aqui((amelie liga o microfone durante a chamada)). aí já te dou a palavra amélie. é que me surgiu um gancho aqui, antes que eu perca aqui esse gancho. É que... o aslan que me chamou pra elaborar esse curso e tudo. E eu fiquei pensando como foram as tuas experiências em voz aslan e como e por quê você teve esse estalo de "vamos fazer um curso voltado pra voz do intérprete".
Aslan	065 066 067 068 069 070 071 072 073 074 075 076 077 078 079 080 081 082 083 084 085 086 087 088 089 090 091 092 093 094 095 096 097 098 099 100 101 102 103 104 105 106 107 108 109	anotei as perguntas pra não esquecer hhhh. é interessante porque::: eu faço a versão voz acho que antes de eu começar a fazer a versão libras, então assim foi uma coisa que aconteceu um pouco hhh naturalmente... naturalmente é muito forte, mas acho que talvez condicionalmente. é... eu comecei a aprender libras em 2015 quando eu entrei pra fazer graduação em pedagogia aqui na uff em niterói. e aí eu comecei a ter contato com um surdo que era meu colega de classe. então eu aprendi libras por causa dele em sala de aula, pra me comunicar com ele. esse foi meu objetivo, eu nunca esperei ser intérprete. isso tem, vai fazer agora dez anos, são nove anos esse ano. e... o tempo inteiro a gente tinha que se comunicar. então fazia parte do meu cotidiano ter que interpretar. e eu era a única pessoa que... mesmo assim, dias... parece loucura, mas dias de aprender libras. dias de aprender libras. em uma ou duas semanas eu já tive que interpretar. porque a experiência que eu tinha era muito limitante, hoje eu sei que era uma coisa muito superficial e medíocre que eu fazia naquele momento. mas assim a minha experiência de interpretar ela sempre existiu, pra libras né, ela sempre existiu desde o meu primeiro contato. então eu não tinha outra opção sem ser fazer. e ninguém sabia. mas uma coisa eu sabia. que todo mundo queria entender de forma clara o que era dito. então eu não me preocupava tudo com o que era dito, mas com o contexto geral. então eu sempre tive que "ah, entendi o que era". "ah, ele disse isso, isso e aquilo outro". mesmo que ele não tivesse dito isso, isso e aquilo outro. mas era o que ele queria dizer naquele momento. então sempre foi condicionado de não ter ninguém que sabia libras e eu ser a única pessoa. e acho que por não ter outras pessoas pra me julgar, acho que eu me sentia bem à vontade de poder

	110 111 112 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125 126	interpretar da melhor maneira possível. então isso desde que eu aprendi libras. só que como tinha a presença do intérprete muito frequente em situações que o surdo era mais passivo - ou seja, em sala de aula na graduação, em geral, sempre tinha o intérprete. e em outros momentos de interação, não. que eram todos os momentos em que todo mundo tá na faculdade, à toa, depois da aula, batendo papo, almoçando. então sempre tive que interpretar, então foi uma experiência que, pra mim, foi desde o início, né, de todo dia ter que interpretar. acho que é isso. acho que eu respondi a primeira pergunta?
--	---	---

Interagente	Linha	Interlocução
Maria Paula	127 128 129	amélie diga aí sobre as suas experiências fazendo voz. conta um pouquinho aí como que começou esse processo.
Amélie	130 131 132 133 134 135 136 137 138 139 140 141 142 143 144 145 146 147 148 149 150 151 152 153 154 155 156 157 158 159	é:::: eu achei legal que a primeira colega::: teresa falou que ela::: antes ela não tinha muita experiência, e depois ela foi começando a ter e tudo e::: obviamente que a gente não se torna né super experiente tão rápido... mas aconteceu da mesma forma comigo... eu não tinha tanta experiência assim. tinha pouca experiência com a versão voz, né... porque realmente acaba sendo mais libras mesmo né. de português para libras né interpretar. e eu ficava com muito medo né porque o curso né de letras libras da ufrj não tem essa parte muito forte porque geralmente não tem muito isso né da versão voz. a gente trabalha muito pra libras né então acabava que eu ficava muito insegura então realmente como o aslan falou por mais que a gente vá procurar por exemplo hhhh::: assim como outros cursos como libras tátil por exemplo que eu tenho interesse que eu acho muito legal mas você vai ver que no rio não tem pelo menos eu nunca consegui encontrar. só são paulo outros locais e é um curso que precisa também né de estar presente porque você precisa né treinar de forma física também (...) então mas assim o curso aqui de técnicas vocais achei muito legal porque a gente ia tendo as experiências né e a gente ia aprendendo

	160 161 162 163 164 165 166 167 168 169 170 171 172 173 174 175 176 177 178 179 180 181 182 183 184 185 186 187 188 189 190 191 192 193 194 195 196 197 198 199 200 201 202 203 204	muito ia fazendo as atividades (...) então como teve esse contato esse aprendizado que pra mim, pelo menos, teve um aprendizado mais inicial ::: porque eu nunca tinha tido esse aprendizado antes pra voz então pra mim foi assim muito. não foi assim algo inicial. foi muito (...) foi algo que realmente impactou muito. é como se tivesse desbloqueado ali uma trava, porque se você não tem nenhum contato com relação a esse tipo de aprendizado você não... como você vai conseguir se sentir embasado para fazer qualquer tipo de interpretação para versão voz que seja? você vai ficar perdido. então como eu trabalho no contexto educacional. eu preciso muito fazer versão voz. por mais que... o meu aluno. o aluno que eu acompanho ele não seja extremamente dominante na libras, ele sabe sim libras em determinado nível e muitas vezes ele faz sim as produções dele, tudo. em libras e tudo... e aí eu vou levando essa interpretação pros professores, pros colegas. e aí eu fui percebendo que realmente hhh desbloqueei. e também essa questão do medo foi desbloqueando e até hoje em dia eu ainda continuo com a vontade de continuar (...)mas é isso.. eu acho que hoje em dia eu consigo realmente fazer a versão voz de uma forma que eu nunca esperei. não que eu seja realmente extremamente capacitada, mas antes acho que eu não conseguia nem o básico, o básico do básico. e hoje em dia eu já consigo até usar mais estratégias mesmo, tentar usar até (...) tanto expandir a questão do vocabulário, então eu to sempre lembrando dos aprendizados e sempre tentando aprimorar. só que eu fui aprendendo e tentando continuar aprimorando, só que assim... autoaprimorando mesmo. então é isso.
--	---	---

Maria Paula	205 206 207 208	violeta, aurora, quero saber das experiências de vocês fazendo voz, como são. tem muita experiência fazendo voz? como é que são essas experiências?
Violeta	209 210 211 212 213 214 215	então, eu acho que... a minha trajetória acaba sendo muito parecida com a das colegas, né, de estar sempre fazendo mais português para libras do que ao contrário, em todos os espaços. e sempre muito insegura, com medo, né, fugia. que nem as meninas falaram. fugia mesmo. de não quero

216	fazer, deus me livre, não me dá esse
217	microfone, que eu não quero fazer. dá dor
218	de barriga e tudo na hora. e a gente foge.
219	enfim, não fazer. enfim. mas assim como a
220	tiana, eu tive o aslan na minha vida. que
221	foi a pessoa que também me incentivou, e
222	deu força. eu lá *imitação de choro* e ele
223	"tá maravilhosa. isso mesmo. caramba, que
224	lindo, amei". porque, parece po...uco, mas
225	essas palavras de incentivo fazem toda a
226	diferença na vi...da *gestos com o braço
227	indicando um longo tempo*, não é só
228	naquele momento ali daquela interpretação.
229	é um momento em que a gente tá muito
230	inseguro, com muito medo de ser julgado,
231	como ele também até falou, né, que foi um
232	início que como não tinha ninguém pra
233	julgar, isso ajudou muito ele a
234	deslanchar. então eu já estava em um
235	ambiente em que eu tinha um julgamento.
236	então ter o aslan ao lado nas minhas
237	primeiras versões voz. foi até na *nome da
238	universidade*, voluntariamente, ele "vem
239	me ajudar no dia tal". eu "tá eu vou". e
240	era voz. eu nem sabia que era voz. fui.
241	pensei "aslan vai estar lá, vai me
242	ajudar". e isso faz toda a diferença. eu
243	acho que na nossa categoria de intérpretes
244	falta muito isso. porque o aslan ele teria
245	tudo pra ser uma pessoa arrogante. porque
246	ele é muito bom no que ele faz. ele
247	poderia ser nariz empinado, mas ele é
248	completamente o oposto disso. e ele, não
249	sei nem se ele tem consciência disso. ele
250	tá ajudando a formar muitos intérpretes,
251	às vezes só com uma palavra de incentivo.
252	ajudando a gente a deslanchar nossos
253	trabalhos, nossas carreiras profissionais,
254	só com a presença, com a ajuda, com aquele
255	apoio ali. então a partir disso eu fui
256	criando coragem pra estar em outros
257	lugares, fazendo além de libras,
258	português. né, hoje eu tô hhh eu trabalho
259	na universidade, na *nome da
260	universidade*, e lá é um espaço que tem
261	mais falas de surdos. onde os surdos
262	conseguem ser mais protagonistas, né,
263	porque tem isso também. eu trabalhava
264	muito na educação básica, com alunos, com
265	crianças. às vezes é um espaço onde as
266	crianças não têm ali o momento de fala
267	deles. e a gente acaba fazendo mais
268	português-libras porque é o professor que
269	tá ali falando o tempo todo e às vezes
270	eles não têm até o espaço ou a segurança
271	de se colocar e falar, ou de apresentar um
272	seminário, um trabalho, enfim, né. e é um
273	espaco que a gente também enquanto
274	intérprete a gente precisa marcar isso e

	275 276 277 278 279 280 281 282 283 284 285 286 287 288 289 290 291 292 293 294 295 296 297 298 299 300 301 302 303 304 305 306 307 308 309 310 311 312 313 314	até intervir falar "professor, ele quer falar". "professor, o aluno está com um incômodo" ou qualquer coisa "tá com uma duvida". colocar eles pra serem protagonistas também. já na universidade, é mais isso. é professor surdo, ou um aluno surdo de pós. e eles vão estar ali dando aula ou, enfim, comentando mesmo. e aí é onde eu faço mais português até do que libras. e aí eu já me sinto mais confortável hoje em fazer do que antes, não tem nem comparação, assim. já vou sem medo. tá, vou fazer. como se eu fosse "vou levantar pra fazer libras", "vou sentar pra fazer voz". hoje já não tenho mais esse medo. né tipo não tenho pânico, não. vou fazer. tranquilo. bora lá. e o curso me ajudou muito nessa questão de cuidado com a voz, de eu me perceber, perceber como eu estou presente naquele momento. minha postura. pra me ajudar a manter a calma também. a falar de forma mais pausada e respeitar os espaços de pausas na fala, pra gente poder compreender o discurso, pra gente poder fazer da melhor maneira possível. e me ajudou muito nessa parte. a questão de modulação de voz é a parte que eu uso até pra minha vida normal. minha sobrinha adora. quando eu fico mudando a voz e fazendo as personagens. então a gente aprende até a fazer isso. e quando a gente tá fazendo a voz de várias pessoas também, se a gente conseguir mudar um pouco a voz de cada um também dá um efeito legal, dá pra perceber quem tá falando em cada momento. isso também foi uma coisa bacana que eu aprendi aqui no curso com você.
--	--	---

Interagente	Linha	Fala
Maria Paula	315 316 317 318 319 320 321 322 323 324 325 326 327 328 329	Bom, gente, mais uma perguntinha aqui para a gente dar continuidade dessa conversa. Eu queria saber quando vocês fazem voz, quais são os recursos que vocês usam? As estratégias, os recursos. a violeta falou um pouco, mas quem quiser dizer assim o que que faz. Enfim, o que você faz, não necessariamente o que tenha sido pontuado no curso, mas quais são as estratégias de recursos que você usa na hora de fazer interpretação direta. Que é engraçado que a gente se refere à interpretação direta dizendo que é o contrário, mas tecnicamente é a versão direta é essa, em direção à nossa língua. Só que é tão mais

	330 331 332 333 334 335 336 337	comum fazer em direção à Libras que quando a gente se refere à direção ao português a gente diz que é o contrário. Interessante isso. Bom, quais são as estratégias de recursos que vocês usam na hora de fazer voz, interpretação direta? não usa nenhum recurso. Pode falar, Erasmim.
Amélie	338 339 340 341 342 343 344 345 346 347 348 349 350 351 352 353 354 355 356 357 358 359 360 361 362 363 364 365 366 367 368 369 370 371 372 373 374 375 376 377 378 379 380 381 382 383 384 385 386	Oi gente, estou aqui também na correria, me arrumando daqui a pouco, eu vou precisar sair, por isso que eu desliguei aqui. Mas eu vou até aproveitar para falar aqui. Bom, a gente, eu vou parar aí rapidinho. Tranquilo. Saba dou, né gente? Enquanto isso eu vou falando, enquanto ela está lá se ajeitando. conto no momento que eu tô fazendo a versão direta, direção direta lá comigo é ter sempre um apoio, né, tem um colega que é apoio que tá ali pegando aquilo que eu não tô conseguindo pegar, que tá ajudando, porque na hora, eu não sei se vocês conseguem, mas na hora que eu tô fazendo eu não consigo fazer anotações ali, conseguir ou então até mesmo consultar o material, algum material que Então eu conto que com apoio que já está ali, até com material, tem os slides, então eu procuro ver todas as informações que eu puder, para fazer, te ver ali ao meu alcance, para me ajudar, para eu poder elaborar o discurso, juntamente com o que está dizendo. E no meu caso, eu fico me policiando para eu manter a calma, porque se eu... começar a falhar e ficar nervosa, aí dá um branco. Então assim, eu preciso desse recurso sentir. Respirar e manter a calma e ir acompanhando o que tá sendo dito, o que tá sendo ali sinalizado. Mas eu acho que se eu tivesse... E falando de recursos materiais, se for possível ter um microfone para não gastar tanto a voz, também é bom, mas nem sempre a gente consegue isso numa sala de aula. a gente consegue talvez um auditório, uma sala mais equipada, né? Mas eu percebo que se eu ficar muitas horas falando, não há garganta que aguento. E é isso, assim, eu acho que o meu melhor recurso é ter alguém de apoio ali. E se puder estudar o material anteriormente, mas nem sempre a gente consegue o material anteriormente. Ou então uma fala espontânea que tá ali, como é que eu vou saber, né? mas está pegando os detalhes e está sempre atualizado.

Maria Paula	387 388 389 390	ah, bacana. e aí, aslan, quais são as suas estratégias, os seus recursos, você que já começou a trajetória interpretando bem em direção ao português?
Aslan	391 392 393 394 395 396 397 398 399 400 401 402 403 404 405 406 407 408 409 410 411 412 413 414 415 416 417 418 419 420 421 422 423 424 425 426 427 428 429 430 431 432 433 434 435 436 437 438 439 440 441 442 443 444	Eu não sei se vou falar adequadamente, porque eu não preparei tudo para essa pergunta. Eu comecei aqui a pensar em escrever. Eu acho que a primeira coisa que eu sempre aprendi, eu nunca parava de falar. Não importa o que aconteça, sempre mantenha a fala, porque é isso que as pessoas esperam de você. Elas nem vão saber que você errou, que você não está entendendo se você não parar de falar. Então, acho que essa seria a minha primeira estratégia. acho que a modulação da voz também, acho que é uma coisa que eu sempre utilizo. e eu acho que é porque a minha voz tem um trejeito mais afeminado. Então, naturalmente, eu aprendi a modular a minha voz sempre que fiz a versão voz. Não que seja um problema para mim, mas eu acho que a expectativa do público é esperar uma voz um pouco mais masculinizada. então, acho que modulação de voz é uma coisa que eu sempre fiz. nunca parei de pensar nisso. É... omissões e substituições, faço o tempo inteiro. eu faço muitas escolhas, eu acho que tem a ver com repertório de mundo, né? então, sempre que eu estou vendo ali um processo de discurso... eu escolho palavras que eu acho que sejam mais adequadas, mediante o contexto. então, eu sempre aprendi uma coisa assim, você tem que falar o que as pessoas querem ouvir, no sentido de não adianta utilizar um termo que seja inadequado, só não acho biblioteca. E ela fala que vai na biblioteca pesquisar livros. Ela vai lá pesquisar o acervo, não os livros. Então, sempre aprendi a fazer muitas adequações de vocabulário e melhorias mesmo no discurso. Inserção eu faço muito, de forma muito não intencional. Eu tenho consciência que faço, mas, por exemplo, se a pessoa falou que ela foi interpretar a visita do presidente francês, eu já acrescento que veio ao Brasil no evento junto ao presidente Lula, doador informações complementares aquela informação para que a visita do presidente, por exemplo, seja algo solto, essa formação não faça sentido. Uma coisa que eu tenho muito costume de fazer, que é estar próximo ao palestrante. Isso é uma coisa que para mim é muito importante. Então, eu gosto de ficar em frente a ele para eu poder sentir

	445 446 447 448 449 450 451 452 453 454 455 456 457 458 459 460 461 462 463	o movimento, sentir a fala. Eu, por exemplo, não gosto muito da cabine, embora já tenha usado algumas vezes, mas eu gosto de sentir a pessoa, ver ela suando, o movimento do braço, o corpo, a perna, porque é como se eu estivesse incorporando aquela pessoa naquele momento. Então, eu gosto de sentir tudo aquilo ali, repetir até mesmo os movimentos intensificados na mão, no braço, da perna. Eu acho que é isso. E material também, eu geralmente... Estudo muito, previamente a pessoa, ou estudo sobre a pessoa, para saber onde ela está envolvida, qual é o contexto, para ficar mais à vontade também, para saber até onde eu posso avançar e até onde eu não posso avançar.
Maria Paula	464 465 466	bacana. Obrigada por compartilhar. Fala, amélie, o que você queria contar para a gente?
Amélie	467 468 469 470 471 472 473 474 475 476 477 478 479 480 481 482 483 484 485 486 487 488 489 490 491 492 493 494 495 496 497 498 499 500 501	Desculpa a panela aqui no fogo queimando quase, tava doido, mas olha, em relação a voz em específico para as técnicas, né, as estratégias, uma coisa que eu comecei a tentar aprimorar é a questão da expansão do vocabulário, normalmente, porque, como eu tinha dito antes, né, eu antes eu basicamente na interpretação para a versão voz. Então era muito difícil conseguir passar uma comunicação básica. Então, assim, conseguir fazer o básico, né? E aí, como a gente foi treinando muito, né, fazendo muitas atividades, foi que isso, sendo aprendido, isso foi sendo de alguma forma aprimorado. E aí, hoje em dia acaba que eu vou... vou tentando continuar esse aprimoramento, principalmente por essa questão de... Quando a gente faz a interpretação da língua de português, a gente precisa também conseguir fazer as adaptações para o português. Então, assim, a gente precisa ter essa expansão do vocabulário, porque não dá para fazer uma interpretação tão direta, não tem como. adaptar todas as palavras, todos os sinais, tudo que está sendo dito para a língua portuguesa. Então eu vou tentando também ter essa observação do que eu posso, qual palavra eu posso ali usar, qual estratégia, essa questão também da modulação da voz, isso é algo também bastante que eu tento lembrar porque eu até lembro de você falando sempre... A voz está muito doce, vamos tentar fazer um pouco mais de energia, de força para a

502	voz. Às vezes eu ainda fico um pouco
503	tímida, e aí eu percebo que eu tenho que
504	aumentar realmente a voz. E aí eu vou
505	tentar aumentar, tudo bem que seja
506	gradualmente, para também ficar uma coisa
507	de proporcional. Ele está falando baixo, e
508	eu vou estar gritando. Então, eu vou
509	tentando lembrar de todas essas questões
510	que foram... sendo trabalhadas nas
511	atividades. E, assim, eu acho que algo que
512	não foi trabalhado no curso, eu acho que
513	não tem, não tem, ou raramente tem, algo
514	que eu lembre no momento, porque, como eu
515	falei, antes eu não tinha envasamento,
516	então, assim, eu não tinha nem noção de
517	como eu iria fazer, né? Pois não que eu
518	não possa ir atemorando alguma questão e
519	tudo, mas... alguma estratégia, mas por
520	ser um contexto educacional e o aluno
521	saber pouco, livres, não tem também muito
522	o que ficar enfeitando ali. Eu preciso
523	tentar o máximo, o que acaba sendo assim,
524	diferente, assim, eu consegui entender o
525	aluno e conseguir passar esse conteúdo,
526	assim, passar o que ele estava falando de
527	forma que seja... que faça sentido
528	realmente, porque muitas coisas se
529	misturam ali, e eu fico tentando entender.
530	Fico... espera aí. E aí eu peço, e aí eu
531	tento fazer essa questão da pausa. Ou
532	então perguntar, parar, e eu fico assim...
533	Não, está tudo bem, é um contexto
534	educacional, não estou numa palestra. Ou
535	até se eu estivesse na palestra, poderia
536	tentar ali... Ter um pouco mais de tempo
537	para entender ou talvez pedir para
538	repetir, falar desculpa, pode repetir,
539	teria essa questão, mas... Ele com o aluno
540	é muito tranquilo, então eu falo... Eu
541	vou, vou tentando entender e tudo. Se eu
542	não entendo, eu falo desculpa de novo.
543	Então eu tento fazer muito isso e sem medo
544	de que... Então, essa questão do
545	juízo, né? Às vezes eu tento passar
546	mesmo por cima disso. Eu nunca imaginei
547	que eu iria estar... desse nível, porque
548	eu ficava muito assim, com muito medo
549	mesmo, tava com vergonha e acho que toda
550	essa insegurança, ela acabava
551	influenciando muito, né? Então acho que é
552	mais isso mesmo. Aí a questão da marcação
553	da voz, né? Então às vezes tem a questão,
554	por exemplo, das expressões faciais, né?
555	Que o aluno usa muito. E aí aquilo ali,
556	aquilo já é uma mensagem, aí eu pego e
557	transformo isso. realmente numa expressão,
558	numa gíria. Então, eu acho que foi algo
559	também que eu fui percebendo, que eu já
560	acabou, que eu fui desenvolvendo também. E

	561 562 563 564 565 566 567 568	eu achei muito legal isso, para poder trazer essa voz, trazer esse posicionamento desse aluno.
--	--	--

Interagente	Linha	Fala
Maria Paula	569 570 571 572 573 574 575 576 577 578 579 580 581 582 583 584 585 586 587	violeta, amélie. obrigada por compartilhar. arthur, que bom que você conseguiu chegar, arthur. teve uns problemas com a internet e finalmente conseguiu chegar. Então vou aproveitar essa última rodada de interação entre a gente, vou começar por ti, arthur. Eu queria saber, tanto para quem já fazia voz há muito tempo, por exemplo, o aslan começou fazendo voz e depois foi para Libras e ordenou esse curso, como também para quem faz... tinha pouco voz, fazia pouco, tinha pouca experiência. Eu quero saber o que mudou para você na hora de fazer interpretação, antes e depois do curso. Mudou alguma coisa ou você continuou fazendo de como você fazia antes, ou não mudou?
Arthur	588 589 590 591 592 593 594 595 596 597 598 599 600 601 602 603 604 605 606 607 608 609 610 611 612 613 614	Então, bom dia a todos, obrigado de novo pelo convite. de poder participar dessa reunião. E desculpe pelo atraso, tive um problema com conexão. Eu me planejei, trabalho muito com planejamento, acordei cedo, mas fiquei um pouco chateado por conta disso. Com relação ao que o curso me ajudou na questão da versão voz, foi muito a maneira de consciência corporal, na respiração, porque a gente trabalhou muito essa questão, modulação. Mas o problema continua sendo na questão... Eu falo sempre da amélie, o problema sempre é na contextualização e o problema do julgamento. Acho que o problema está mais nisso aí. Pela minha experiência de libras, de trabalhar com a comunidade surda, percebo que ficamos mais nervosos nessa questão de como é que o outro está me vendo, como estou sendo interpretado ou julgado. Isso atrapalha muito na contextualização das conexões que a gente faz ali, que a gente precisa formar conexões mentais para poder estruturar uma comunicação mesmo. Por exemplo, vou trazer aqui a audiência pública que a gente teve na questão do

615	MEC. O MEC estava presente lá na questão
616	da aplicabilidade da... a lei de Libras.
617	E aí eu vi uma intérprete, acho que o
618	nome dela é Débora, ela estava
619	interpretando, acho que era o Falkin, o
620	Falkin Moreira, que trabalha lá de
621	Pebis. E eu vi a contextualização dela
622	brilhante, ela trabalhando nas conexões,
623	ele sinalizando ela na hora, você não
624	tem tempo para pensar. Então a gente
625	trabalha muito ali com a interpretação,
626	formar conexões na hora. E você imagina,
627	uma audiência pública é de muita
628	responsabilidade, uma audiência pública
629	onde está sendo gravada. que é a
630	brincadeira dessa lei, e eu vi aquilo
631	assim, eu achei, e o controle emocional
632	dela, a respiração, achei que brilhante.
633	Então, assim, o curso me ajudou nessa
634	questão. Acho que é uma coisa que a
635	gente vai continuar trabalhando isso. Eu
636	percebo que a versão voz ainda é um
637	desafio para o Intertex-Libras, continua
638	sendo, e quanto mais a gente falar sobre
639	isso, trabalhar sobre isso, vai nos
640	ajudar a trazer essa consciência. A
641	gente vai ter um pouquinho mais de calma
642	para atuar nos diversos campos, em
643	audiência pública ou em outros campos.
644	Mas o curso me trouxe muito isso, a
645	conscientização de fala. Enquanto eu
646	falo, eu me escuto, eu me percebo, eu me
647	observo, e aí eu vou corrigindo a
648	postura, vou corrigindo, vou trabalhando
649	a respiração. Mas sem sombra de dúvidas,
650	essa audiência que eu vi com essa
651	intérprete de Libras... A Elisângela
652	estava lá também acompanhando, eu vi que
653	ela teve um equilíbrio muito grande para
654	poder interpretar uma autoridade ali
655	naquele momento. É por isso que eu evito
656	um pouco esses campos, porque eu
657	trabalho muito com a questão do código
658	de ética, do tradutor intérprete. Então,
659	ainda não me sinto segundo para
660	transitar por essas áreas. Mas à medida
661	que eu for aplicando aí... o que a gente
662	aprendeu no curso, acredito que vou me
663	sentir um pouco mais confortável para
664	trabalhar nesses campos. Quem puder
665	assistir essa audiência pública e puder
666	ver o que estou falando, foi muito legal
667	essa intérprete. E aí eu volto a falar,
668	ele estava sinalizando bem rápido, você
668	precisa ter aquela dinâmica ali, é claro
670	que ela... Se eu não me engano, acho que
671	ela estava com intérprete de apoio, e é
672	por isso que a gente precisa trabalhar
673	com intérprete de apoio, porque a gente

	674 675 676 677 678 679 680	não consegue pegar todas as ideias. E volta a minha fala de novo... Terá blocos e promessas.
Maria Paula	681 682 683 684 685	Deu uma travadinha aqui. Ele compartilhou bastante sobre essa questão do antes e depois do curso. Opa, voltou. Gente, pode ligar teu microfone?
Arthur	686 687 688 689 690 691 692 693 694 695 696 697 698 699 700 701 702 703 704 705 706 707 708 709	Ah, tá, desculpa. Eu acho que a gente pode, eu deixo aqui um convite, um convite, uma sugestão, que a gente pode até, de repente, é, o FRJ podia repetir isso, né, desse curso de novo. Eu acho que vai ser muito legal. Eu acho que o MEC deveria ofertar mais cursos para os tradutores em térpites livres, fica aqui até uma sugestão, a gente está aí com a lei. de intérprete de Libras, e lá no artigo 4, parágrafo 1, fala de curso, de curso a nível médio, curso técnico. Mas, por exemplo, no Brasil a gente tem menos de 10 cursos a nível nacional. Então eu deixo essa sugestão para que, assim, se a gente quer qualificação, se a gente quer qualificação dos profissionais, a gente também abra, que o MEC também oferte esses cursos, né? Abra essa oferta. E a UFRJ pode estar envolvida nisso também. Acho que deixa aqui minha sugestão para que a gente possa repetir esse curso de novo.
Maria Paula	710 711 712 713 714 715 716 717 718 719 720 721	ficou aí o recado. tá bom, arthur. obrigada. bom, quem mais, assim? O que acha que mudou antes e depois do curso na hora de fazer a voz ou não? Ou se você... ah, foi legal, mas eu continuo fazendo como eu fazia antes porque acho que funcionava. Também é algo interessante para a gente... Pensa outras perspectivas de voz. E depois dá-me a contribuição. Oi, vocês me ouvem? Ninguém está te ouvindo, pode falar. Ah, beleza. Obrigada.
Ana	722 723 724 725 726 727 728	Vou aproveitar, Maria Paula, o que tu já adiantou. O curso realmente foi muito, muito importante, pelo menos para mim, para criar essa consciência de preparação de voz. E eu digo no sentido de aquecimento também e auxiliar nas modulações e tal. Só que foi dado os

729	exercícios e tal para a gente. fazer, só
730	que ainda não consegui incorporar isso
731	na minha prática. Quando eu vejo eu já
732	tô embalada e daí daqui a pouco eu já tô
733	com dor na garganta e daí já tá no final
734	da aula, já tá no final da reunião e eu
735	pensei, meu Deus do céu, eu tive todo um
736	curso me explicando, mas quando eu vejo
737	a gente já vai tão no automático que é
738	difícil a gente criar, pelo menos pra
739	mim, né? Tá sendo difícil eu criar essa
740	consciência de que eu tenho que me
741	preparar. antes para poder fazer com
742	melhor qualidade o desempenho da minha
743	função no momento. Aproveitando até o
744	que o aslan tinha comentado antes, dessa
745	questão de sentir a pessoa que a gente
746	vai fazer essa aversão direta. E eu acho
747	bem interessante, é uma coisa que eu
748	peguei para mim. ter essa percepção da
749	pessoa. Eu trabalho com uma surdo
750	oralizada, então, nos momentos em que
751	ela não está sinalizando, que está só eu
752	e ela, então ela prefere se comunicar
753	com uma mistura, né? Língua portuguesa e
754	um pouco de sinais. E ela vem de uma
755	família que usa muita expressão
756	idiomática, muita metáfora. E isso
757	aproveito para perceber e pescar todas
758	essas questões. e para no momento de
759	sala de aula, quando ela está numa sala,
760	dando ali, lecionando a disciplina, ou
761	numa reunião, ou numa conversa entre
762	professores, um projeto e tal, que ela
763	solta algo desse tipo, ou que ela faz
764	uma sinalização que eu vejo que dá para
765	encaixar ali uma expressão, uma coisa,
766	para ficar o mais natural possível, para
767	ser assim, ah, é a pessoa mesmo que está
768	falando, não tem um serviço de
769	interpretação, não fica... deu com a
770	terceirizada o negócio, a pessoa surda
771	que sinaliza e a pessoa que faz voz é
772	tal do serviço de interpretação, não,
773	pra ficar tudo uma coisa só. E o legal
774	que eu já tive dois feedbacks em eventos
775	muito, foram muito legais, que são
776	pessoas que não são da área, mas assim,
777	poxa. Depois que eu fui perceber que
778	tinha uma pessoa fazendo a voz, eu vi a
779	pessoa sinalizando... mas para mim ela
780	estava falando, estava tão natural a voz
781	com a sinalização... que depois que eu
782	fui perceber que tinha uma outra pessoa
783	que fazia a voz e ela estava só
784	sinalizando. Eu achei isso o máximo,
785	sabe... passei, claro, essa... essa
786	informação para a pessoa surda também,
787	né... então isso a gente mostra, né...

	788 789 790 791 792 793 794 795 796 797 798 799 800 801 802 803 804 805 806 807 808 809 810 811 812	Tanto que a gente tenta se esforçar pescando essas características da pessoa para passar o mais natural possível como sendo ela se comunicando, mesmo que ela está fazendo em língua de sinais, mas como seria essa voz, essa fala em língua portuguesa? Que estrutura que ela usaria? Que vocabulário que ela usaria? Que metáforo? Que expressão idiomática que ela usaria naquele momento, para aquele contexto, para aquele público? Então, acho bem legal mesmo, mas do preparatório, do curso, curso maravilhoso, mas ainda encaixar. esse preparatório, todos esses exercícios, né, na minha prática, está sendo bem complicado, sim, está sendo mesmo, mas é por relaxamento meu mesmo. É falta de criar consciência mesmo sobre isso antes da minha prática, antes do exercício. Era isso, pessoal. Obrigada.
Maria Paula	813 814	a gente agradece. Quer compartilhar alguma coisa, arthur?
Arthur	817 818 819 820 821 822 823 824 825 826 827 828 829 830 831 832 833 834 835 836 837 838 839 840 841 842 843 844 845 846	não, então é isso, é sempre essa conexão, tá vendo? Que eu observo, essa estruturação na... no discurso do Sujeito Sur, que a gente tem ainda essa dificuldade de construção de frases, de ideias. Aí eu volto lá, que ela intérprete a Débora, lá na audiência pública. A construção dela foi rápida e ela conseguiu construir, porque não se trata só de conexão mental, se trata também do vocabulário. Ela foi brilhante, assim, a atuação dela foi muito legal. Quem puder assistir. Então eu percebo assim, é sempre na estruturação das ideias. O sudo não vai passar tudo ali certinho. Você que tem que ter esse controle mental, essa consciência, que nem a ana falou. E eu acho que a gente vai ter que trabalhar muito nisso. Eu principalmente falando particularmente disso. Mas eu acho que o curso trouxe muito essa questão. A gente está meio caminhado quando a gente fala de consciência corporal, a gente fala de respiração. E aí eu acho que isso ajuda bastante para a gente poder, a gente oxigenar o cérebro também e pensar nisso aí, mas é um desgaste mental também, a gente tem que pensar muito rápido. Esse representante lá da

	847 848 849 850 851 852 853 854 855 856 857 858 859 860 861 862 863 864 865 866 867 868 869	Dipebs, que estava sinalizando o Falque, ele estava sinalizando bem rápido, assim. É claro que eu acho que, eu acredito que eles tenham ensaiado ali alguma coisa, mas na hora que você está na... sai alguma coisa diferente do ensaio, e aí você tem que seguir, porque uma reunião que está sendo gravada vai continuar sendo, a nossa dificuldade vai continuar sendo a construção de ideias para poder fazer um bom discurso, para a gente poder formar essas ideias aí, porque o surdo não vai... E aí você tenta ser o mais possível assertivo nas ideias. E aí é claro, isso aí vai variar de um intérprete para outro. A gente não vai poder dizer que um discurso está errado, porque foi a interpretação dele naquele momento. Então cada um vai dar a interpretação e a gente tenta acertar o máximo possível nisso aí.
Maria Paula	870 871	bacana, obrigada arthur. fala aí aslan para a gente, depois violeta.
Aslan	872 873 874 875 876 877 878 879 880 881 882 883 884 885 886 887 888 889 890 891 892 893 894 895 896 897 898 899 900 901 902 903	deixa eu abrir aqui. então, tem uns pontos que acho que é bem interessante para pensar. não sei se já perdi um pouco a pergunta inicial, mas vou dar um complemento em cima da fala dos colegas. eu concordo um pouco com o que o arthur falou sobre essa questão da complexidade, que é essa transposição, mas acho que tem uns paradigmas para a gente poder dar uma quebrada também, acho que é muito importante. quando a gente pensa nessas conexões, que a gente acaba trazendo para algo muito individual, eu acho que está inserido no contexto macro que são habilidades e competências, que muitas vezes a gente não tem consciência sobre elas. E por isso que a formação é importante. Quando as pessoas falam, ah, eu faço isso há tantos e tantos anos e não tenho uma formação. o fulaninho de tal que tem letras-libras não consegue fazer tão bem quanto eu. E eu acho que nesse ponto está na dificuldade que a gente tem de avaliar habilidades e competências. Porque eu acho que a academia é um espaço muito importante para essa oferta, democratização. mas a gente pode adquirir habilidades, competência e conhecimentos fora desse espaço também. E o que acontece é que, sim, como foi um pouco a minha experiência, mas aí

904	conversando com alguns intérpretes, que
905	eles têm até uma brincadeira que não sei
906	se é adequada, politicamente correta,
907	mas eles falam assim, ah, nós somos
908	intérpretes jurássicos, né? Tem esse
909	termo na comunidade que são os
910	intérpretes que vieram antes da lei de
911	livras, né? Existem vários assim. E eles
912	falaram que sempre fizeram assim porque
913	eles tinham que fazer. Eu acho que mudou
914	um pouco o contexto, mas eu entendo
915	nesse mesmo lugar. Quando ninguém estava
916	lá para fazer... quando isso não era
917	difundido, quando não tinha essas
918	técnicas, ele já tinha esse
919	conhecimento, já tinha essas técnicas,
920	que hoje a gente chama de habilidades e
921	competências. Mas em algum momento
922	aquilo ali era algo quase surreal de
923	vindo, que a pessoa era muito boa, mas
924	não. Ela, por alguns motivos,
925	desenvolveu habilidades e competências.
926	E aí uma coisa que eu não trouxe, eu
927	fiquei pensando se eu trazia no início,
928	mas aí eu achei que não, mas agora eu
929	acho que eu trago. Por que eu acho que
930	eu tenho essa facilidade? Eu sempre tive
931	que transpor línguas desde muito cedo.
932	Então assim... Eu fui intérprete antes
933	de ser intérprete-libres, depois que
934	virei intérprete-libres. Então, acho que
935	essa habilidade de transpor línguas, que
936	acabei fazendo de forma um pouco
937	espontânea naquele momento, não veio
938	naquele momento, ela veio antes, só que
939	eu não sabia que aquilo era
940	interpretação. Descobri depois que
941	aquilo chamava interpretação. Mas na
942	minha vida sempre tive que transpor uma
943	língua para outra em vários contextos.
944	Lembro que tem a ver com processo, tem a
945	ver também com autoconhecimento. que é a
946	criatividade. Eu sei que a inteligência
947	criativa, ela fez parte da minha
948	tradição desde criança. Então, assim, eu
949	sei que a criatividade é uma ferramenta
950	potente para tradução. Desde que eu
951	era... E aí acho que uma experiência um
952	pouco mais concreta, né? Quando eu tinha
953	13 para 14 anos, eu interpretava em
954	espanhol na minha igreja. Então, assim,
955	eu já estava acostumada a interpretar.
956	Então, eu sempre interpretei onde
957	pessoas não falavam outras línguas.
958	Interpretei alguns eventos religiosos.
959	Depois eu interpretei no meu ensino
960	médio. No meu ensino médio, eu passei
961	todo interpretando para inglês, porque
962	uma colega minha, que é brasileira, mas

	963 964 965 966 967 968 969 970 971 972 973 974 975 976 977 978 979 980 981 982 983 984 985 986 987 988 989 990 991 992 993 994 995 996 997 998 999 1000 1001	alfabetizou nos Estados Unidos, veio para o Brasil no ensino médio, não sabia falar nem o nome dela direito em português, ela não tinha sotaque, e eu passei o ensino médio todo com ela. Então, a minha vida sempre foi interpretar. Então essa habilidade de transpor o que um disse para o outro é uma habilidade que eu já desenvolvi. Então, quando eu tive contato com Libras... eu tive que só adequar a língua. Eu mudei só o botãozinho de qual língua vai mexer. Mas eu sempre fiz isso. Isso foi habilidades e competências que eu desenvolvi antes. Tive essa experiência prévia. Mas eu acho que, voltando lá no início, quando a gente falou algumas coisas, aí, uma opinião pessoal, eu acho que a gente é pouco exposto a fazer a versão voz. Então, a gente é muito pouco exposto e a gente não desenvolve habilidades e competências. A gente não se prepara. E aí, o curso... Teve uma questão potente que é você fazer o processo, registrar o processo e avaliá-lo, que é um processo de construção do conhecimento, uma coisa muito mais ativa. A gente está acostumado, muitas das vezes, como a violeta falou, a fazer e não ter feedback. A gente não grava, a gente não reflete, a gente vê sobreviver. Acabou. E vai lá descansar e tentar largar aquele trauma que foi aquela experiência. Mas dificilmente a gente tem um pouco essa troca. Acho que é isso.
Maria Paula	1002 1003 1004 1005 1006	muito bom, gostei de ouvir as suas experiências. Bacana, não sabia da sua experiência com espanhol, com inglês. legal, interessante. violeta, diga aí, multilíngue.
Violeta	1007 1008 1009 1010 1010 1011 1012 1013 1014 1015 1016 1017 1018	então, é sobre a questão, sobre a pergunta inicial, né? Sobre o que mudou antes e depois do curso, né? O que aconteceu? E como eu falei antes, eu penso que mudou essa consciência corporal, que até o arthur também falou, a gente percebe mais, a gente procura a cuidar da voz, né? Assim como a ana, eu confesso também que eu só lembro quando tá ruim, que eu deveria ter me preparado quando já tô lá no embalo, de preparação para interpretar a voz. Então, mas eu já percebo que eu precisava, antes eu nem

1019	percebi. Já é alguma coisa. Buscar o
1020	máximo de informações, né, sobre aquilo
1021	que eu vou interpretar, conteúdo sobre a
1022	pessoa, como a Lex tinha falado antes,
1023	também. da gente chegar no evento, que
1024	isso também conta. E eu nunca tinha
1025	percebido, tipo, chego, procuro lugar
1026	para ficar e pronto, mas isso muda a
1027	forma como até as pessoas nos vêem. E
1028	como que o nosso trabalho é visto e como
1029	que ele é até compreendido. Muda muita
1030	coisa. Como a forma que você tá ali
1031	naquele lugar. E essa postura que eu
1032	falei, a modulação de voz. Uma coisa que
1033	a Lini falou, de interpretar a mesma
1034	pessoa com frequência, isso a gente
1035	acaba pegando o jeitinho da pessoa. E
1036	quando a gente vai interpretar e fazer a
1037	direção direta, a gente acaba
1038	conseguindo fazer o jeitinho da pessoa.
1039	Então, realmente, os outros que estão
1040	ali ouvindo até confundem mesmo. Nossa,
1041	parece aquela que está falando. Então, o
1042	curso me ajudou muito a perceber isso.
1043	que a gente não tinha formação, nunca
1044	tinha estudado antes sobre esse trabalho
1045	com a voz. A gente fica muito focada na
1046	Libras, desde sempre, aprender sinal,
1047	aprender vocabulário, aprender a se
1048	comunicar em Libras, Libras, Libras e
1049	Libras e Português, a gente vai deixando
1050	o meio aqui de lado, mas é tão
1051	importante enquanto, porque nós somos
1052	intérpretes das duas línguas. Eu lembro
1053	de uma amiga que falava assim pra mim...
1054	que ela não ia querer ser uma intérprete
1055	só de um medíocre, né? Só faz uma parte,
1056	não faz a outra parte. Nós somos
1057	intérpretes das duas línguas. Estamos
1058	ali permeando as duas línguas, as duas
1059	culturas. Então é isso, assim. o curso,
1060	pra mim, foi muito importante. bacana,
1061	vamos saber.
1062	
1063	

Segunda parte

Interagente	Linha	Fala
Maria Paula	001 002 003 004 005 006 007 008 009	gente, pra gente fechar aqui, pra não prolongar muito, eu vou fazer um jogo de frente com Maria. Quero saber o que é interpretar em voz para vocês. Em breve síntese, cada um fala o que vier à mente. Se pensar em interpretação direta, interpretar em voz, o que é? fala, arthur
Arthur	010 011	formação de ideias, construção dessas ideias.
Aslan	012 013 014 015 016 017 018 019 020	eu acho que não gosto desse termo, mas acho que é dar voz. Quando você faz uma interpretação direta, você permite que o surdo esteja no lugar que ele é de direito. Acho que é uma grande ponte. Se não tiver uma versão voz bem feita, o surdo vai sempre ser visto ainda como incapaz, em muitos espaços.
Violeta	021 022 023 024 025 026 027 028 029 030 031 032 033 034	seria como se fosse abrir caminhos, abrir portas, assim, né? O que estava ali fechado, sem comunicação e de repente você falar com a voz e você acaba conhecendo aquela pessoa surda que está ali o tempo todo e às vezes as pessoas não conheciam, não sabiam as suas ideias, não sabiam... não sabiam o que ela tinha ali para oferecer, é um pouco disso que a aslan falou. Então você está ali e mostra, olha... tudo isso aqui. Então eu faço voz porque tem o sudo que tá sinalizado.
Ana	035 036 037 038 039 040 041 042	sim, eu penso que é aproximar mundos e deixar eles mais equiparados possível entre um e outro, mesmo que tenham as suas diferenças, mas deixando sempre um natural possível com o outro, sem muitos estranhamentos na medida do possível.
Amélie	043 044 045 046 047 048 049 050 051	então, gente, eu não sei se é um problema, talvez, mas eu acho que é tipo um teatro. Você meio que tem que incorporar ali, você tem que meio que entrar na pessoa, tentar entender como é, o que ela quer dizer, o que ela quer passar. é meio que entrar ali na personagem mesmo, porque aí você consegue talvez criar

	052 053 054 055 056 057 058 059 060	um... um vínculo ali com a pessoa, consegue ter uma empatia, não sei, algo meio... Não sei, pra mim é meio abstrato, mas é tipo, é você observar, assim, os pormenores e aí você consegue se ligar e entender melhor a pessoa, sabe? Acho que é isso, acho que é uma questão de incorporação mesmo.
Tiana	061 062 063 064 065 066 067 068 069 070 071 072 073 074	então, entendo que a versão voz, pra mim, ela tá muito ligada... O meu entendimento está ligado ao direito, à equidade. É exercer ou colocar em prática o princípio da isonomia, que é um princípio constitucional, onde você coloca em prática o artigo 5º que diz que todos são iguais. Se todos são iguais, todos têm direito à voz, todos têm direito de opinar, de exercer, de falar. Então eu vejo muito como a versão voz é isso, a prática do direito.
Maria Paula	075 076 077 078 079 080 081 082 083 084 085 086 087 088 089 090 091 092 093 094 095 096 097 098 099 100 101 102 103 104 105 106 107 108	bacana. muito obrigada, gente, pelas contribuições, quantas palavras bonitas, quantas reflexões interessantes a gente trouxe aqui na realidade, né? interpretar em direção português oral não é uma mera direcionalidade, uma estratégia, um recurso, mas acho que envolve muito mais do que isso. vocês trouxeram várias questões interessantes aqui sobre fazer valer o direito das pessoas, fazer valer... dar voz, como disse o aslan, mas eu entendi, ele falou, "eu não gosto muito desse termo", mas é fazer valer o direito dessa pessoa de ter voz, de dizer algo, ele explicou bem. e acho que é um pouco por aí, quanto mais a gente se aprimora nesse sentido, a gente consegue fazer valer esse direito. e eu entendo que como intérpretes isso está por trás. isso é o pano de fundo da interpretação, não por um ato de "ah, voluntariado", de bondade, não isso. mas é como disse a tiana mesmo, porque é um direito. não é porque eu estou fazendo com que essa voz seja ouvida, seja vista, porque eu faço isso por bondade, não é isso. a gente sabe que é um trabalho profissional que requer esforço, estudo, aprimoramento, etc. Mas acreditar

	109	nisso como... um ponto de partida
	110	para a sua prática profissional, eu
	111	acredito que faça toda a diferença
	112	na hora de adquirir recursos e
	113	colocá-los em prática. então, muito
	114	obrigada pela participação de vocês.
	115	vocês contribuíram demais. (...)
	116	muito obrigada, gente, pela
	117	participação. beijos! bom sábado!

Segunda entrevista

Interagente	Linha	Elocução
Maria Paula	001 002 003 004 005 006 007 008 009 010 011 012 013 014	bom, está sendo gravado, gente. muito obrigada a vocês pela participação. E depois eu vou mandar para vocês o termo de consentimento, porque eu tive que fazer umas alterações necessárias, apontadas pelo comitê, e aí vocês vão assinar, se assim vocês concordarem, e é importante que vocês digam também se aceitam participar dessa entrevista e que ela está sendo gravada, o nome de vocês vai ser protegido, a imagem também não vai ser utilizada. Tudo bem para vocês? Aceitam?
Todos	015 016	aceito, tudo bem. Sim, sim. aceito, de acordo.
Maria Paula	017 018 019 020 021 022 023 024 025 026 027 028 029 030 031 032 033 034 035 036 037 038 039 040 041 042 043 044 045 046 047 048 049 050 051 052	beleza, ótimo. muito obrigada. bom, o tema que eu queria conversar com vocês hoje é sobre a formação de vocês com relação à interpretação para o português oral, para a voz. cada um teve um processo de formação para se tornar intérprete diferente. alguém fez letras-libras, outro fez pedagogia, e nós sabemos que as formações são bastante diferentes umas das outras. nesse processo de formação de vocês, vocês tiveram contato com a interpretação para o português oral enquanto formação? Como que foi isso? como que vocês lidam disso? vou autorizar aqui a tiana, que vem entrando. oi, oi, tiana. está me ouvindo? hello. ah, beleza. bem-vinda, tiana. vou repetir a pergunta, porque eu acabei de fazer. se já pega aqui a pergunta, quem quiser pode responder primeiro. eu perguntei sobre a formação de cada um com relação à interpretação para a voz. se ao longo do seu processo de formação para você se tornar intérprete, tenha sido ele com graduação, pós-graduação, seja lá como tenha sido, como foi esse contato em termos de formação para a interpretação em português oral? você se lembra de ter tido uma aula disso, ou um treinamento específico, disciplinas? enfim, como que foi o aprendizado para essa modalidade? e já deixando aqui um ponto a mais, em comparação com o aprendizado, o

	053 054 055 056 057	treinamento, a formação para a Libras. vocês acham que foi equilibrado ou não? Como que foi isso? pode falar, ana
Ana	058 059 060 061 062 063 064 065 066 067 068 069 070 071 072 073 074 075 076 077 078 079 080 081 082 083 084 085 086 087 088 089 090 091 092 093 094 095 096 097 098 099 100 101 102 103 104 105 106 107 108 109 110	eu posso responder, se a tiana não for responder, eu posso responder aqui. Do jeito que eu estou falando está dando para entender que eu estou em um auditório aqui, gente. Não tem problema. Então, ele é respondendo a pergunta e já aproveitando enquanto foi refeita a pergunta, rebobinando a fita aqui, né. antes de eu fazer o Letras Libras, eu fiz um curso, não vou dizer técnico, era um curso, durou oito meses, seis meses também de interpretação, e ali, prática de voz, eu não me lembro de ter feito, eu acho que foi, foi feito uma assim das fábulas do Nelson Pimenta, que eram uns DVDzinhos assim. E ali a gente fez, mas esse foi mais ligado a sinal e vocabulário, né, correspondente, equivalente na língua portuguesa, mais disso. No Letras Libras também, nas disciplinas de laboratório, de interpretação, a gente fez alguma coisa, mas sempre voltada a sinal, correspondente, equivalente, língua portuguesa. Na especialização ali na palhoça também, sempre voltado a isso, nada comparado ao curso que a gente fez aqui, que eu vi que foi pouco, a gente comentou uma coisa de correspondente, equivalente língua portuguesa, mas mais questão de estrutura, preparação de voz e tal. Então, nesse sentido de preparação e estrutura, nada mesmo. Eu lembro só uma vez, na graduação, que uma professora pediu pra gente, comentou com a gente que se a gente quisesse, a gente poderia pedir uma disciplina optativa nesse sentido, que teria uma professora fonoaudióloga, formada, que ela poderia, se fosse do interesse dela, montar uma disciplina optativa pra gente nesse sentido. Só que na época da graduação eu só conseguia fazer o curso de graduação, disciplina optativa eu fiz dentro, conforme a minha grade, conforme eu fui validando disciplina e eu já fui fazendo, então eu não tinha como fazer contraturno, então eu nem corri atrás pra pedir, porque eu não ia ter como fazer. Mas, igual o curso aqui, não, nada.

	111 112	
Maria Paula	113 114 115 116 117	que legal essa possibilidade, essa ultrafone que tinha, achei interessante. legal, ana, obrigada por compartilhar. tiana, vi que você tinha levantado a mão, quero saber.
Tiana	118 119 120 121 122 123 124 125 126 127 128 129 130 131 132 133 134 135 136 137 138 139 140 141 142 143 144	então, curso assim, voltado pra voz, eu não recordo ter estudado só com a senhora mesmo, porque todos os cursos que eu fiz, a parte da voz era como? Focada em libras, aí quando um aluno ia fazer uma interpretação, a professora falava pra gente fazer voz, mas isso pra mim não é aula de voz, é mais compreensão do que o outro tá falando, porque eu não ensino técnica pra fazer a voz, né, pra usar as palavras, aquela questão toda que a senhora ensinou sobre respiração, postura, o tempo pra pensar, a forma de falar, aqueles intervalos pra poder ter mais propriedade da fala, nada disso. O aluno fazia libras e a gente passava pra português, mas bem informal mesmo. Por isso que eu vi tanta diferença depois de ter estudado, ter feito o curso com a senhora, eu via a diferença de quando eu voltei a fazer voz. admito que a insegurança ainda paira, mas aquela questão toda da mão, da postura, do raciocínio, isso tem me ajudado muito.
Maria Paula	145 146 147 148 149 150 151 152 153 154 155 156 157 158 159 160	perdi um pouquinho do áudio, mas eu achei legal porque tinha, era outra perspectiva de treinamento pra voz, pelo que você disse, mas pelo menos tinha ali. E aí, não sei, acho que deu uma travada aqui a tiana pra mim. vocês estão me ouvindo? beleza, depois quando ela voltar eu quero saber... oi, tiana, tá aí? Desculpa, eu queria saber, não sei se vou conseguir captar a tua mensagem, mas você falou que tinha, era uma outra perspectiva, mas tinha treinamento pra voz. Se você considera que ele era equilibrado, 50% pra voz, 50% pra libras ou não?
Tiana	161	Não, não, eu acredito mesmo.
Maria Paula	162 163 164	mas ela tá falando, tiana, não dá pra entender o que você fala tiana, eu vou fazer o seguinte, não tô conseguindo

	165 166 167 168	ouvir o que você tá falando. Eu escutei o não, não, só. Você conseguiria escrever, de repente? sim.
Ana	169 170 171 172 173 174	tá falhando o teu áudio, tiana, tá saindo picado, assim. Tirou o vídeo, mas mesmo assim vai continuar picado. Se você puder escrever, eu escutei que você falou não, não, e aí não consegui escutar o resto.
Maria Paula	175 176 177 178 179 180 181 182 183 184	se você puder digitar aqui pra gente, muito obrigada. e aí, violeta e aslan, enquanto a tiana vai escrevendo a resposta dela, eu queria saber de vocês, a formação, a trajetória de vocês para se tornarem intérpretes, como foi o aprendizado da interpretação para o português oral? Se houve, se houve de maneira equilibrada ou se não houve?
Violeta	185 186 187 188 189 190 191 192 193 194 195 196 197 198 199 200 201 202 203 204 205 206 207 208 209 210 211 212 213 214 215 216 217 218 219 220	então, eu não tenho formação na área nesse sentido, uma formação formal. Um curso de graduação, uma pós. Não, eu tenho um curso de extensão, mas é em tradução, de português escrito para vídeos em línguas. mas eu não tenho curso de interpretação. eu sou da geração que a gente vai aprendendo fazendo, assim, né? A gente, naquela época, mais anos atrás, não tinha tanta oferta. Não, não que hoje tenha, mas oferta de cursos de interpretação e tradução para línguas, ou de línguas para português, não tem. Então, eu não tenho essa formação. Então, meu processo de prática, de interpretação de línguas para português foi, assim, no dia a dia. Fui enfrentando os medos, os desafios. O que eu fui buscar foram cursos, assim, mini cursos, ou uma palestra, uma oficina, algo do tipo, para que pudesse me ajudar para poder interpretar melhor, né? Mas o que eu percebo mesmo é a prática. Se lançar para fazer, o aslan me ajudou muito de encorajar para fazer. E, a partir daí, ir praticando. O curso que você ofereceu também foi muito bom para ajudar na postura, na postura da voz, na respiração, a pausa silenciosa. Eu nunca mais esqueci. Que é importante, que a gente ficava naquela ansiedade de estar falando o tempo todo para não parecer que, sei lá, que eu não sei. E isso confundia até o tempo de trabalho. A

	221 222 223 224 225 226 227 228 229 230 231 232	memória de trabalho. E esse curso, o curso que você ofereceu, me ajudou muito nesse sentido. E aí, a prática mesmo no dia a dia. Lá no trabalho. Não é de como a gente tem mestrandas, né? Que agora até defendeu a dissertação da alta formada. Surda e mais professor surdo. Então, a gente faz bastante. então, a prática ajuda muito. Mas uma formação eu não tenho.
Maria Paula	233 234 235 236 237 238 239 240 241 242 243 244 245 246 247 248 249 250 251 252 253	entendi. as formações para intérpretes de livros, elas ainda são muito híbridas. A gente vê muitos intérpretes atuantes, excelentes intérpretes. E cada um tem uma formação diferente. Por isso que é importante a gente poder olhar, ver como que é essa questão da interpretação para o português oral também. Uma pergunta. Eu comentei com vocês, quando eu conversei em particular com cada um, sobre a fonoaudiologia bilingue. não sei se vocês se recordam do que é a fonoaudiologia bilingue que eu havia comentado. E gostaria de saber, pelas palavras de vocês, o que vocês entendem que é a fonoaudiologia bilingue e como talvez essa ciência possa contribuir para a prática do intérprete.
Ana	254 255 256 257 258 259 260 261 262 263 264 265 266 267 268 269 270 271 272 273 274 275 276 277	posso começar? Se ninguém quiser começar, daqui a pouco eu tenho que ir também, porque eu já estou me adiantando aqui. Realmente, na entrevista eu falei que para mim é novo. E pelo que tu havias explicado, é uma área bem interessante, que tem uma gama de atendimentos, de possibilidades de atendimento. E esse olhar para o intérprete, eu acho que é uma coisa que eu venho pensando. É uma coisa que nunca foi dada muita bola, vamos dizer. Geralmente é ali. Libras português. Mas a questão está, mas o seu português, como é que tu te prepara para isso? Só vai, igual no dia a dia. E hoje, até me preparando para entrar aqui na reunião, eu fiquei pensando, poxa, ela deu tanto aquecimento para a gente fazer, eu podia ir fazendo quando eu vou trabalhar. E nada, gente, eu nem estou cuidando da minha voz, nada. Meu instrumento de trabalho. Eu comecei a

	278 279 280 281 282 283 284 285 286 287 288 289 290 291 292 293 294 295 296 297 298 299 300 301 302 303 304 305 306 307 308 309 310	recordar da época que eu estudava no ensino fundamental, que era quadro de giz. E alguns professores afastados, por causa do pó do giz, e tal, de calo na corda vocal. Na época a gente chamava corda vocal com calo, e coisa bem disso, por causa de falta de preparação. Então, assim, o curso maravilhoso, mas a especialidade que tu vens estudando, eu vejo como uma grande possibilidade mesmo dos intérpretes acordarem e atentarem para isso. A voz é um instrumento também. E às vezes a gente fica preocupado, meu, mas eu estou com dor no braço, eu tenho artrite, eu tenho isso, tenho isso, tenho aquilo. Mas a voz, eu falo por mim, mas nos bate-papos de rodinha e de corredor também eu não vejo ninguém preocupado com a questão de voz, de preparação. O pessoal fica preocupado com o sinal voz, que equivalente, que correspondente que vai utilizar, mais essa questão, às vezes, de prosódia, de acompanhar a prosódia da interpretação, para ficar o mais realista possível, vamos dizer assim. Mas a questão de preparação, de postura, para poder ter uma boa saída, o som, nada, nada. Então, para mim, eu achei maravilhoso. Pode dar mais curso que eu preciso, hhhh.
Maria Paula	311 312 313 314 315 316 317 318 319	que bom, que bom saber, ana. E você, violeta, com relação a fono bilíngue, não sei se você se recorda do que era, ou se eu cheguei a comentar contigo também, do significado disso, o que você sabe sobre, e como você acha que essa ciência poderia, quem sabe, contribuir para os intérpretes.
Violeta	320 321 322 323 324 325 326 327 328 329	então, sinceramente, eu não me lembro do conceito. Não me lembro mesmo. Como você falou, agora você acha que ela falou alguma coisa sobre, mas eu não recordo. E assim, como a minha memória pós-Covid não tem sido boa, eu não estou nem me sentindo mal, que horrível, não sei, porque tem muita coisa que está se apagando. Então, realmente, eu não me recordo.
Maria Paula	330 331 332 333	a tiana também não se recorda, eu vou falar, então. Gente, a fonoideologia bilíngue é a área da Fono que se dedica à língua brasileira de sinais e

	334 335 336 337 338 339 340 341 342 343 344 345 346 347 348 349 350 351 352 353 354 355 356 357 358 359 360 361 362 363 364 365 366	à pessoa surda. Ou seja, pensando na pessoa surda, e pensando numa criança ouvinte. Vocês já viram criança ouvinte que faz fono? Porque troca a pronúncia da fala, porque se embaralha pra falar, fala de uma maneira confusa, e essa criança vai e procura uma fono. Quando ela chega na fono, ela é atendida em que idioma? A criança ouvinte. Português. Em português. Beleza. Porque se a primeira língua dela é o português, e a dificuldade dela é com o português, ela vai ser atendida em português. Agora, comparando com uma criança surda. Eu tenho uma criança surda que tem um atraso de linguagem em libras. Tem dificuldade de se expressar em libras. Se embaralha com os sinais, parece que vai contar uma história e ninguém entende. Não tem início, meio e fim. Sinaliza de qualquer jeito. Ela vai procurar um profissional que atue na área de linguagem, na organização do pensamento com foco na linguagem. Que profissional é esse? Fonoaudiólogo. Fono não cuida de voz apenas. Fono cuida de linguagem de forma geral. E aí, se a demanda dela é em libras, o atraso de linguagem em libras, em qual idioma ela precisa ser atendida?
Tiana	367 368 369	o certo seria em libras. Mas eu nem conheço fono que saiba libras, fora a senhora.
Maria Paula	370 371 372 373 374 375 376 377 378 379 380 381 382 383 384 385 386 387 388 389 390	pois é. Existe um grupo que sabe se chama Fono Bilingue para Surdos. E esse é justamente o foco. Então, o Fono Bilingue para Surdo vai desenvolver brincadeiras, interações significativas e terapêuticas voltadas para a aquisição da linguagem em libras. Resumidamente, é isso que o Fonoaudiólogo Bilingue faz. Ele também vai avaliar a linguagem, vai intervir nessa linguagem, vai desenvolver um processo terapêutico de linguagem em libras. Entende-se que o Fono Bilingue atua com a pessoa surda. E aí, a minha pergunta é se vocês acham que esse mesmo profissional que domina dois idiomas poderia, de alguma maneira, também contribuir para os intérpretes. e qual seria essa contribuição? como seria isso? não tem certo nem errado, que vocês chutarem, quiserem achar...

	391 392	
	393	pode ajudar a organizar o discurso.
Maria Paula	394 395	pode ajudar a organizar o discurso e o que mais?
Tiana	396 397 398 399 400 401	conseguir encontrar os melhores caminhos assim, como é que eu vou dizer, as melhores formas de se expressar, usar os termos corretos. sei lá. muito bom. Na nossa aula mesmo.
Maria Paula	402	oi?
Tiana	403 404 405 406 407 408 409 410 411 412 413 414 415 416 417 418 419 420 421 422 423 424 425 426 427 428 429 430 431 432 433	pode ajudar a organizar o discurso. conseguir encontrar os melhores caminhos assim, como é que eu vou dizer, as melhores formas de se expressar, usar os termos corretos. Sei lá. Muito bom. Na nossa aula mesmo. Na nossa aula mesmo, durante as aulas, me ajudava muito a organizar na mente e, às vezes, estava organizada na mente, mas eu tinha dificuldade de colocar para fora. Então, o Fono, nessa forma, iria ajudar muito os intérpretes de libras. Porque fazer voz, principalmente, colocar direto para voz, requer uma postura, expressões que, quando a gente está falando no dia a dia, é uma coisa. Mas, quando a gente para para fazer profissionalmente, parece que a gente esquece até o nosso nome. Dá aquela trava. Então, do jeito que o Fono ajuda para a criança, a pessoa falar em português, também iria ajudar essa construção e essa formação para libras. aí pensa assim, ah, mas seria uma aula de libras? não, não é aula de libras, porque não é ensinar sinal. Vai ensinar como organizar tanto a sua mente, quanto a sua fala, ali, em sinais.
Maria Paula	434 435	legal, bacana, essa possibilidade também. ana, pode falar.

Ana	436 437 438 439 440 441 442 443 445 446 447 448 449 450 451 452 453 454 455 456 457 458 459 460 461	concordo, tiana, bem que a tiana comentou, né, ali, e bem disso, né, porque, claro, no curso de libras, a gente, pelo menos, até então, agora já vem se mudando, a gente linha muito, eu, pelo menos, linha muito do palavra sinal, né, palavra sinal. E como é que você constrói esse cenário? Tá, ok, isso cabe ao professor de libras, penso eu, mas nada impede que o fono também te auxilia essa construção de sinais também, né, querendo ou não, como eu ligo fono sempre a vocal, né, sempre. Mas ali, agora, com essa explicação do conceito, é linguagem, então, né, cada linguagem, sua estruturação, de que forma utilizar, então, realmente, de auxiliar a gente como L2, né, de construção de postura mesmo para sinalização e coisa, porque imagina tudo travado, tudo tenso, vai sair o que? Vai sair como? Vai sair daquele jeito também? Então, não, tem isso mesmo. Ajuda muito. pode falar.
	462 463 464 465 466 467 468 469 470 471 472 473 474 475 476 477 478 479 480 481 482 483 484	assim como o fono para ouvinte vai corrigir a produção dos fonemas, da fala, eu penso que também a produção de sinais, né, os parâmetros, né, a configuração de mão, a localização correta, o movimento, toda, toda essa estrutura dá, a gente vai vai ajudar a gente a utilizar da melhor forma, da forma correta, ou de uma forma que não nos cause dor, porque às vezes a gente está sinalizando de um jeito que causa dor nas articulações, porque a gente não tá com, às vezes, uma postura, uma postura integral. E é a sinalização mesmo, o sinal tem uma configuração assim, aí alguém faz assim. e, claro que tem a questão do uso da língua, né, que a gente, tipo, ontem faz ontem tudo, faz ontem aqui, ontem aqui, ontem aqui, e onde é a articulação correta? Será que é correto? ou no uso da língua acontece assim?
Maria Paula	485 486 487 488 489 490 491 492	um outro ponto, antes da tiana responder, vocês estão falando do fono bilíngue atuando da do português para libras ou somente para libras. se ele é bilíngue, será que ele não poderia atuar também no outro sentido? Configuraria fono bilíngue ou não? Seria fono de voz só?

	493 494 495 496 497 498 499 500 501 502 503 504 505 506 507 508 509 510 511 512 513 514 515 516 517 518 519 520 521 522 523 524 525 526 527 528 529 530 531 532	não, seria fono bilíngue sim, porque foi o que eu falei, a construção para o português também prejudica muito em alguns momentos. Para mim, pelo menos, teria muito mais dificuldade, seria muito mais útil para mim dar libras português do que do português para libras, não que não fosse também útil, mas seria mais. E, por exemplo, se eu fizesse para a senhora, que sabe libras, então seria muito mais fácil uma fono que sabe libras me ajudar a fazer essa construção do que uma fono que não sabe libras, porque vai adiantar nada. E sobre o que a violeta estava falando, eu achei muito interessante quando ela falou sobre a construção do sinal da mão, que quando eu aprendi libras, eu lembro que falava muito sobre, não sei se ainda utiliza esse termo, sinais sujos. A pessoa sinaliza, a pessoa sabe fazer, mas o sinal dela é sujo. E eu tenho uma aluna que ela é excelente, mas os sinais dela são assim, ela sabe fazer, mas na hora de sinalizar, é como se ela falasse sobre esses dias, e isso em libras. tem gente que gagueja em libras. Eu tenho alunos que são gagos na libras. Faz uma repetição dos sinais o tempo todo, tem sinal, lógico, tem a sua repetição. Mas é tipo, porque, porque, porque eu, eu, eu, eu vou comer, comer, comer, comer, e eu falo, você está gaguejando, você está gaguejando, mas tem gagueja, tem, se você faz a repetição, que é fora do parâmetro, é gago. então, acho muito válido mesmo.
Maria Paula	533 534 535 536 537 538 539 540 541 542 543 544 545	que legal, interessantes essas considerações. Gente, pensando no nosso curso de extensão, sei que já ficou para trás há um tempo, não sei se ainda se lembram, o que vocês poderiam apontar, assim, de falta nesse curso de extensão? Faltou isso? Se tivesse aquilo, seria mais bacana? O que poderia ser acrescentado? Ou, assim, algo que talvez não tenha sido tão bacana, de repente, para próximas edições a gente poder fazer algo mais interessante?
	546 547 548 549	Ah, eu acho que foi tempo, na minha opinião. Vou dar um exemplo. O curso de extensão que a gente fez do INIS, ele foi de 400 horas. Isso por foco na

	550 551 552 553 554 555 556 557 558 559 560 561 562 563 564 565 566 567 568 569 570 571 572 573 574 575 576 577 578 579 580 581 582 583 584 585 586 587 588	Libras, que é uma coisa que a gente faz todos os dias. E a gente aprendeu coisa pra caramba. Ah, não importa quanto tempo de experiência que teve. Eu aprendi coisa pra caramba, até mesmo que era contexto religioso, era culinária, era texto sensível, era... Praticou tudo naquele... Tudo não, né, que ninguém pratica tudo, mas sim. Foram 400 horas, foram nove a dez meses de curso. E a minha forma de interpretar mudou muito. Por exemplo, hoje eu trabalho aqui na Política, eu trabalho na Lege. E me ajudou muito aquele curso que até então nunca tinha interpretado voltado pra política. E lá teve o momento do treino pra Política. Então, se no treino pra voz, se a gente tivesse mais tempo, durasse mais, poderia ter treinado, assim, várias formas. Meio acadêmico, que é um lugar que assusta. Teatro, que hoje em dia nós temos surdos que estão aí na área artística. Então, você fazer voz no teatro. Não só sala de aula, Política. Há surdos que querem colocar coisas na rede social sobre culinária e você fazer voz daquilo. Porque ainda tem isso, não é só fazer voz. Ainda tem entonação que combina com aquela arte, por exemplo, stand-up. Surdos que fazem rap. Você tem que acompanhar na voz, não é só fazer lá, igual a gente faz, por exemplo, numa sala de aula. Então, mais tempo de curso ajuda a explorar várias áreas e treinar mais.
Maria Paula	589 590	bacana. Muito obrigada, tiana. violeta, ana...
Ana	591 592 593 594 595 596 597 598 599 600 601 602 603 604 605 606	posso falar? Aproveitando o que a tiana falou de mais tempo. maria paula, tudo que tu encontrou de possibilidades do que uma fono bilíngue pode fazer, de encaixar isso tudo num curso. Então, assim, eu vou abranger várias áreas de trabalho, beleza, mas tá, e o que mais que eu posso, o que mais é possível fazer esse atendimento? Construção de sinal, construção de língua portuguesa, sei lá, enfim, tratamento de voz, entonação de voz. Então, assim, de colocar todas essas possibilidades aí que tu encontrou nesse teu trabalho, que tá encontrando, que tu tá

	607 608 609 610 611 612 613 614 615 616 617 618	estudando, colocar isso tudo num cursão aí. Então, foi um curso muito bom, realmente, pra mim eu nunca tive nada do tipo, então não tem como dizer, ah, faltou isso, isso e aquilo. Mas com o tempo maior, com certeza, tu conseguirias abranger uma gama ali de possibilidades, que com certeza tu já tens aí no teu trabalho que tu encontrou, de nichos que podem ser atendidos por esse profissional.
Maria Paula	619 620	legal, bacana, ana. muito obrigada. violeta?
Violeta	622 623 624 625 626 627 628 629 630 631 632 633 634 635 636 637 638 639 640 641 642 643 644 645 646 647 648 649 650 651 652 653 654 655 656 657 658	eu concordo com as colegas, assim, é a questão do tempo, foi um curso de duração curta, né, e aí a gente não conseguiu se aprofundar ou praticar mais das opções que a tiana falou e a ana também, o que a gente tá comparando com o curso de extensão que a gente fez com *nomes ocultos*, eu e a tiana fizemos e a ana fez. mas foram 400 horas, aí foi explorar bastante e foi material pra tese deles de doutorado. Então, essa aplicação desse curso foi a tese deles. Então, a gente praticou muito mesmo, muito prática, nove meses de prática e bem, muitas horas, eram de uma em cinco. Toda segunda e quinta. Então, assim, oito horas por semana de curso. Então, foi bem e muita coisinha. Glauber é todo certinho, organizado e caixinhas e a gente ia acompanhando. Mas foi, ajudou bastante. Então, eu penso que o que faltou, o que poderia ser, é a questão do tempo pra gente poder explorar melhor as técnicas que a gente vai aprendendo e tudo mais que a gente for aprendendo. Porque, assim, hoje, depois do curso, hoje eu tenho conhecimento. Mas pra internalizar, eu acho que eu precisaria tá praticando mais ali. Pra pegar, pra ficar em mente. Eu me acostumei a fazer isso. Tipo assim, conheci, conheci, conheci, pratico um pouquinho. Mas faltou mais tempo pra isso virar um hábito.
	659 660 661 662 663	eu acho. Se fosse, por exemplo, uma disciplina de uma graduação de letras libras, obrigatória, pensando aqui agora, faria sentido? Auxiliaria? Deveria ser. Deveria ser.

Tiana	664 665 666 667 668 670 671 672 673 674 675 676 677 678 679 680 681 682 683 684 685 686 687 688 689 690 691 692 693 694 695 696 697 698 699 700 701 702 703	na verdade, não era nem pra ser uma alternativa na minha opinião, pelo menos, né? tiana, quem sou eu na fila do pão pra falar, mas todo dia você tá fazendo letras libras e não só bacharelado, também a licenciatura. Tinha que ter matéria pra isso. E não tem. Foca só na libras, foca muito, às vezes, no português e não foca na parte da voz. Então, o que a gente vê são profissionais formados, mas que acabam fugindo da voz, não por incompetência ou incapacidade é porque não foi treinado não foi ensinado não tem como cobrar uma coisa que você acaba tendo que aprender no dia a dia na prática mas fulano já tem uma experiência mas como essa pessoa pegou essa experiência na voz ela começou há mil anos ali capengando pegando um pouquinho com um percando um pouquinho com outro falando de mim pelo menos eu lembro quando entrei na *nome da universidade* quase desce e pegando confiança me dando sinais palavras sinais técnicos fala o aluno doutorado tá fazendo libras eu não posso usar qualquer palavra em português eu tenho que procurar em muitos momentos e chorei muito até o dia que eu fiz ah ficou legal mas até lá muito diferente de um curso na que você tá lá mesmo pra errar e aprender profissionalmente você não tá pra errar então causa frustrações causa levei isso para psicólogo causa trauma
Maria Paula	704	obrigada tiana por compartilhar
Violeta	705 706 707 708 709 710 711 712 713 714 715 716 717 718 719 720 721	eu até pouco assim acho que dá pra fazer até um curso de extensão porque se pensa trinta ou sessenta horas você vai dar teoria mas o tempo de prática acaba sendo pouco também eu eu penso assim porque eu até comparo com direção aprender dirigir a gente quem não tem prática nenhuma vai fazer auto escola aprende a passar na prova aprender a dirigir mesmo ou é encarando e também e eu no momento estou fazendo um curso que é no dirigindo bem que é um curso para habilitados que faz toda a diferença e aí você tendo segurança o resto você vai desenvolvendo adquirindo um vocabulário melhor para você fazer em

	722 723 724 725 726	várias áreas mas eu acho que sem saber utilizar as técnicas e você tendo confiança o que você vai conseguir você encarna e desenvolve naturalmente
Maria Paula	727	violeta. ana, pode falar
Ana	728 729 730 731 732 733 734 735 736 737 738	falou e disse gente eu estou entrando no carro porisso a minha prática depois que eu preciso disse mas eu tenho aquele curso lá eu nem cheguei a entrar na sala de aula no google class um ali para poder pegar o perdi ai que pena estou vendo não ali a gente perdeu você falou no google para pegar aí parou não fiz não consegui internalizar não automático e seja que deus quiser
Maria Paula	739 740 741 742 743 744 745 746 747 748 749 750 751 752 753	a gente perdeu uma parte da tua fala mas acho que deu para entender pelo contexto As Intérpretes Aqui Sempre Entendendo Pelo Contexto Você Deu Certo A Mente Acho Que Vocês Estão No Trabalho De Vocês Também Correndo Muito Obrigada A Todas Pela Participação E Vou Mandar Para Vocês O TCLE E Pretendo Mandar Até Até a semana que vem. E peço que vocês só assinem e me mandem de volta. Muito obrigada pela participação, pela troca. Muito importante para mim, pelo tempo de vocês. Bom trabalho para vocês aí. Obrigada.
Todas	754 755 756	imagina a gente que agradece. Muito obrigada pela confiança aí. De nada. Tchau, tchau. Tchau.